

vozes na cultura potiguar

BROUHAHA

Prefeitura Municipal do Natal Fundação Cultural Capitania das Artes Ano 1 Nº 6 Novembro/Dezembro 2006

ARQUITETURA NATALENSE

entrevista / MOACIR GOMES
PONTOS DE CULTURA
SELOS DO ROCK NATALENSE

P
(05)-RN

NOV/DEZ-2006-Nº 6

F. Fernandes
10/10/2010**MODERNO...**

Tomou o martelo pesado todo cheio de barro
E tocou a destruir todo verso bem feito...
Malhou nas ogivas dos decassílabos: tá! ta! tá!...
E os pedaços de cornijas caíam pelo chão relvoso
Numa monotonia de pedaços de cornijas...
Fez cair todas as flores de liz que corneavam as janelas
E sobre o montão novo de ruínas de versos sonoros
Começou a viçar toda vegetação alegre da terra:
Pés de jurubebas, canapuns, pinhões se erguiam...
As flores que ainda não foram vistas: azuis amarelas vermelhas pintadas.
As folhas viçosas dos mata-pasto...
Lagartixas... Calangos num sim-sim de cabeça se
estiravam
Ao sol gostosamente quente...
Melões de São Caetano enfeitavam todo o basculho
Da arquitetura colonial...

Jorge Fernandes, 1927

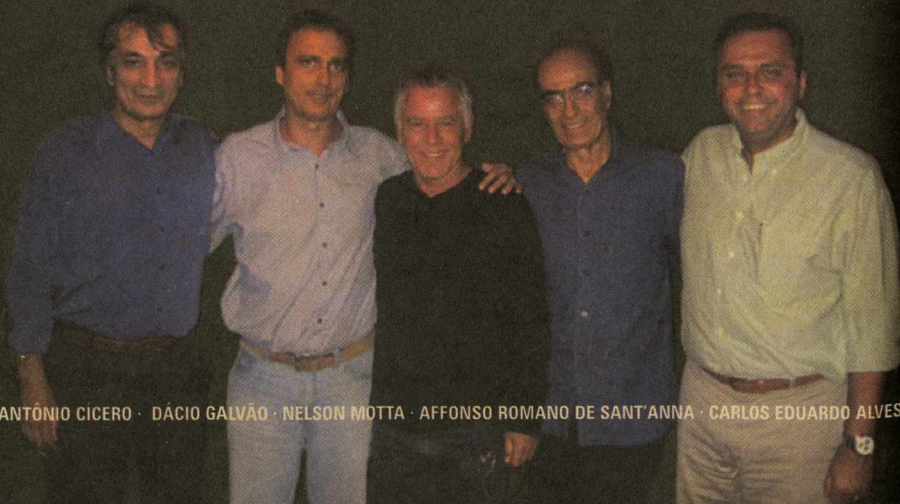


Fechando este ano, a sexta edição da revista BROUHAHA trata, sob diferentes ângulos, da arquitetura em nossa cidade. O leitor irá percorrer ruas, becos, praças e avenidas de Natal numa leitura agradável que discorre sobre arte sacra, quando aborda a edificação de igrejas e da nossa nova catedral, obra de Marconi Grevi. O arquiteto Gaudêncio Torquato nos fala do surgimento da arquitetura moderna em Natal e temos ainda uma abordagem de Haroldo Maranhão sobre o projeto de revitalização da Ribeira, bairro tão querido a todos.

O tema permanece vivo nas páginas da revista, em reportagem que aborda o projeto do consagrado construtor de Brasília, Oscar Niemeyer, idealizado para o futuro Parque da Cidade, uma área de 64 hectares, ligando as zonas sul e oeste, que irá se constituir em mais um equipamento de lazer e aprimoramento da cultura do meio ambiente de nossos cidadãos, pois abrigará a primeira escola de educação ambiental do Estado.

Das muitas e interessantes matérias desta edição, chamo sua atenção, leitor, para aquela que trata do Encontro Natalense de Escritores que a Prefeitura, através da Fundação Cultural Capitania das Artes, promove de 23 a 25 de novembro, trazendo para o nosso convívio grandes expressões de nossa literatura, como Antônio Cícero, Affonso Romano de Sant'Anna, Murilo Melo Filho, Villas-Bôas Corrêa, Ruy Castro, Nelson Motta, Zuenir Ventura. O ENE, que será realizado no largo da rua Chile, na Ribeira, permitirá também o conagraçamento com novos escritores, denominados Jovens Escribas. Uma oportunidade sem igual para elevarmos nosso nível de exigência cultural, através de um intercâmbio que raras vezes se oportuniza.

CARLOS EDUARDO ALVES
Prefeito de Natal



ANTÔNIO CICERO · DÁCIO GALVÃO · NELSON MOTTA · AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA · CARLOS EDUARDO ALVES

A celebração do Dia da Consciência Negra com a primeira mostra fotográfica no RN de Pierre Verger, sugere reflexão étnica. Os ladrilhos hidráulicos pavimentando olhares semióticos é por onde caminha e tateia a artista plástica Célia Albuquerque.

Vozes transcriadoras: F. Nietzsche e Márcio Borges mineiramente exclusivo na BROUHAHA. É o poema "Nur Narr, nur Dichter" de *Os ditirambos de Dionísio*.

Mais negritude: Cruz e Souza, Lima Barreto, Machado de Assis e Gilberto Gil na poética raça de João Batista de Moraes.

Produção e vivência sonora por Alexandre Maia. Charme e dança com A. Lincoln e sua audição vitoriosa pelo Bolshoi de Balé no Brasil. Moacir Gomes no ar, traduzindo sua arquitetura fundadora, modernista.

É assim, espiralado e contínuo o fluxo e o refluxo produtivo de Natal com seus localismos e pontes, entre, e com outras cidades.

DÁCIO GALVÃO
Presidente da Fundação Capitania das Artes



Fotos: PIERRE VERGER
da exposição *Luz-Símile-Sombra*

SUMÁRIO

Notas da redação 06 / Cartas 07 / Texto Oscar Niemeyer 08

ENTREVISTA: Moacir Gomes 10 / Arquitetura em Natal: do sacro à modernidade 16

Assim chegou a arquitetura moderna em Natal José Gaudêncio Torquato 24 / A revitalização da Ribeira, dez anos depois Haroldo Maranhão 27 / Parque da cidade Ana Miriam Machado 30 / Mostra Pierre Verger Alex Baradel 32

Os escombros do modernismo 34 / ENSAIO: Como antigamente Célia Albuquerque 39

Apenas maluco! Apenas poeta! Márcio Borges 43 / Um encontro com as várias literaturas do Brasil 46

Pontos de Cultura: os meios e as mensagens 50 / Selos mostram as faces do rock natalense 60

POESIA: João Batista de Moraes Neto 66 / Alexandre Maia, bem perto dos artistas 68

Bailarinos 70 / Mercado audiovisual 74

BROUHAHA

A revista BROUHAHA é uma publicação trimestral da Prefeitura Municipal do Natal, através da Fundação Cultural Capitania das Artes

Prefeito Carlos Eduardo Nunes Alves Presidente da Fundação Cultural Capitania das Artes Dácio Galvão Conselho Editorial Dionísio Outeda, Moisés de Lima, Afonso Martins Editor Moisés de Lima Editor Assistente Yuri Borges Repórteres Jóis Alberto, Michelle Ferret, Patrícia Cordeiro, Rafael Duarte, Renato Lisboa, Sérgio Vilar Colaboradores Alex Baradel, Ana Miriam Machado, Célia Albuquerque, Haroldo Maranhão, João Batista de Moraes Neto, José Gaudêncio Torquato, Márcio Borges, Marquês de Pindorama Revisão Fernando Cardoso Fotos Argemiro Lima Direção de arte Afonso Martins Designer Jussié Costa Distribuição Anna Maria Jasiello (capitaniadasartes@yahoo.com.br) Estagiário Victor Olavo Roca

Foto da capa e contra-capas Argemiro Lima.

FUNDAÇÃO CULTURAL CAPITANIA DAS ARTES
Endereço: Av. Câmara Cascudo, 434, Centro, Natal-RN, Cep 59025-280
Telefone: (84) 3232 4956 – e-mail: revistabrouhaha@hotmail.com

BROUHAHA
verbeta de origem judaica, significa movimento, agitação ruidosa, burburinho (Dicionário Houaiss de língua portuguesa). Segundo correspondência endereçada ao escritor pernambucano Joaquim Inojosa em agosto de 1925, o historiador Luis da Câmara Cascudo planejava usar a palavra BROUHAHA como título de um volume de poemas.

notas da redação

NOVA EDIÇÃO

A BROUHAHA chega à sexta edição destacando duas matérias: arquitetura natalense e o Encontro Natalense dos Escritores. A primeira apresenta uma visão ampla de arquitetos locais sobre a intervenção desta sobre a paisagem urbana local. Destaque para a entrevista de Moacir Gomes, os artigos de Haroldo Maranhão e a reportagem de Sérgio Vilar sobre o tema. A segunda traz uma matéria em tom ensaístico sobre o evento literário que se realiza pela primeira vez em Natal trazendo nomes do porte de Rui Castro, Zuenir Ventura, Afonso Romano de Sant'Anna, Nelson Motta e Jorge Mautner. Além de escribas locais como Diva Cunha, Marize Castro e Pablo Capistrano.

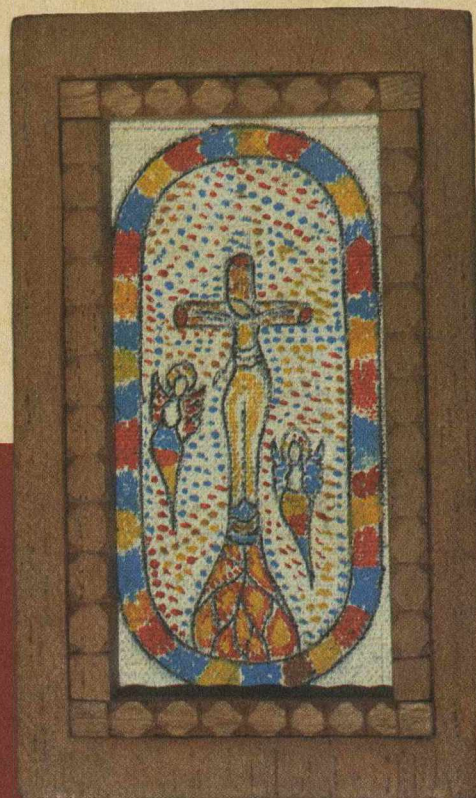
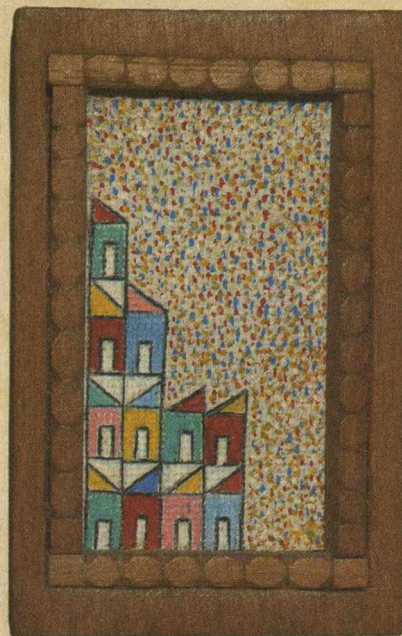
VERGER

A inclusão das imagens do fotógrafo francês Pierre Verger nesta edição se deve a exposição do artista na Capitania da Artes entre os meses de novembro e dezembro de 2006.

BIMESTRAL

Com o lançamento em novembro, a BROUHAHA cumpre o objetivo de ser uma publicação bimestral para melhor informar os leitores sobre a arte produzida na cidade. Mantivemos o número de 80 páginas como medida ideal para a publicação. A sétima edição deverá ser lançada em meados de fevereiro de 2007.

"Este produto foi confeccionado com recursos da Lei Federal de Incentivo à Cultura e deve ser destinado obrigatoriamente à distribuição gratuita."



ERRATA

As obras que ilustram a matéria "Desmoulins Jotó, o construtor Minimalista" publicada na 5ª edição da BROUHAHA, páginas 58 e 59, pertencem ao acervo do médico João Batista de Lima Filho, "Zizinho".

cartas

revistabrouhaha@hotmail.com

Natal/RN, 08 de novembro de 2006.

Caro Editor:

Gostaria de expressar o meu desagravo referente à matéria intitulada "Cemitério do Alecrim" (Edição No. 05, Set/Out 2006), de autoria do jornalista Ugo Leite, onde o mesmo faz referências ao túmulo de Câmara Cascudo. O jornalista, na citada matéria, refere-se ao túmulo como "simples, de mármore branco, desgastado, sem brilho" e reclama da falta de "fotografia" e "lápide imponente". Trata-se, é bom ressaltar, de um jazigo de família e como tal obedece a critérios de gosto pessoal e não passíveis de discussão estética. Ele representa um local de peregrinação familiar e não um monumento público destinado à visitação turís-

tica. É importante que se faça a distinção sutil entre CÂMARA CASCUDO, figura pública, e CÂMARA CASCUDO, pai, avô e homem. Se em vida o meu avô nunca gostou de pompa e imponência, tendo pautado sua vida pela simplicidade, não seria depois de morto que seus valores seriam diferentes. Uma revista cujo título é uma homenagem a Luís da Câmara Cascudo deveria ter mais respeito pelo seu nome e o de uma família que luta, de forma digna e honrada, para preservar a sua memória.

Atenciosamente,
Daliana Cascudo

Cara Daliana:

Não foi nossa intenção desrespeitar a memória de Luis da Câmara Cascudo e muito menos da família que cuida do patrimônio intelectual do nosso maior etnógrafo. A reportagem de Ugo Leite teve como único objetivo mostrar a história do Cemitério do Alecrim e fazer uma descrição sobre os túmulos de personalidades e pessoas anônimas que estão enterradas naquele campo santo. Em todas as edições da revista reverenciamos a obra do mestre. A começar pelo título da publicação, que se inspira num volume de poemas que o escritor pretendia editar.

Com estima,
Moisés de Lima
Editor da Brouhaha

AUTO DE NATAL

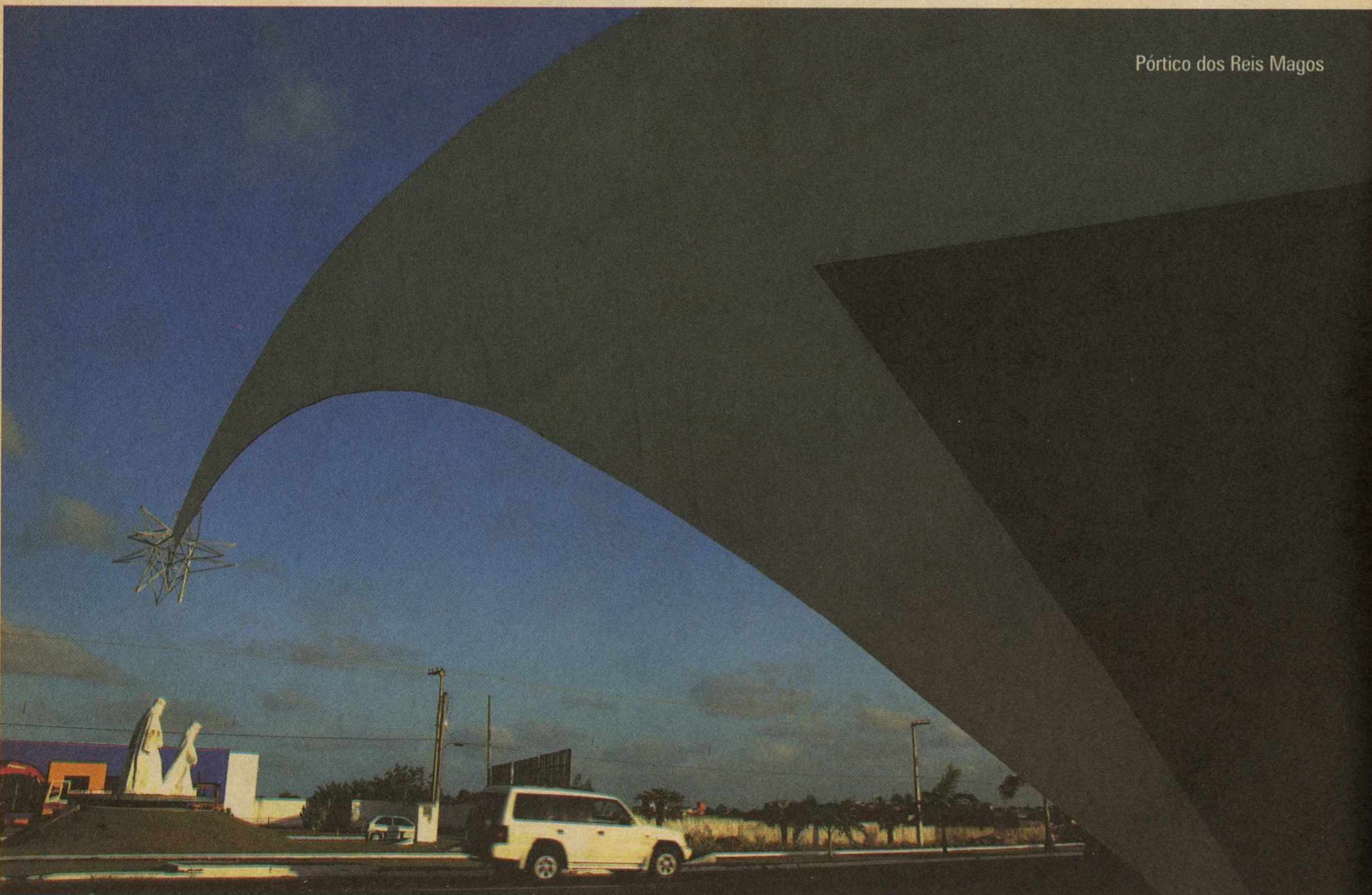
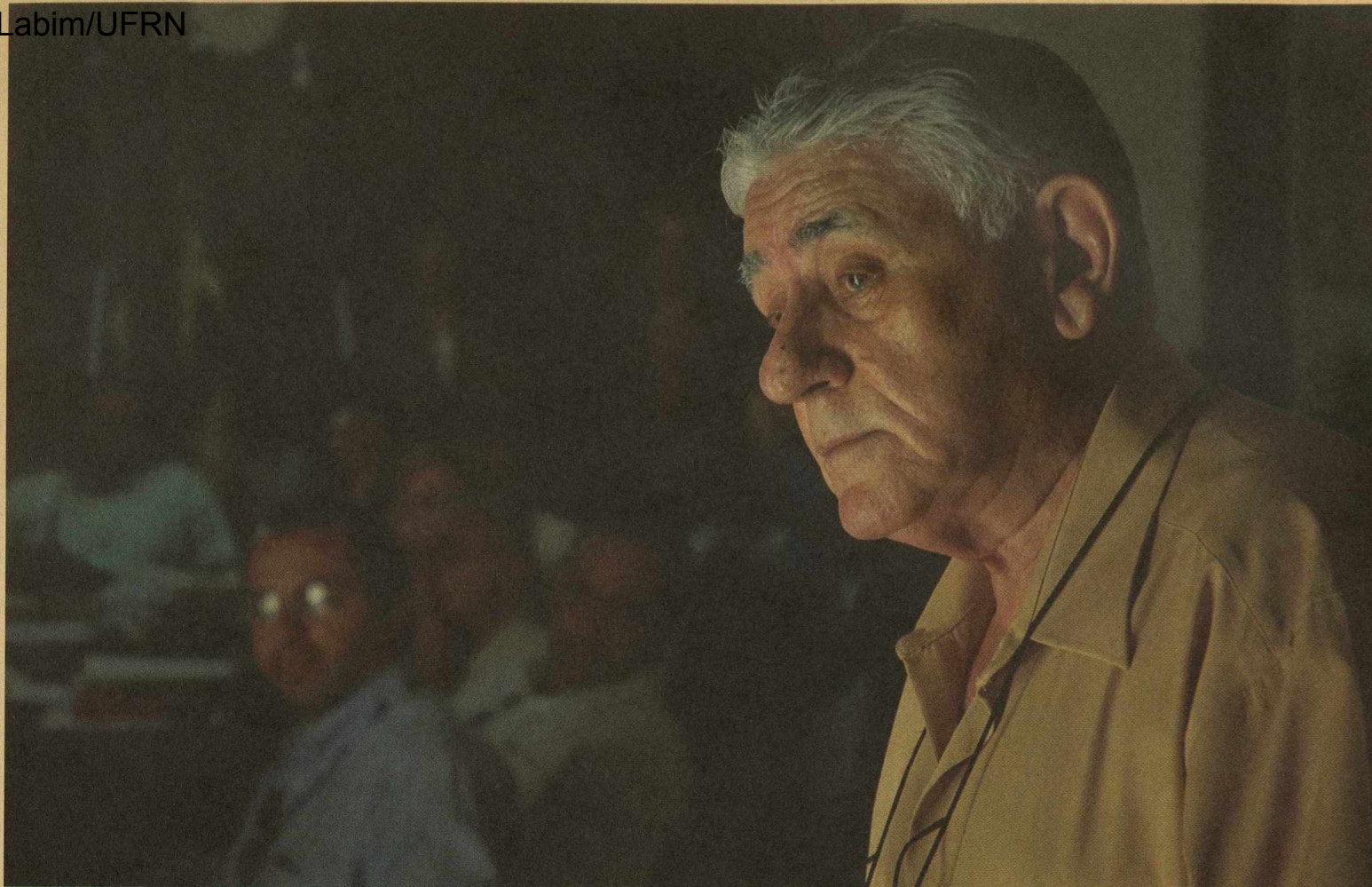
Em 1º de novembro a Fundação Cultural Capitania das Artes realizou no Salão Nobre do Palácio Felipe Camarão o lançamento oficial do Auto de Natal - *O menino e os reis*, texto de Nei Leandro de Castro e direção de Lenício Queiroga. O evento contou com a presença da cantora paraibana Elba Ramalho que participa do espetáculo no dia 23 de dezembro. Além dela participam também Fagner e Alceu Valença. O lançamento do Auto contou com a presença de atores, bailarinos, técnicos, além da imprensa e público local. Na oportunidade o prefeito Carlos Eduardo destacou a importância e a tradição do Auto de Natal para a cultura natalense.

Dácio Galvão, Elba Ramalho e o prefeito Carlos Eduardo Alves





Eu gosto da idéia, é uma área muito bonita, um parque formidável, cheio de interesses para a cidade. A torre que eu fiz é monumental. De modo que acho uma coisa nova para a cidade, que cria interesse. Acho que é importante para Natal, para o povo de Natal ter um lugar assim tão bonito, com mais acessos. Eu estou contente com este encontro. Senti que o prefeito tem o maior empenho, vocês todos, de modo que eu quero colaborar. Oscar Niemeyer

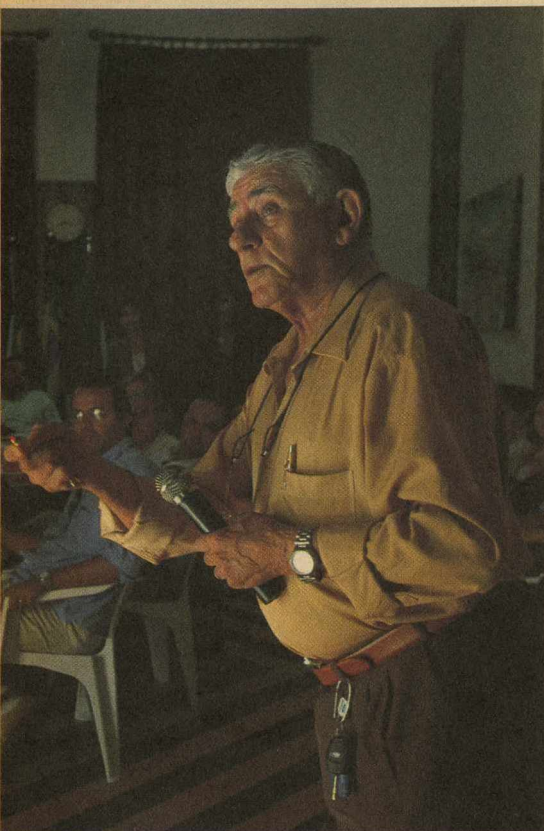


MOACIR GOMES

Entrevista a
Gaudêncio Torquato
e **Haroldo Maranhão**

Fotos
Argemiro Lima

A história de Moacir Gomes se confunde com a própria trajetória da arquitetura moderna do Rio Grande do Norte. Com mais de 50 anos dedicados a importantes projetos, este caicoense, radicado desde criança em Natal, é responsável pelo traço fundamental de edifícios referenciais na paisagem da cidade: o Estádio Castelão (hoje Machadão), o Centro Administrativo (em parceria com Ubirajara Galvão), a Faculdade de Odontologia, o Edifício Barão do Rio Branco e a sede do DER, estes dois últimos com os arquitetos Daniel Holanda e João Maurício, entre outros projetos. Formado pela Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro, onde morou e trabalhou até meados de 1962, Moacir Gomes realizou projetos importantes na então capital federal, como a edificação do Centro de Abastecimento da Guanabara. De volta ao Rio Grande do Norte, planejou várias residências e conjuntos habitacionais. Em Mossoró e Caicó foi o responsável pelos prédios dos institutos de educação dos dois municípios. No currículo, outras obras importantes podem ser citadas como o Cine Teatro Cid (Mossoró) e o Ginásio Humberto Nesi, em Natal. No momento o arquiteto trabalha no projeto do Ginásio da Zona Norte e na reforma do Estádio Machadão, que contemplará um museu do esporte, uma piscina olímpica, uma quadra de tênis, além de estacionamento para 1.200 veículos. Nesta entrevista à BROUHAHA, Moacir Gomes fala sobre sua formação, as escolas de arquitetura, os principais projetos que emolduram a paisagem urbanística natalense, as novas tecnologias e sobre a emoção transmitida pela profissão.



Como foi a sua formação na Escola Nacional de Belas Artes (RJ) e quais as suas principais referências no contexto da Arquitetura Moderna naquele período?

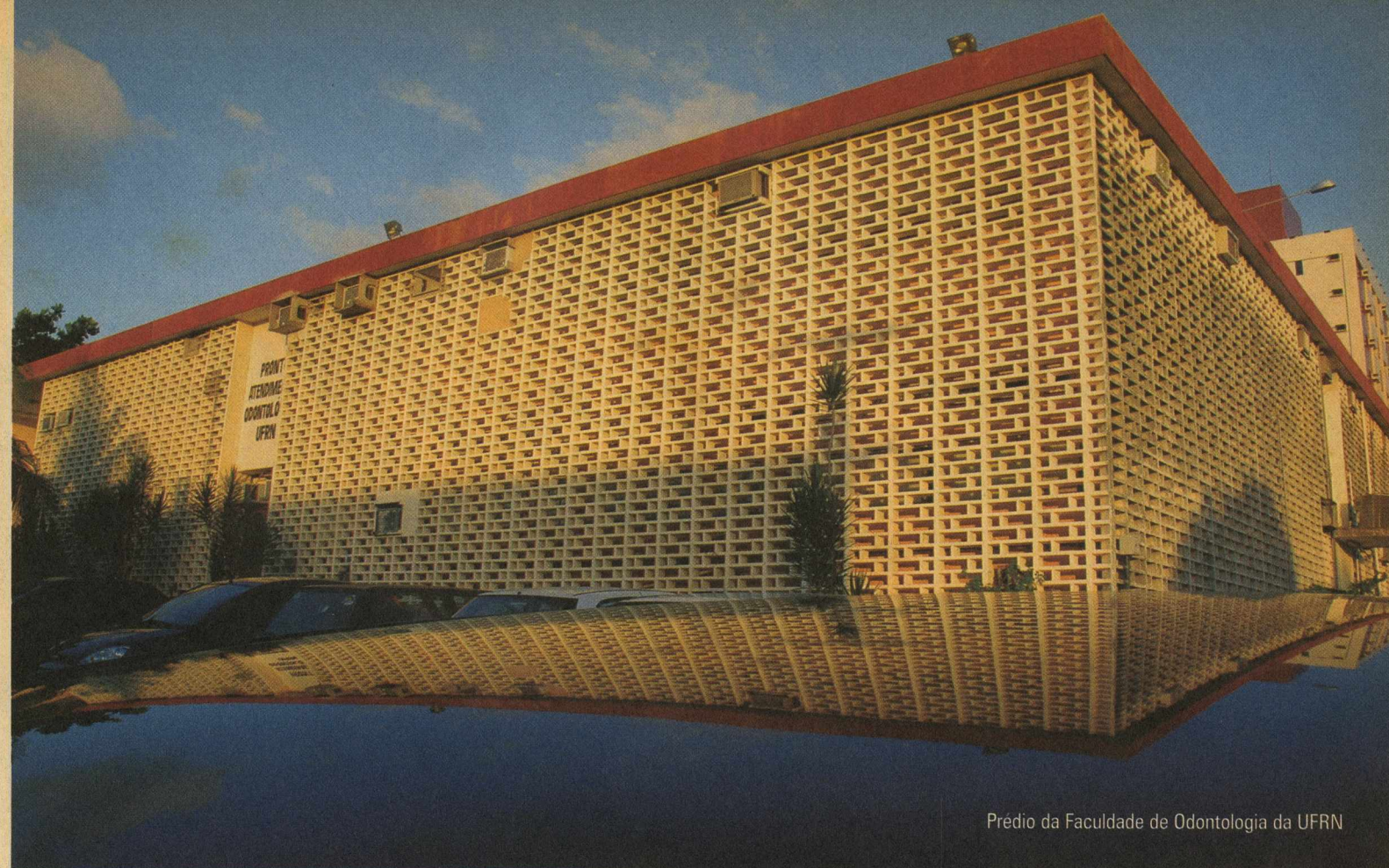
Inicialmente um pequeno reparo: minha formação universitária ocorreu no espaço físico da Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, mas naquela altura em curso independente através da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, criada para o fim de ensino de arquitetura e urbanismo; alguns dos maiores exemplos de arquitetura moderna, eram na época, na então Capital Federal, o prédio do Ministério da Educação, a sede da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), Aeroporto Santos Dumont, Parque Guinle, Parque do Pedregulho, sede do Instituto de Resseguros do Brasil, Complexo Esportivo do Maracanã, Parque do Aterro Gloria/Flamengo, na minha opinião, uma das mais belas obras de arquitetura/urbanização/paisagismo do mundo, tendo como moldura a obra prima de Deus, que é a baía da Guanabara, além de outros monumentos arquitetônicos notáveis, alguns já tombados ao Patrimônio Histórico. Os arquitetos cariocas de maior referência na época eram, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Afonso Eduardo Reidy, Jorge Moreira Machado, Pedro Paulo Bastos, Rafael Galvão, Sergio W. Bernardes, Henrique Mindlin, Natal Paladini, Jaques Pilon, e muitos outros grandes valores que, junto a outros grandes arquitetos de outros estados brasileiros, tornaram nossa cultura admirada e aplaudida aos olhos do chamado primeiro mundo.

Na década de 50 duas escolas "disputavam" a hegemonia da Arquitetura Moderna no Brasil: a carioca e a paulista. Como você percebia essas correntes?

De fato, nas décadas de 40 e 50 as escolas carioca e paulista disputavam, no melhor sentido, a hegemonia da arquitetura moderna no Brasil, em que pese a grande produção dos nossos arquitetos em outros estados, principalmente em Pernambuco e Bahia; quando ingressei na Faculdade de Arquitetura, em 1949, embora decorridos quase trinta anos da consagrada Semana de Arte Moderna de 1922, movimento intelectual de profunda renovação dos padrões estéticos na criação artística no Brasil, ainda pulsavam em nossos arquitetos, escultores, pintores, poetas e escritores as vibrações e energias do ideário Modernista, fazendo com que nossa produção intelectual levasse a outras culturas, a idéia de que não éramos apenas o país do café, do samba e do futebol. É justo que aqui sejam também citados alguns dos grandes nomes dos arquitetos paulistas que mais se destacaram naquela época de ouro, tais como Vilanova Artigas, Gregori Warchavchick, Carlos Botti, Oswaldo Bratke, Eduardo Kneese de Melo, Lina Bo Bardi, Anhaia Melo e tantos outros que ilustraram a arquitetura brasileira. Não vejo como perceber diferenças fundamentais entre as correntes paulista e carioca do ponto de vista técnico, estético ou conceitual, nem mesmo nos resultados quantitativos ou qualitativos, mas, considerando que a obra arquitetônica tem que mostrar perfeita harmonia com o sítio onde é implantada, com sua natureza, paisagem, clima e cultura, pode-se perceber uma elegância sóbria e discretamente geométrica da arquitetura paulista, em função do traçado do seu sítio e do comportamento mais conservador do povo paulista, enquanto a arquitetura carioca é mais descontraída, formalmente mais livre, em função da riqueza natural e alegremente luminosa do sítio onde ela se desenvolve, e da conhecida informalidade do povo carioca.

Como era a produção Arquitetônica em Natal quando você aqui montou o seu escritório?

Quando iniciei minha vida profissional em Natal, a produção arquitetônica local era



Prédio da Faculdade de Odontologia da UFRN

Quando ingressei na Faculdade de Arquitetura, em 1949, embora decorridos quase trinta anos da consagrada Semana de Arte Moderna de 1922, movimento intelectual de profunda renovação dos padrões estéticos na criação artística no Brasil, ainda pulsavam em nossos arquitetos, escultores, pintores, poetas e escritores as vibrações e energias do ideário Modernista

limitada ao esforço e talento de alguns bons desenhistas existentes que não tinham formação universitária, pois aqui ainda não tinha Universidade, e eles provavelmente não tinham recursos financeiros para estudar em outros estados, como era moda na época. É justo que se registre que aqueles profissionais foram de grande utilidade para a cidade e, para mim pessoalmente, além da amizade com que me brindaram, concorreram para que me fosse possível criar o primeiro escritório profissional de arquitetura em nossa cidade. Logo a seguir, começaram a chegar outros arquitetos, quase todos potiguares que foram diplomados nas faculdades de outros estados, tais como Francisco Monte, José Maria Fonseca, Raimundo da Costa Gomes, Manoel Coelho, Daniel Hollanda, João Mauricio de Miranda, Marconi Grevy, e, um pouco depois o saudoso Ubirajara Galvão.

Todos esses profissionais, alguns já falecidos, prestaram inestimáveis serviços à cidade e ao Estado, não só pela produção arquitetônica, como também como fundadores ou professores dos cursos de Engenharia, e posteriormente, de Arquitetura, como também na Escola Técnica Federal (ETFRN).

Quais os projetos em Natal e no Estado dessa época que incorporaram o ideário Modernista?

Os projetos que aqui encontrei com características "modernistas", eram alguns exemplares produzidos pelos arquitetos da equipe do escritório de Saturnino de Brito, lá

pela década de 30, equipe esta que além de ter saneado quase totalmente a cidade, deixou marcos da arquitetura de boa qualidade, que infelizmente, foram demolidos ou totalmente descaracterizados pelo inevitável crescimento urbano. A seguir, alguns exemplos de projetos com características modernistas até a década de 80, ou produzidos por mim isoladamente ou em parceria com alguns profissionais anteriormente nominados, ou ainda, produzidos por profissionais constantes ou não da listagem aludida, esclarecendo que a relação abaixo é certamente incompleta e inteiramente a meu critério pessoal: Sede do DER (Departamento Estadual de Estradas de Rodagem), Sede do IPE (Instituto de Previdência do Estado), Centro Administrativo do Estado, Complexo Esportivo de Lagoa Nova (Estádio "Machadão"/Ginásio "Humberto Nesi"), capela do campus universitário da UFRN, Edifício Barão do Rio Branco (pioneiro como edifício para escritórios provido de galeria comercial), Institutos de Educação de Mossoró e Caicó, Cine-Teatro CID também em Mossoró, Hotel Vila do Príncipe, em Caicó, além de alguns projetos que marcaram Natal até a década de 80, como contribuição de alguns colegas de Recife, como por exemplo, a sede social do América F.C., de Delfim Amorim, Hotel DUCAL, da equipe Waldecy Pinto, Renato e Didier, alguns projetos residenciais bastante significativos dos arquitetos Augusto Reinaldo Alves, Heitor Maia Neto e José Fernando Nunes de Carvalho, e, cabe também registrar a participação dos colegas cariocas Luiz Acioli e Paulo Casé,

Edifício
Barão do Rio Branco



Sede do IPE –
Instituto de Previdência
do Estado do RN



cujo melhor exemplar é o Hotel Thermas em Mossoró.

Hoje, com dois cursos de Arquitetura e Urbanismo, “despejando no mercado” mais de cem arquitetos por ano, podemos perceber/identificar algum traço autóctone na Arquitetura aqui produzida?

Não vejo como identificar qualquer traço autóctone na Arquitetura aqui produzida, ou em qualquer outro lugar deste país, diante desse derrame anual de arquitetos, sem a menor condição de ser absorvido pelo mercado consumidor. Hoje em dia acho até difícil identificar uma autêntica obra de arquitetura, face a globalização e padronização dos temas e conceitos, que obriga o arquiteto a seguir “modelos” em lugar da criatividade, frustrando os verdadeiros objetivos da arquitetura, conduzindo uma grande parcela dos novos profissionais a produzir somente projetos de ambientação, por sinal de ótima qualidade, mas que, por ser apenas uma atividade complementar, limitando-se a um reduzido público consumidor de melhores condições financeiras, não caracteriza um mercado de trabalho, capaz de absorver essa desproporcional oferta de mão-de-obra especializada. É notória a pouca importância que a sub-cultura atribui hoje em dia, ao trabalho dos profissionais de arquitetura e urbanismo, e a sociedade esquece o notável conceito que nossos profissionais têm lá fora, no primeiro mundo; até as revistas técnicas que outrora divulgavam o que melhor se produzia aqui e no resto do mundo, no assunto, hoje, em grande parte são meros catálogos de propaganda de materiais de construção, utensílios domésticos e objetos de adorno, divulgando preferencialmente alguns eventos sociais ou de caráter meramente comercial, usando arquitetos como chamariz. Além das próprias limitações de mercado, a capacidade criativa do arquiteto esbarra nos obstáculos impostos pela legislação urbanística medíocre, alienígena, autoritária, burocrática e engessadora, que impõe ao arquiteto um “manual” de posturas inúteis que tolhem a liberdade de criar, condição básica para qualquer manifestação da inteligência. Por tudo isto, é preocupante essa tendência ao “modismo” que aos poucos o mercado consumidor vai envolvendo a atividade do arquiteto, e mais frustrante ainda constatar que muitos jovens profissionais sejam obrigados a tornarem-se representantes comerciais ou vendedores de produtos fabricados para a construção e decoração, que embora sendo uma atividade igualmente nobre, não representa a verdadeira missão do arquiteto; só falta que qualquer dia venha a ser lançada a “moda” da arquitetura para a próxima temporada de inverno ou de verão !?...

Atualmente, com as novas ferramentas de projeção e tecnologias de construção, frente à explosão do mercado imobiliário, em nosso Estado, qual deve ser a postura profissional do Arquiteto neste novo cenário?

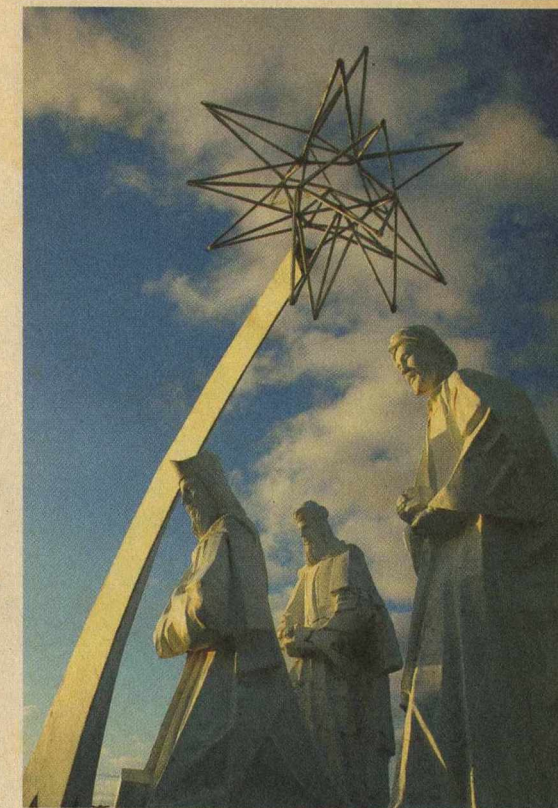
Hoje, mais do que nunca, dispondo desse formidável avanço tecnológico, cumpre ao arquiteto, mostrar à sociedade e convencer ao mercado imobiliário que é possível o desenvolvimento de uma atividade lucrativa sem perda de nossa identidade cultural.

Valeu a pena ter feito Arquitetura?

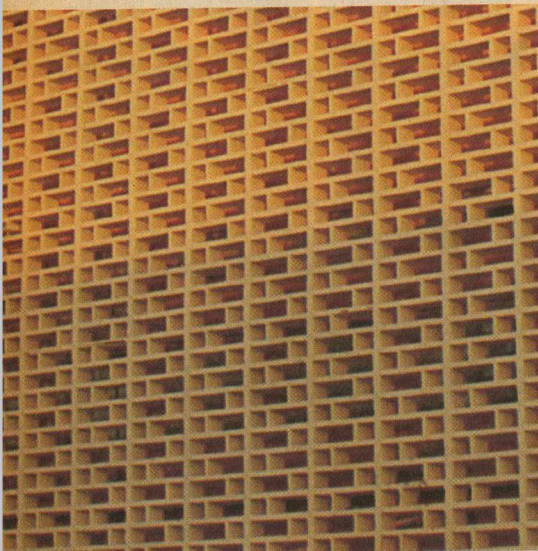
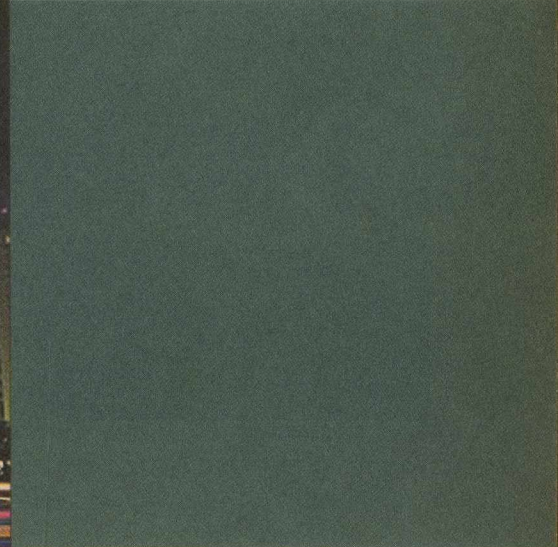
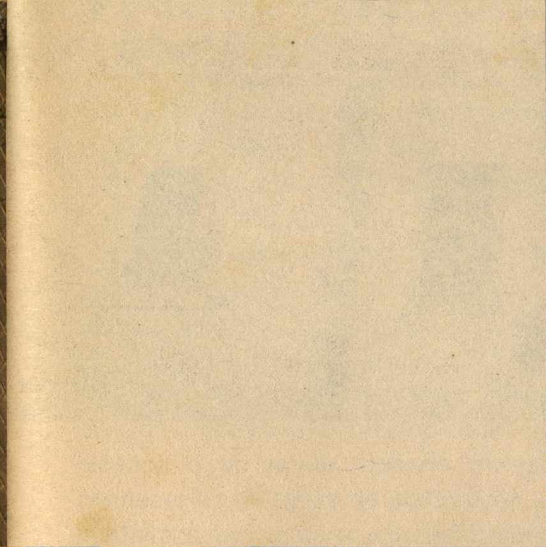
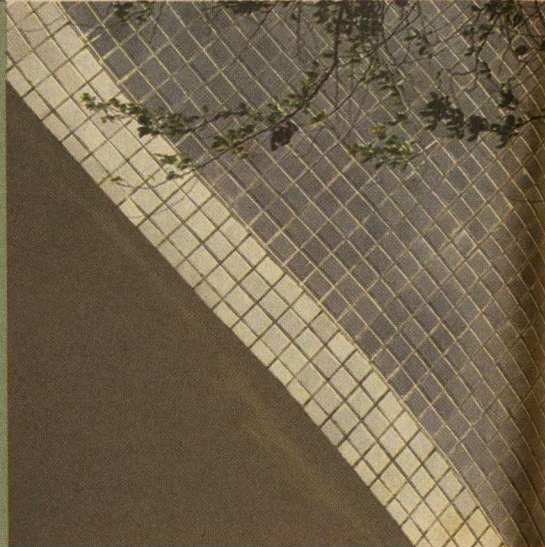
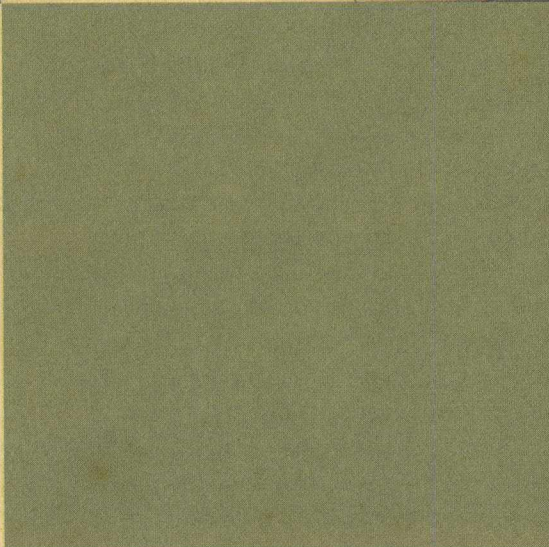
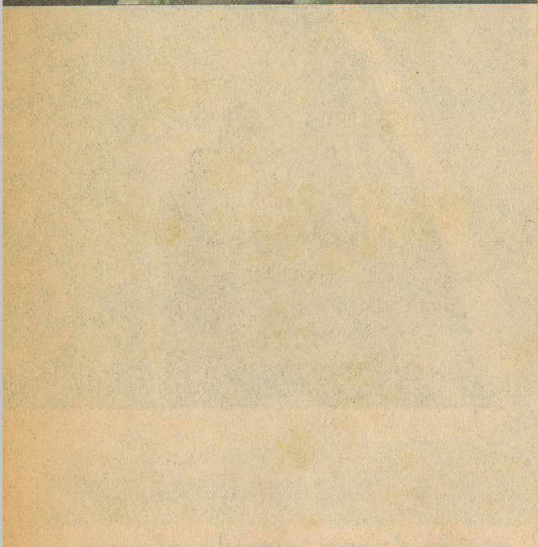
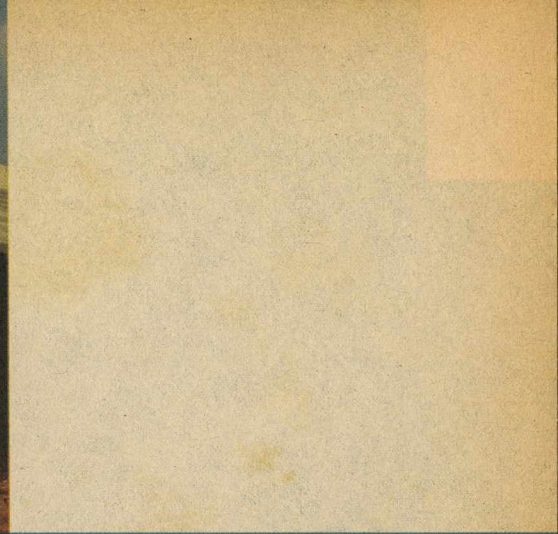
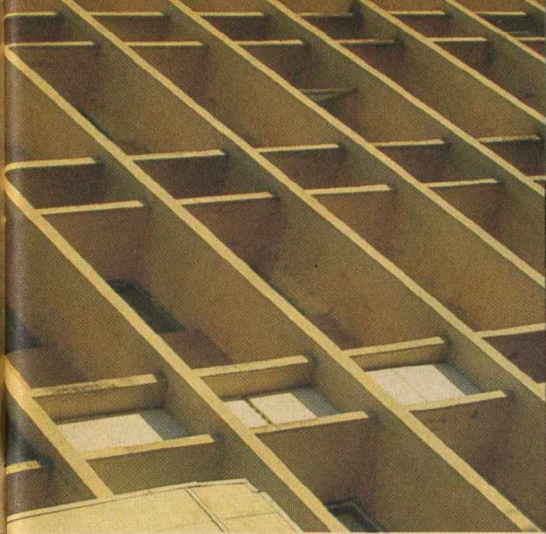
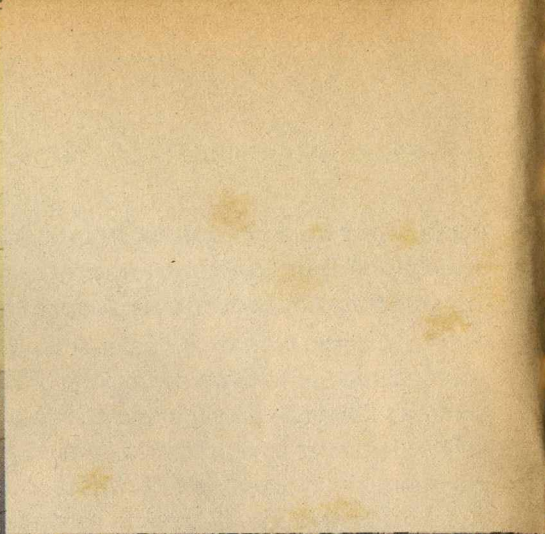
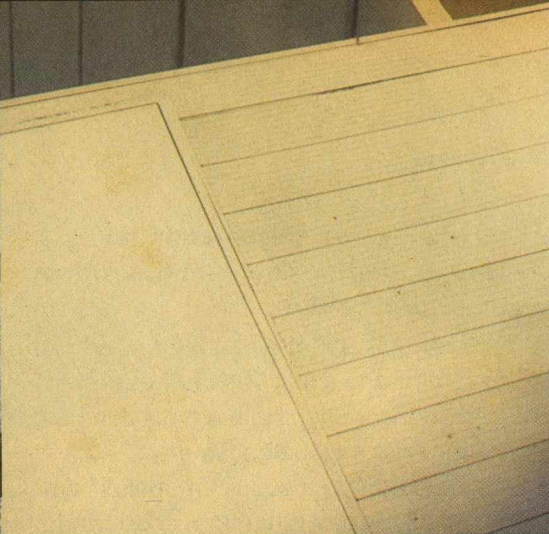
Sim, valeu a pena ser Arquiteto, se há outra encarnação, e me deixarem voltar, tentarei de novo, só que noutra civilização, se me for permitido.

A arquitetura ainda o emociona?

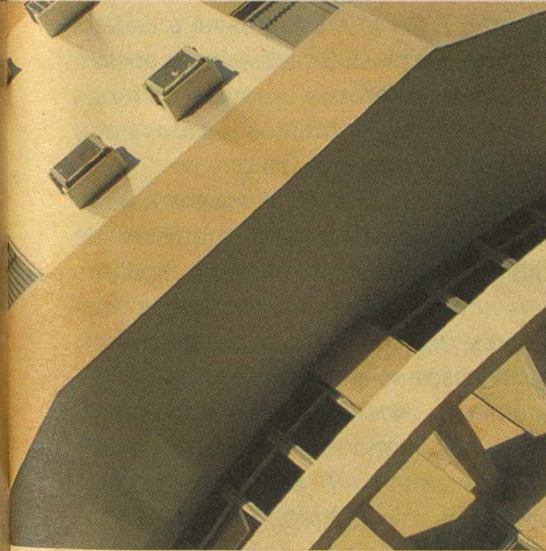
Nenhum ser humano consegue viver sem emoções: com certeza, a Arquitetura ainda é minha principal atividade lúdica.



Hoje, mais do que nunca, dispondo desse formidável avanço tecnológico, cumpre ao arquiteto, mostrar à sociedade e convencer ao mercado imobiliário, que é possível o desenvolvimento de uma atividade lucrativa, sem perda de nossa identidade cultural



ARQUITETURA EM NATAL: DO SACRO À MODERNIDADE



Texto
Sérgio Vilar
com a colaboração de
Michele Ferret

Fotos
Argemiro Lima

Natal é cidade de rio e mar, dunas, sol, ar aprazível. Belezas naturais arquitetadas e esculpidas como dádiva. As ruas largas parecem refletir o estilo acolhedor da cidade e dos natalenses. O litoral é dos mais belos do país. Peculiaridades que elevam a capital potiguar em revistas de turismo e estatísticas de qualidade de vida. Mas o que torna Natal singular e senhora de si é sua arquitetura: reflexo vivo de sua história e de seu povo. Não é a toa que mais das vezes os verbos Viver e Morar são usados como sinônimos. Um passeio calmo pelas ruas e avenidas, em observância minuciosa do patrimônio histórico, cultural e artístico pode nos revelar segredos escondidos em edificações, de uma cidade até então incompreendida.

Descobrir o significado de traços e formas de monumentos arquitetônicos é materializar a idéia de tempo – esse viajante insólito a deixar marcas em tudo o que há. E a arquitetura é perfumada pelo tempo; é um elemento artístico da representação humana. Estudar a arquitetura da cidade constitui-se uma auto-descoberta enquanto pessoa inserida dentro de um contexto. O escritor Nelson Bissac Peixoto, no texto O olhar do estrangeiro, fala sobre a figura do flâneur: um escritor francês do século 19, que perambulava pelas ruas e cafés parisienses. Um estrangeiro que, amparado no ócio da visita turística, percebe os cenários em minúcias e reconhece detalhes das construções arquitetônicas; capta melhor as sensações e os detalhes do ambiente.



Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, antiga Catedral Metropolitana de Natal

A cidade se torna uma paisagem para o flâneur. Ele não é um turista entusiasmado em busca de pontos turísticos convencionais. O flâneur busca uma nova percepção da cidade. A Paris vista por este observador é uma cidade de histórias e personagens, contadas a partir de lugares, fachadas e monumentos arquitetônicos. Em Saint-Germain-des-Prés, por exemplo, o flâneur descobre o trio de cafés que reuniam intelectuais e artistas. Entre eles, Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre. Quando fala do Marais, gueto judeu, conta toda a sua história. E assim ele conhece segredos guardados em edificações aparentemente banais.

Se caminhasse pelas ruas e avenidas de Natal, o flâneur descobriria uma cidade arquitetada de costas para o Rio Potengi por influência dos missionários católicos. É que as cidades brasileiras foram fundadas a partir da construção de uma igreja, erguida em local alto. A igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação foi construída estrategicamente na Cidade Alta. E toda a estrutura de edificações foi erguida voltada à Igreja. Foi

assim que Natal se desenvolveu. E passeando pelas ruas do Centro, o flâneur se encantaria pela descontração e o aroma do Café São Luís. Ali, a “velha guarda” lhe contaria de tempos líricos no Grande Ponto, na Rua João Pessoa, hoje dominada pelo comércio. E imaginaria a paisagem de uma cidade bucólica e romântica. Mas, ali, o mirar atento do flâneur notaria um único edifício de arquitetura antiga, neoclássica, que um dia recebeu toda a magia de uma geração de intelectuais e boêmios. E na certa se perguntará o porquê das ruínas.

E de pouco o flâneur saberá da história potiguar se procurar desvendar os traços arquitetônicos das nossas igrejas. Se não estão em ruínas, como a memória da cidade, as igrejas foram tristemente mutiladas em sua arquitetura original. O professor Câmara Cascudo já alertava, em seu livro *Viajando o Sertão* (1934), para o fato: “Era natural que a fisionomia arquitetural mais típica das cidades e vilas fosse a sua igreja. Mas tal não se dá. A mania da remodelação, para pior, ataca os nervos de muita gente bem intencio-

nada (...). Seria indispensável a cadeira de Arte Religiosa Brasileira para ensinar aos nossos párocos um mais profundo amor pelos monumentos legados pelas gerações desaparecidas”.

Antes, os párocos tivessem a visão conceitual dos arquitetos e artistas, de que o homem sempre produziu arquitetura como reflexo de sua cultura, de seus valores, de seus símbolos e de sua história. A busca pela funcionalidade na arquitetura não necessariamente sobrepuja o estética. Mesmo considerada arte impura, a arquitetura é uma representação artística humana. O próprio Oscar Niemeyer – dos mais importantes defensores da concepção da arquitetura enquanto arte – reconhecia que a busca da beleza artística era uma força motriz de sua obra. E rebatia as críticas afirmando que, na arquitetura a Forma transcende a Função: “Quando uma forma cria beleza ela tem uma função e das mais importantes na arquitetura”, dizia ele, no *Pequeno diálogo socrático*.

Rino Levi, outro pioneiro da arquitetura moderna brasileira, sintetizou a questão da seguinte maneira: “Arquitetura é

arte e ciência. Se com tal expressão se quer significar que a arquitetura, como fenômeno artístico, está sujeita a uma classificação à parte, comete-se um grave erro. A arte é uma só. Ela se manifesta de várias maneiras: quer pela pintura, pela escultura, pela música ou pela literatura, como também pela arquitetura. Tais manifestações constituem fenômenos afins, sem diferenças substanciais na parte que realmente caracteriza a arte como manifestação do espírito”.

E se a arquitetura é vista como elemento artístico, e a arte é uma manifestação poética, há que se perceber, em alguns monumentos arquitetônicos, alguma poesia. O arquiteto se confunde mais das vezes com o trabalho do artista plástico e do poeta, quando precisa conhecer as matérias de construção, a madeira, o ferro, o barro, e transformar o concreto em uma forma minuciosamente arquitetada, pensada, esculpida; lapidada. A finalidade, como disse o filósofo grego Sócrates, “é trabalhar a pedra até que a fachada cante”. Infelizmente – e como retrato destes tempos – a arquitetura do mundo-hoje canta em uníssono. A globalização se impôs como filosofia verticalizadora de poder, formulando seu próprio tempo de ação sem apoiar-se em conceitos que não fossem as leis internacionais do capital privado. É um novo colonialismo a interferir diretamente na paisagem da cidade; na arquitetura das paulicéias desvairadas.

TENDÊNCIAS

“Tudo que se faz é consequência de um passo dado atrás. Nada é por acaso”. A afirmação do arquiteto potiguar Marconi Grevi – responsável pelo projeto arquitetônico da Catedral Metropolitana de Natal – está calcada na idéia de transição dos estilos arquitetônicos. Como explica, a arquitetura é a resposta de cada época. A arquitetura moderna é vista hoje com naturalidade porque está

inserida dentro do contexto atual. E dessa forma, a arquitetura responde também pelos valores e costumes de uma dada cultura.

A arquitetura dita globalizada – tendência incorporada nos grandes centros urbanos do mundo –, segundo Grevi, sempre existiu. Devido à lentidão dos transportes e da comunicação da época medieval, onde predominou o estilo barroco, na Europa, o estilo arquitetônico chegava séculos depois ao Brasil. O mundo pós-moderno eliminou distâncias. A internet transformou o planeta numa grande rede globalizada. E a arquitetura passa então a ser a resposta não só de uma localização, de um povo, mas da percepção do mundo.

Grevi metaforiza a rapidez com que as feiras de matérias de construção e arquitetura se modernizam e interagem com as tendências mundiais, com o novo modelo de organização social. Segundo o arquiteto, tudo está se unificando: o pensamento e a arquitetura. E embora os tipos de materiais se renovem, e a cada momento se descubra novos tipos de concreto, como o aço carbono, mais maleável e resistente, o homem continua – e desde a pré-história – a procurar vencer vãos e encurtar espaços.

Como exemplos claros, o arquiteto cita a nova ponte estaiada que se ergue sobre o Rio Potengi e a verticalização crescente da cidade, com prédios cada vez mais altos. É que, como lembra Grevi, a tendência mundial é de que os terrenos se acabem com o crescimento populacional vertiginoso. Um retrato desse vislumbre são a expansão e desenvolvimento de bairros natalenses e até municípios, vistos antes como afastados. “A Grande Natal está começando a se emendar”.

E se as tendências mudam e os estilos arquitetônicos transitam entre as épocas, Grevi concorda que a arquitetura continua equilibrada em três fatores básicos que, segundo ele, sempre a norte-

ram; princípios criados pelo arquiteto e engenheiro romano, Vitruvio (70-24 a.C), já na Grécia Antiga: a estética (forma plástica), a função e a estrutura. E a realidade contemporânea tem colaborado para transformar a estética em padrão; a função, em necessidade; e a estrutura, em defesa contra as variantes do mundo pós-moderno: violência, inchaço da cidade, calor, meio ambiente, etc.

“A tendência é a da precisão de ar-condicionado nos ambientes por causa do calor crescente. Por outro lado, há o problema da estufa. Afora as praias, as cidades não terão ventilação suficiente. A água está acabando. A tecnologia e a arquitetura precisam trabalhar em busca de soluções para estes fatores. A violência também é crescente e impedirá os espaços abertos. A insegurança é um problema que enfeia a arquitetura. Está difícil de arquitetar uma parede vazada. Tem-se que levantar muros. Mesmo casas pequenas precisam ou precisarão de grades e cercas elétricas”.

Os espaços hoje são poucos. A especulação imobiliária, sobretudo estrangeira, numa cidade turística como Natal, mira a geografia da cidade com megaprojetos em mente, na busca de terrenos e belas paisagens para seu empreendimento. E pensar que há milhares de anos, na Grécia antiga, consultava-se o oráculo de Apolo para se saber aonde construir uma cidade... E o oráculo respondia, num triste retrato de uma época perdida no tempo: “Onde houver oliveiras para dar o azeite das candeias; onde houver uma várzea, para que se plante trigo para o pão; onde houver um prado, para crescerem os borregos e as ovelhas para darem a carne e a lã. E a uva, para o seu vinho”.

ARQUITETURA SACRA POTIGUAR

A arquitetura sacra ocupa importante espaço dentro da tradição brasileira. O país é dos mais ecléticos do mundo.



Catedral Metropolitana de Natal, projetada por Marconi Grevi em 1973



Além de abrigar grande variedade de religiões tem também na figura do índio, do negro e do branco o seu pilar cultural. E parte daí a valorização da arte sacra. É que a primeira concepção de uma arte figurativa onde estejam presentes elementos da cultura negra, indígena e branca está presente nas igrejas brasileiras, fundamentalmente nas construções barrocas. No entanto, são poucas as igrejas antigas restauradas ou preservadas em sua plenitude. Por trás da beleza dos vitrais, mosaicos e elementos de hoje que justificam o título de patrimônio cultural, estão tradições e manifestações artísticas apagadas.

Em Natal, quatro igrejas mereceram destaque na visão do historiador John Alex Xavier. O professor tem especialização em história da cultura. Sua dissertação de mestrado pretendeu mostrar a originalidade das igrejas barrocas do Nordeste. Para Alex, a igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação, na Cidade Alta é das poucas igrejas com arquitetura original preservada. Ainda assim, sofreu modificações. Segundo o professor, relatos indicam que por volta de 1599 existia uma

capela onde está hoje a igreja matriz. As reformas na igreja se sucedem até o início do século 20 e deformam a originalidade de sua arquitetura sacra.

"Acredita-se que a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, em função da época em que foi erguida, teve um frontão clássico, triangular. Atualmente o frontão é barroco, com curvas. Uma prova disso é o óculo (uma abertura circular) ainda existente na entrada principal, que remete a um amadurecimento do que eram as rosáceas (que serviam para dar maior luminosidade ao ambiente) do período gótico. Sendo que, o que seria a base desse frontão triangular, atualmente está cheio de volutas, que são elementos em forma de caracóis, que caracterizam o barroco. Então, encontramos na igreja elementos que lembram o clássico e o barroco".

Na época da última reforma da igreja, entre os séculos 19 e 20, o estilo arquitetônico predominante no Brasil era o eclético. Segundo Alex, a igreja sofreu influências deste estilo. As igrejas construídas nesta época de transição entre renascimento e barroco são apontadas

pelos historiadores como maneiristas. "Seria prepotência afirmar que a igreja matriz é barroca. Pode-se dizer que é maneirista, já que apresentou processo de transformação em sua feição durante a transição. E dentro da perspectiva do maneirismo, não afirmo, como historiador, qual o estilo arquitetônico preciso da igreja porque não existe resquício dessa primeira construção", disse Alex.

A segunda igreja construída em Natal foi a Nossa Senhora dos Rosários dos Pretos, erguida por pessoas simples, negros e abastados. Segundo Alex, há registros sobre a igreja em 1713. Portanto, ela foi construída antes desta data. Cascudo cita que essa igreja tem a melhor localização da cidade: no alto, com visão privilegiada do rio Potengi. É também visível da Ribeira ou Cidade Alta. De costas para a antiga catedral e de frente para o rio. A construção termina pelo século 19, com a finalização da torre, com perspectiva estilística neoclássica. "O fato de uma obra ser construída no século 19 não necessariamente é neoclássica. Ela tem elementos clássicos na torre, mas a disposição dos elementos é barroca, como o frontão", desta-

ca Alex.

A igreja de Santo Antônio, ou do Galo, como é conhecida, foi o terceiro templo católico construído em Natal. Isso por volta de 1776. Seu estilo é típico do barroco. Um exemplo é a simetria, com uma única torre e a sensação clara de desequilíbrio. Na Igreja do Galo, essa simetria de contrastes é mais aparente que as outras. Mas, segundo Alex Xavier, o barroco nordestino sofreu uma evolução após ter chegado da Europa. Aqui no Brasil, o estilo obedeceu necessidades locais. O próprio material usado: cantaria, a pedra calcária, é típica do Nordeste. Outra evidência da evolução barroca, aponta o professor é o frontão cheio de detalhes. "As fachadas nordestinas são relativamente simples, mas algumas mostram detalhes que mostram a evidência do barroco".

Quarto templo religioso construído na cidade, a igreja de Bom Jesus das Dores, na Ribeira é a igreja mais desfigurada com as reformas. Encontram-se documentos de casamento celebrados na igreja, em 1734. As reformas que a desfiguraram, e concedeu mais ou menos a forma que

possui hoje, se deu entre 1915 e 1918. "É uma igreja sem adorno, mas de uma beleza rara. Depois da reforma, ela ganhou características ecléticas". O professor explica que, entre os séculos 19 e 20 ocorreu uma mistura de elementos arquitetônicos: mouros, orientais, elementos clássicos, góticos, que se misturaram e criaram o estilo eclético, também presente na fachada do prédio sede da prefeitura do Natal.

EVOLUÇÃO DOS ESTILOS ARQUITETÔNICOS

Antigamente, o patrimônio arquitetônico era chamado patrimônio histórico e artístico. Percebeu-se, atualmente, que essa percepção era limitada. Hoje é patrimônio cultural. E esse patrimônio cultural está dividido em três partes. A arquitetura; o conhecimento humano (o saber fazer, a técnica); e a natureza. O Rio Potengi é patrimônio natural da humanidade. E não se pode pensar de forma dissociada dos outros dois elementos, uma vez que o homem ocupou o espaço natural e ergueu sua morada. Dentro dessa perspectiva de preservação, e para se

reconhecer enquanto memória e indivíduo, o elemento Natureza também foi incorporado ao patrimônio cultural.

Até chegar a esta evolução do pensamento, o historiador Alex Xavier analisa as construções antigas: armoriais, coloniais, intimamente ligadas ao tipo de vivência humana da época. O historiador explica que, nos séculos 16 e 17, o conceito de tempo era diferente. Andava-se a pé ou de carroça. Havia tempo para admirar paisagens. O reflexo na arquitetura eram fachadas ricas em detalhes, atrativos visuais, como no período barroco. Hoje, notícias chegam dos quatro cantos do mundo em tempo-real. Não há mais distâncias. As fachadas lisas eliminaram os detalhes em função da correria dos dias, da velocidade dos automóveis, do pouco tempo para admirar minúcias.

Os espaços foram se abrindo com o tempo. Após o barroco – quando os conceitos de volume e simetria vigentes no renascimento são substituídos pelo dinamismo e pela teatralidade – veio o rococó: estilo marcado pela sensibilidade, percebida na distribuição dos ambientes interiores, destinados a valorizar um modo de vida individual. Depois, o neoclássico. Esse retorno à época clássica, segundo Alex, é a tentativa de reaver o estilo grego-romano, com formas equilibradas, colunas, frontões. Esse tipo de arquitetura está presente na antiga Pinacoteca do Estado, ou no Instituto Histórico Geográfico do RN, na Cidade Alta.

O Teatro Alberto Maranhão é o retrato típico do eclético, estilo pós-neoclássico que ocorre entre os séculos 19 e 20. Segundo Alex, a antiga construção (Teatro Carlos Gomes), tinha estilo neoclássico, com frontão grande e triangular. As reformas no TAM deram-lhe elementos que lembram o eclético e a arte nouveau. E o eclético, como explica o historiador, é o período onde o homem tenta se encontrar. O homem sai do ruralismo, mas ao mesmo tempo não se insere em grandes cidades. Em termos de arquitetura, o eclético torna-se mais funcional para atender a demanda das cidades que cresciam. É a influência francesa e inglesa; dos países da belle époque.

Após o advento de 1922, o estilo modernista se impõe como modelo arquitetônico. É o uso constante do concreto nas edificações. A partir daí passa-se a se preocupar com o espaço interno do ambiente. Um reflexo aos paradigmas sociais da época. Nesse mesmo período, a Semana da Arte Moderna abre uma nova fase no pensamento crítico, literário e influencia novas idéias e reflexões. Mais tarde, a arquitetura de Oscar Niemeyer e a construção de Brasília se mostram um divisor de águas e abrem perspectivas para o estilo pós-modernista.

Entramos na dita fase pós-moderna. O revestimento adere ao concreto. É o reflexo da preocupação com a imagem externa, com a "aparência", sobrepondo a valorização dos elementos internos. Aparecem com mais intensidade os letreiros para identificar locais. É que os pós-moderninhos andam cada vez mais rápidos, alienados e apressados. É preciso chamar a atenção do passante. E os letreiros são cada vez maiores, para atingir também o motorista do automóvel. E os letreiros são cada vez mais chamativos, eletrônicos, a acompanhar a "onda" cibernética, robótica, digital. A arquitetura externa também procura chamar mais atenção. E, claro, a semelhança com o convívio social não é mera coincidência.

CATEDRAL METROPOLITANA DE NATAL

Um dos monumentos arquitetônicos mais significativos da cidade, a Catedral Metropolitana de Natal está próxima de completar 20 anos de sua inauguração. O projeto inicial foi elaborado em 1972, pelo então arquiteto recém-formado, Marconi Grevi. A execução teve início em 1974 e foi concluída em 1988. Grevi comenta que foi uma obra considerada de conclusão rápida. E cita como exemplo a catedral de Galdi, em Barcelona, em construção há mais de 300 anos. É que, como lembra o arquiteto, a igreja se mantém de donativos, que emprega na obra à medida que recebe.

A Catedral herdou as influências do estilo modernista de Oscar Niemeyer. Grevi conta que a tendência modernista na arquitetura, e do vislumbre da recém-inaugurada Brasília era muito forte na época e muito estudada na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde se formou. Grevi lembra que Oscar Niemeyer também recebeu influências. Foi do arquiteto francês Le Corbusier. "Muito da arquitetura moderna hoje ainda segue essa influência. Os pilotis, as fachadas planas de vidro, os tetos-jardins. Tudo é idéia de Corbusier".

As características da Catedral é a da chamada arquitetura brutalista, onde o concreto é bem aparente, sem máscaras,

revestimentos ou rebocados. Há linhas baixas com tendências de subida para o céu, intencionalmente para designar o caminho ao Divino. Afora o concreto, o piso é tudo em tijolo, cerâmica e ardósia. Grevi lembra que se o projeto da Catedral fosse feito cerca de quatro anos antes a execução seria impossibilitada. É que quatro anos antes de iniciada a construção ainda não existia o concreto pretendido, empregado na obra – e também na nova ponte sobre o Rio Potengi – e que hoje ainda é novidade em termos mundiais.

Grevi lembra da fase de aprovação do projeto arquitetônico da Catedral. Ele recorda que durante cinco anos a cidade recebeu projetos variados de alunos de engenharia. "Houve as ruínas de um projeto que não vingou. A arquitetura era muito pesada para um espaço pequeno. Tomava a praça toda e só tinha lugar para 300 pessoas sentadas. Viram que não era projeto para uma catedral. Cheguei de Recife, elaborei um projeto e apresentei à Arquidiocese. O arcebispo era dom Nivaldo Monte, que se reuniu com todo o clero para aprovar o projeto em unanimidade. Houve ainda uma reunião da Arquidiocese com toda a representação do estado: diretores lojistas e de colégio, governos. Criou-se uma comissão e a execução teve início em 1974".

**A PRESENÇA
E A AUSÊNCIA
DA ARQUITETURA
DA PAISAGEM
URBANA
DE NATAL**

"Não tem nome nem lugar. Repito a razão pela qual quis descrevê-la: das inúmeras cidades imagináveis, devem-se excluir aquelas em que os elementos se juntam sem um fio condutor; sem um código interno, uma perspectiva, um discurso. É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa".

As cidades invisíveis, Ítalo Calvino

Assim como o olhar do escritor Ítalo Calvino, Natal evolui em seu cotidiano urbano como um quebra cabeça, montando peças de concreto a cada minuto. Sua arquitetura carrega as forças de séculos junto às inovações contemporâneas, contando a história que pode ser apreciada a cada esquina, assim como as obras de arte que concretizam o abrigo de almas e seres humanos. Essas que tanto revelam, como escondem gerações inteiras. Considerada uma cidade um tanto nova, as construções que marcaram a arquitetura e existem até hoje, datam do século XIX. Passear pelo Palácio do Governo, na praça sete de setembro, é observar uma construção realizada em 1878 e que ainda preserva os mesmos princípios criadores, com os jardins e entorno de praças; Outra obra de forte referência é a Catedral, na Avenida Deodoro da Fonseca, projetada em 1973 pelas mãos do arquiteto Marconi Grevi. A arquitetura foi elaborada com o sentido de que "o homem na sua proporção é pequeno demais diante de Deus", por isso a sua fachada começa baixa e até o final a altura vai aumentando para o "infinito". Recentemente reformada, a Catedral, segundo o arquiteto João Maurício Miranda, sofreu mutilações inaceitáveis em sua lateral, perdendo as características iniciais e sua referência eclética.

Um dos prédios que compõem a paisagem urbana é o Memorial Câmara Cas-

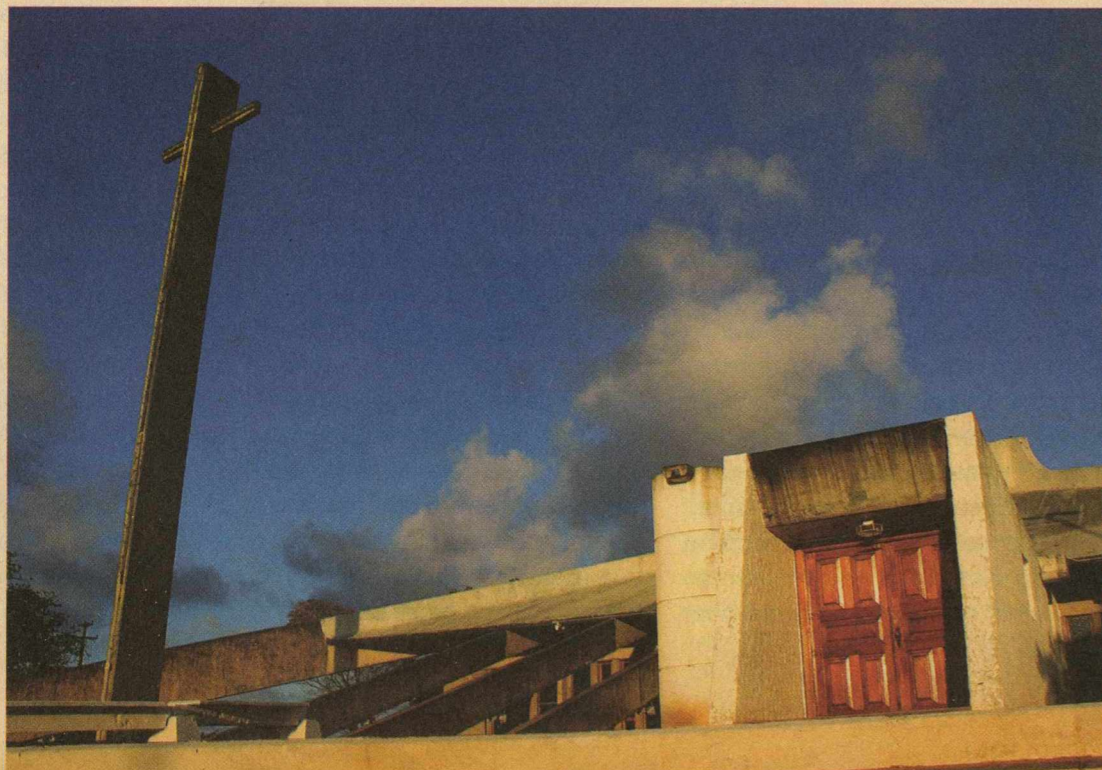
cudo, além do acervo de um dos maiores escritores potiguares, o lugar foi praticamente a sede do movimento da revolução de 1817. Para João Maurício, são muitas construções intensas, como a Igreja do Galo, a Igreja Nossa Senhora do Rosário (ou Nossa Senhora dos Pretos), a Capitania das Artes (construída por ele), entre outras.

Em sua visão caleidoscópica, Natal é uma cidade que teria condições para ter uma arquitetura muito bonita, por possuir vários níveis, altos e baixos, que permitiriam construções elaboradas para o bem estar da população, mas isso não acontece. "Natal não tem área verde, diminui cada vez mais, isso é um absurdo, daqui a pouco não temos mais nada, uma cidade com a ventilação maravilhosa, mas não é utilizada, não valorizamos as praças, não tem espaço para os parques, a natureza é esquecida", conta com ar de tristeza. Outro ponto que pesa na apreciação da paisagem arquitetônica urbana, é a falta de perspectiva para observar uma obra, é como se a cidade crescesse sufocada, sem espaço. "Um exemplo para ficar claro é a nova Catedral, que é um prédio razoável. O local é inadequado e a construção foi feita numa praça, em que a parte de traz tem um painel imenso que você não tem como olhar, porque se afastar, bate nas casas e você perde o volume. Não tem distância, não tem perspectiva, tem muita coisa, é sufocante observar uma obra assim, por isso, talvez muita gente nem perceba sua existência", reflete.

As mudanças vão ocorrendo aos poucos e Maurício complementa que para mudar é primeiro preciso transformar a mentalidade da sociedade, que vai aos poucos apagando todas as suas obras. "Acredito que isso acontece por falta de cultura, de conhecimento, de preservar o que foi feito no passado para representar toda uma geração e construir novas, como uma reciclagem consciente", revela.

Em seu olhar, ainda podemos perceber que o caminho guarda surpresas e para observar a paisagem é preciso além da sensibilidade, um pouco de calma e espaço para que não sufoque a visão e muito menos os sentidos de séculos e séculos.

Amém. (MF)



Capela do Campus da UFRN, de João Maurício Miranda e Moacir Gomes, construída na década de 70. Na página seguinte, o arquiteto João Maurício em seu escritório



ASSIM CHEGOU A ARQUITETURA MODERNA EM NATAL

JOSÉ GAUDÊNCIO TORQUATO



Nestas páginas, imagens da escadaria, pilotis e fachada principal do Edifício Café Filho (IPASE), na Ribeira, projetado pelo Governo Federal no início da década de 50.



A estratégica localização na esquina do continente sul-americano, na triangular confluência estuarina do Rio Grande com o Oceano Atlântico e as alvas e ensolaradas dunas dos tabuleiros potiguares, credenciaram historicamente a Cidade do Natal a porto natural de ousadas travessias transatlânticas, tanto por céu como por mar.

Aqui aportaram e amerissaram, desde o início do século passado, destemidos aeronautas, bravos aventureiros navegadores e com eles, engenheiros, arquitetos e mestres agrimensores e construtores como, José de Barrêdo, Herculano Ramos, Antônio Polidrelli, Corbiniano Villaça, Giacomo Palumbo, E. Amorim do Vale, Miguel Micucci, J. Munier, que bem ou mal, emprestaram à cidade adolescente suas artes e ofícios. Assim foram imprimindo, na paisagem escassa dos sítios em transformação, as feições urbanas das ruas, avenidas, praças, bairros, compondo um novo tabuleiro ortogonal e racional, conforme os preceitos, em voga, estabelecidos pelas novas e muitas vezes mirabolantes teorias de configurações para as cidades em formação.

A eclosão mundial do movimento

moderno da arquitetura, consubstanciando nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna – C.I.A.M., nos anos 20 do século passado, capitaneados por arquitetos europeus, dentre eles W. Gropius e Le Corbusier, coincidia com a efervescência causada pelas repercussões motivadas pelo período pós-Semana de Arte Moderna de 22, que “de um ponto de vista objetivo, não exerceu qualquer influência direta sobre a arquitetura”, no dizer de Yves Bruan. Lauro Cavalcanti, na introdução ao Guia de arquitetura 1928-1960 – quando o Brasil era moderno, assim se manifesta “a arquitetura moderna brasileira é um mistério a desvendar e, em certa medida, hoje, um segredo que não se deve mais guardar. Mistério porque em país no qual a cultura funcionava como importação sistemática de vanguardas do hemisfério norte, pela primeira vez ocorreu uma assimilação transformadora que, de algum modo, colocou na prática a antropofagia preconizada pelos Andrades paulistas. A reinterpretação dos princípios modernistas foi tão profunda que refluuiu para o hemisfério norte, vindo a influenciar a linguagem internacional no pós-guerra. Segredo porque, atualmente, no

plano internacional e, mesmo entre nós, sabe-se que a produção modernista brasileira foi importante, mas se conhecem, de fato, muito pouco as obras e, menos ainda, as condições que as geraram”. Inquestionável, neste sentido, a presença e participação de arquitetos como G. Warchavchik, Lúcio Costa, Rino Levi, em um primeiro momento, seguidos por M.M.Roberto, O. Niemeyer, S. Bernardes, A.E.Reidy e tantos outros, comprometidos com os princípios norteadores do movimento racionalista europeu, que preconizavam o emprego sistemático dos materiais novos, especialmente o concreto armado, da estrutura aparente, das coberturas planas e das grandes superfícies envidraçadas de caixilhos metálicos, respaldando a pureza dos volumes prismáticos, o culto ao ângulo reto e a ausência de ornamentação, nos novos edifícios. Este era, nacionalmente, o quadro que repercutia a arquitetura moderna produzida no Brasil.

Quando recorremos à tentativa de identificação de exemplares regionais, que possam caracterizar manifestações expressas de conjuntos de obras, que venham a compor um cenário íntegro de produções arquitetônicas, fora do eixo

Rio - São Paulo, podemos localizar no nordeste, precisamente em Recife, na década de 30, as importantes figuras dos jovens arquitetos e engenheiros, Luis Nunes, R.Burle-Marx, Joaquim Cardoso e F.Saturnino de Brito, tocados pelo espírito novo nas artes, especialmente na arquitetura nova que se anunciava nos princípios dos cinco pontos fundamentais: o pilotis, o terraço jardim, a planta livre, as janelas na horizontal e as fachadas livres, princípios estes que incorporados aos elementos regionais desenvolvidos e aplicados de acordo com as variantes climáticas, sócio-ambientais, do aperfeiçoamento de técnicas artesanais locais como os elementos vazados de concreto, batizados por cobogós, nome este formado pelas primeiras sílabas dos nomes dos seus três inventores.

A arquitetura moderna em Natal foi estabelecida por decreto e inaugurada por contrato, explico: segundo o professor arquiteto João Maurício Fernandes de Miranda, em seu livro Evolução urbana de Natal em 400 anos, 1599 – 1999, relata que no ano de 1935, com a criação da Comissão de Saneamento de Natal, pelo Decreto 832 de 26/04/1935, foi contratado o escritório pernambucano F.

Edifício da Associação dos Sargentos do Exército de Natal – ASSEN, projetado pelo arquiteto Raimundo Gomes na década de 60.



Saturnino de Brito para elaboração de projetos e construção de novas obras, que compreendiam os serviços de água e esgotos, cujo Plano Geral de Obras contemplava, além destes serviços, anteprojetos para os edifícios do Saneamento, do Grande Hotel, Palácio do Governo, Secretárias, Assembléia, Aeroporto, Bairro Residencial, Estação conjunta para as estradas de ferro e nova Avenida de Contorno. Os projetos então elaborados, “seguiram linhas arrojadas para a época, quando a arquitetura propunha novos conceitos e materiais”, no dizer de João Maurício que, em seu livro 380 anos de história foto-gráfica da Cidade de Natal, 1599 – 1979, sob a fotografia do edifício, recém construído, da sede da Comissão de Saneamento de Natal, subscreve em legenda: “Temos aí a primeira manifestação da arquitetura contemporânea, um marco em Natal das propostas de uma arquitetura na época como reformulação moderna. O rompimento com o ecletismo, formas variadas na decoração das fachadas. Surgia uma arquitetura pura, de vãos vasados e cheios, claros e escuros, com interseções de planos. Recebiam os arquitetos do escritório Saturnino de Brito as influências de Le Corbusier” e dos modernistas

brasileiros, representados pelo mineiro, radicado no Recife e seu parceiro, no projeto da caixa d’água de Olinda, arquiteto Luis Nunes, pioneiro do modernismo pernambucano e nacional.

A partir da década de 40, até o início dos anos setenta, a produção arquitetônica da cidade de Natal foi, em sua grande maioria, elaborada por desenhistas habilidosos, engenheiros civis e alguns poucos arquitetos habilitados. Os melhores exemplos eram produzidos por empresas públicas, firmas comerciais, bancos, etc., que aqui estabeleciam suas filiais, contratando em suas praças de origem, os projetos para seus novos edifícios. Assim, no pós-guerra, foram construídos, pelo governo federal, o prédio do IPASE, e a Vila Ferroviária na Ribeira-Rocas, empregando elementos que compunham o repertório modernista como, fachadas em brises-soleils, pilotis, estrutura independente em concreto armado, além de materiais de revestimentos novos e incorporação de obras de arte em painéis artísticos externos. Os poucos profissionais aqui estabelecidos, nessa época, oriundos da Escola de Recife, formados sob a entusiástica influência de modernos professores, res-

ponsáveis pela renovação na arquitetura pernambucana, Acácio Borsói e Delfim Amorim, este autor do belíssimo edifício sede do América Futebol Clube, moldaram uma geração de jovens arquitetos nordestinos. Aqui, Raimundo Gomes, Daniel Holanda, João Maurício, Moacir Gomes e outros, quando requisitados pelo incipiente mercado local, souberam atender com competência e dignidade as solicitações e responderam à altura, com talento e sensibilidade as empreitadas desafiadoras que as condições locais impunham. Graças a eles tivemos, e aí ainda estão para provar e passar às gerações futuras, a rodoviária da Ribeira com seus pilotis, o clube ASSEN com sua singela marquise, o Estádio Machado, “poema de concreto armado” como referiu-se o cronista esportivo, a Capela do Campus com sua estrutura independente e algumas dezenas de outros prédios residenciais, comerciais e institucionais, nos quais foram utilizando todos os ingredientes do rol arquitetônico modernista.

A bênção arquitetos e pioneiros.

José Gaudêncio Torquato é arquiteto.

A REVITALIZAÇÃO DA RIBEIRA, DEZ ANOS DEPOIS

HAROLDO MARANHÃO



A Revitalização de Áreas Históricas decadentes é fruto de um processo que requer vontade política e continuísmo administrativo dos nossos governantes. Iniciativas isoladas contribuem para o processo, mas não concretizam a ação desejada. Faz-se necessário a criação de um plano para a área, no qual estarão as estratégias de ação, os projetos de requalificação, reconversão e até mesmo um quadro de novas obras, sendo determinante o papel do governo municipal neste processo. Afinal, é de sua competência legislar sobre o solo urbano e promover o desenvolvimento físico territorial do município, bem como preservar o seu Patrimônio Histórico, Arquitetônico e Paisagístico. Neste sentido, o arquiteto, mestre em desenho urbano e doutor em arquitetura e urbanismo, Vicente Del Rio nos fala da importância do “planejamento estratégico consciente, democrático, flexível, contínuo e integrado, em busca da requalificação urbana e da revitalização da cidade anterior, onde a implementação dos processos e modelos deverão ser, sempre, con-

sensuais, pluralistas e democráticos, e sempre mais lentos do que admite a ação técnica tradicional ou os tempos políticos a que estamos acostumados”.

O Projeto Fachadas da Rua Chile (integrante do Plano de Reabilitação Urbana Ribeira, Prefeitura Municipal do Natal, 1995) é um claro exemplo do que foi dito anteriormente, pois desde a sua inauguração em dezembro de 1996, pouco ou nada foi feito concretamente para a sua conservação e ampliação ao longo dos últimos dez anos. Restou a iniciativa isolada de alguns poucos abnegados que teimam em manter a duras penas, a vida do lugar. As fachadas, outrora restauradas, hoje exibem um tom sombrio e funesto, completamente equivocado ao padrão de aplicação cromática de pintura em suas superfícies. A efervescência do novo pólo turístico e cultural que surge na Cidade como um lugar de charme, história e aura poética, deu lugar ao vazio e esquecimento do Largo da Rua Chile, não lembrando em nada o burburinho de pessoas em busca do emergente movimento que surgia consolidando artistas



Acima, fachada restaurada do Edifício Bila, exemplo do estilo art-déco no bairro da Ribeira.

Abaixo, edificações do Largo da Rua Chile, dez anos após o projeto de revitalização de suas fachadas.

e músicos locais, sendo até berço de um festival de música que se tornou referência nacional.

Depois surgem os Projetos de Ampliação do Porto e criação do Terminal Pesqueiro do RN na Rua Chile, os quais iriam incrementar a atividade econômica do Estado, mas o que se viu foram projetos "que engolem e fazem desaparecer o lugar", onde não são mitigados os impactos sociais, históricos e paisagísticos que provocam no seu entorno.

E vieram as perguntas, Natal é uma cidade com vocação portuária para transporte de cargas? Existe espaço para ampliação do porto, criação de área retro-portuária e rearticulação do porto ao ramal ferroviário através da Rua Chile onde trafegam veículos, caminhões de cargas e pedestres? É lógico transportar toda a produção de frutas que vem principalmente das Regiões Central e Oeste do Estado, bem como a barrilha quando a fábrica estiver concretizada e outros produtos até a Ribeira provocando congestionamentos em nosso já sofrível sistema viário? Ou criaríamos um novo porto junto a estas áreas produtivas onde as mercadorias estariam mais próximas do embarque, diminuindo os custos e trans-

tornos do transporte até o porto em Natal? E por que não adaptarmos nosso porto com um terminal de passageiros ou o transformamos em um porto pesqueiro, liberando o Cais da Avenida Tavares de Lira e margens do Potengi para um projeto que busque a aproximação da Cidade com o Rio, o seu corpo d'água, a sua alma?

Mas as respostas têm sido políticas conflitantes, enquanto a Prefeitura Municipal planeja a reabilitação do bairro fundamentada na preservação e reabilitação do seu parque histórico construído o Governo do Estado apresenta projetos em sentido contrário como o de ampliação do porto e criação do terminal pesqueiro, basta ver ações como a demolição de parte do edifício do antigo frigorífico de Natal perpetrada pela CODERN, que poderia ter sido restaurado e adaptado para funcionar como terminal de passageiros integrado ao Largo da Rua Chile com seus estabelecimentos comerciais de turismo e lazer. Ou a imagem assustadora do terminal pesqueiro a ser construído as margens da Rua Chile, abocanhando a margem do Rio em direção a Pedra do Rosário e Cais Tavares de Lira, a "Porta da Cidade".

Talvez a resposta fosse administrar estes conflitos frente a uma perspectiva de desenvolvimento sustentável com projetos de melhoria da infra-estrutura do bairro, assegurando melhores condições de vida a população, aproveitando o seu parque histórico construído ou criando novas moradias. E embora o uso residencial tenha função primordial neste processo o que muito assegura o sucesso da revitalização de áreas decadentes é a multiplicidade de usos, como o turístico, cultural e de serviços, uma clara vocação do lugar. Soma-se a isto a reativação do transporte ferroviário articulando-o a outras modalidades de transportes e servindo de indutor da interiorização do turismo em nosso Estado.

É também vital a criação de obras estruturantes que requalifiquem a Ribeira. Vejam o exemplo de São Paulo com a Pinacoteca do Estado ou a Sala Júlio Prestes que pretendem juntamente com

outras obras revitalizar o seu Centro. Ou ainda o Museu Guggenheim de Bilbao na Espanha com seus 24.000m² de construção e que se tornou um ícone arquitetônico universal, promovendo a revitalização da área central da Cidade e recuperando a sua economia com um fluxo de turistas superior a 2,5 milhões, nos dois primeiros anos de sua inauguração. Tais intervenções revelam o compromisso do governo em revitalizar o lugar e atrair novos investimentos privados ao local. A Casa Guglielmo Lettiere, o Grande Hotel, o Grupo Escolar Augusto Severo e o Parque Ferroviário, entre outros edifícios históricos da Ribeira, aguardam o chamado.

Hoje temos notícias do Plano de Reabilitação da Ribeira-PPR, que está sendo feito pelo Departamento de Arquitetura - UFRN, um amplo diagnóstico das potencialidades do bairro, que servirá de suporte técnico ao Governo Municipal na elaboração de futuros projetos. Do

Projeto de Redesenho da Praça Augusto Severo, elaborado pela SEMURB, que reagrupa os recortes da Praça em uma grande área livre com um espaço cultural no edifício da antiga rodoviária, tendo já assegurados os recursos para a obra pela Prefeitura. E da reformulação da Lei Operação Urbana Ribeira que aumentou os percentuais de isenção de taxas e impostos para quem vai investir em obras no bairro.

Mas enquanto as obras não acontecem, seguimos os acordes da Banda da Ribeira e dos Muitos e Antigos Carnavais, trazendo novas gerações ao Sítio Histórico da Ribeira em meio a estilhaços de uma Cidade que segue a rasgar teimosamente seu álbum de retratos na mansidão guardião do Estuário Potengi, que a tudo assiste e calado ainda consegue engolir todo o lixo atirado em suas águas. Até quando? Até quando a ponte e Deus quiserem.

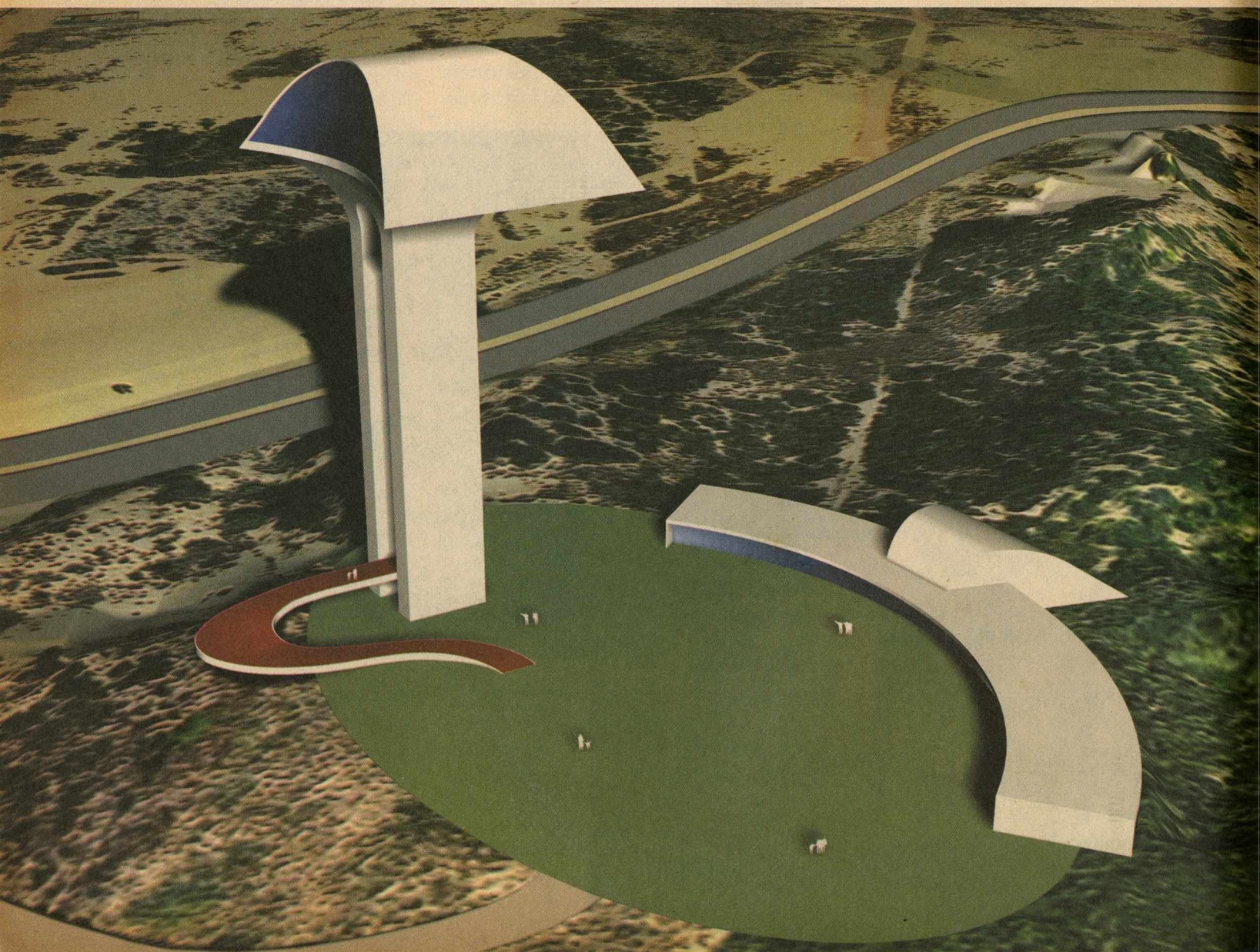
Haroldo Maranhão é arquiteto e urbanista.



PARQUE DA CIDADE

ANA MIRIAM MACHADO

Maquete eletrônica do Parque da Cidade, produzida pelo escritório de arquitetura de Oscar Niemeyer



O projeto Parque da Cidade, situado na Zona de Proteção Ambiental – 1 (ZPA-1), tem por objetivo principal a conservação do ecossistema local, através de uma ocupação racional que viabilize sua proteção, recuperação e utilização pública sustentável. A área proposta para implantação da Unidade de Conservação de categoria Parque Natural, com aproximadamente 62,2ha, apresenta características ambientais de degradação que apontam para uma imediata ação de recuperação e conservação, a fim de não agravar sua descaracterização e o desequilíbrio do ecossistema existente. A área integra dois bairros com características socioeconômicas e ambientais bastante distintas (Cidade Nova e Candelária), transformando o parque num equipamento urbano de fundamental importância no que diz respeito à inserção social.

A área, compreendendo parte da margem direita da Av. Omar O'Grady, é hoje desprovida de ocupação por habitações. Todavia, é possível a identificação de indícios de uso que caracterizam o conflito entre a desejada conservação e a constatada pressão antrópica, dentre as quais destacam-se: o desmatamento, as queimadas, a disposição irregular de resíduos sólidos, exploração comercial de sedimentos para construção civil, abertura de trilhas clandestinas, etc.

A necessidade de garantir a conservação da paisagem característica desse ecossistema, destinando à área um projeto voltado a realização de atividades de educação e interpretação ambiental, pesquisas científicas, lazer e turismo, justifica a intervenção municipal, sendo este uso conforme com o que determina o macrozoneamento do Plano Diretor de Natal, Lei Complementar nº 07/94, e o Sistema Nacional de Unidades de Conservação, Lei Federal nº 9985/2000.

Com base nessa consciência é que se propõe criar um pólo de atração turís-

tico-cultural, incentivando as práticas de eco turismo, lazer ativo e contemplativo, promovendo a recomposição e preservação da vegetação nativa e a sua conservação como reserva natural da cidade.

O Parque da Cidade é uma proposição do município para integrar parte da Sub-Zona de Conservação da Zona de Proteção Ambiental 1 ao Grupo de Unidades de Proteção Integral, segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), que objetiva preservar a natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais, na categoria de Parque, onde se vislumbra a visitação pública, sujeita às normas e restrições a serem previstas no Plano de Uso Público.

O Plano de Uso Público é um dos programas de manejo da Unidade de Conservação, pois define as atividades a serem desenvolvidas na área, estabelecendo as normas e diretrizes para sua execução. Na área do Parque da Cidade, após a avaliação dos aspectos naturais, culturais e históricos, previamente foram estabelecidas três zonas, a saber: Zona de Recuperação, Zona de Uso Extensivo e Zona de Uso Intensivo.

A Zona de Recuperação, onde não se prevê intervenção antrópica, abrange mais de 95% da área do Parque sendo destinada exclusivamente a promoção da recuperação das áreas degradadas e manutenção dos resquícios ainda preservados.

A Zona de Uso Extensivo compreende a área destinada a manutenção do ambiente natural, ou pouco alterado, oferecendo facilidades de acesso público para fins educativos e recreativos, sendo previstas trilhas, unidades de descanso e estruturação de mirante natural.

Na Zona de Uso Intensivo, que delimita o espaço previsto para a promoção da educação ambiental e recreação ao ar

livre em caráter intensivo e harmonioso com o meio, está previsto a instalação dos seguintes equipamentos para garantir a integridade ambiental do Parque: Pórticos de Entrada (Leste e Oeste); Guaritas; Estacionamentos (230 vagas junto a portaria Leste e 48 vagas a Oeste); Unidades de Descanso; Unidade de Sanitários; Plano Inclinado (Sistema mecânico de elevação através de um plano inclinado com cabine sobre trilhos, destinado ao transporte de pedestres pela portaria Oeste) e Centro de Visitantes.

O Centro de Visitantes, além da Estação de Tratamento de Esgoto, é composto por dois módulos: Torre e Edifício Central. A Torre constitui numa edificação vertical com área de projeção aproximada de 617,71 m² e altura de 45,00 metros, destinada a abrigar um memorial em sua parte mais elevada (mirante). O Edifício Central, abrange uma edificação horizontal que concentra as seguintes atividades: Núcleo de Educação Ambiental (NEA); Administração: Gerenciamento do Parque (serviços administrativos e guarda florestal); Foyer (local para eventos artístico-culturais); Biblioteca; Auditório com capacidade para 146 lugares; Lanchonete/Cafeteria; Cozinha de Apoio e Sanitários.

O macrozoneamento proposto no Plano Diretor de Natal estabeleceu as Zonas de Proteção Ambiental, as quais foram previstas para viabilizar a proteção dos aspectos naturais e culturais da cidade. O Parque, além de ser uma primeira experiência de gestão em ZPA, pode desempenhar a função de espaço destinado ao lazer ecológico, cultural e equipamento estratégico de promoção da educação ambiental.

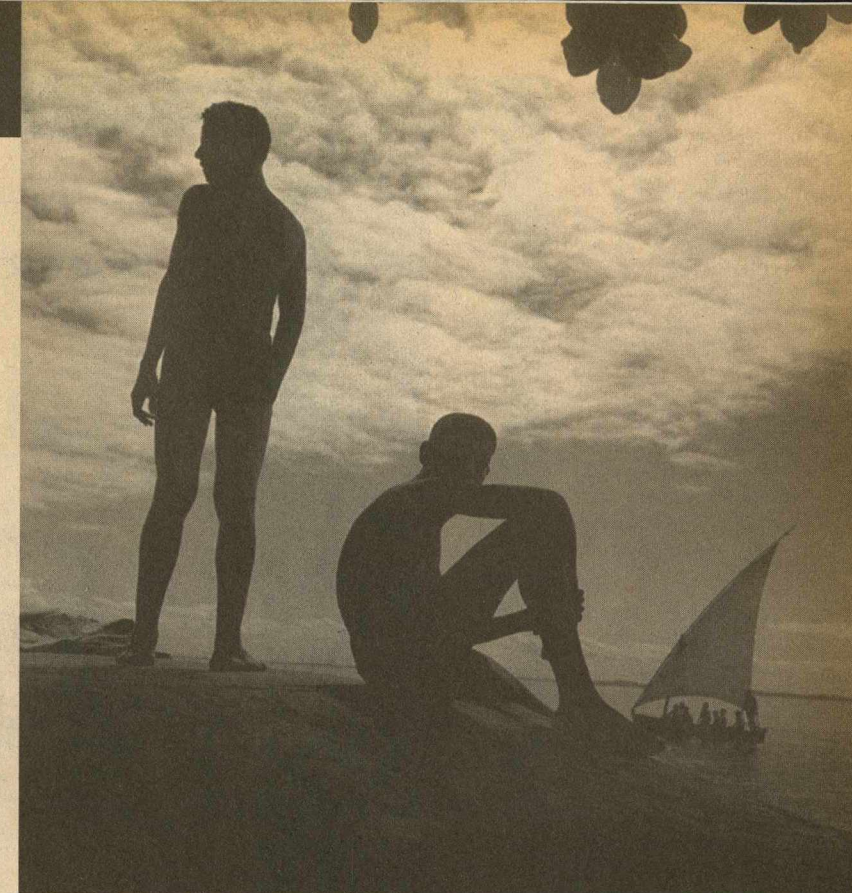
Ana Miriam Machado, arquiteta, é Secretária Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.



Mostra
Pierre Verger

Texto
Alex Baradel

Fotos
Pierre Verger



Luz-Símile-Sombra

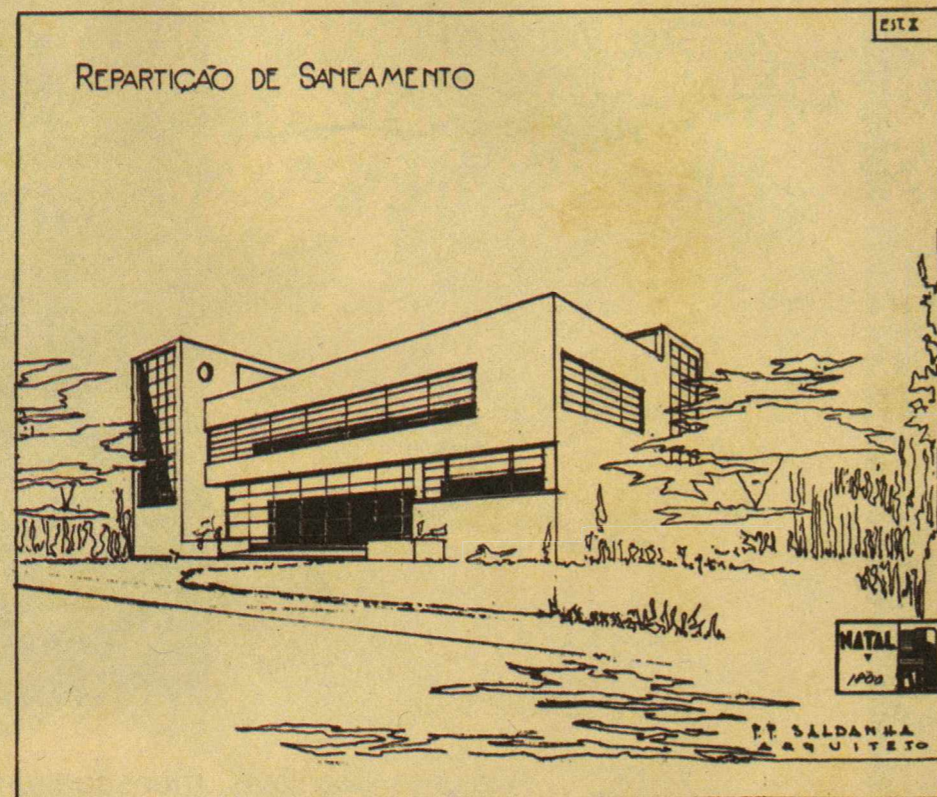
Viajante insaciável, mensageiro entre a África e a Bahia, Pierre Verger, igualmente à sua fotografia, não gostava de cores...Era preto e branco.

Desde que começou a freqüentar o candomblé, quando chegou ao Nordeste brasileiro, em 1946, assumiu o compromisso de ressaltar a importância da cultura africana e afro-brasileira. Passou, assim, 50 anos de sua vida a se perder pelos conhecimentos da imensa riqueza africana, especialmente a de origem "lorubá", que teve tanta influência nas Américas, destacadamente em Cuba e no Brasil. Neste último, principalmente em Salvador, na Bahia.

Suas fotos das culturas africanas e afro-americanas, especialmente as que retratam aspectos religiosos, vão além do visível. Não mostram apenas roupas, objetos ou lugares de cultos; mostram a alma de uma cultura, a sua dignidade, a sua força.

Pierre Verger foi um dos poucos fotógrafos que conseguiram retratar os cultos afro-brasileiros com uma visão tão interna, com um olhar tão familiar, com um raciocínio tão negro...

Alex Baradel é curador da mostra e chefe do setor de fotografia da Fundação Pierre Verger.



Na página anterior, projeto original para a sede da Repartição de Saneamento. Na foto ao lado, o prédio na época de sua edificação, em 1937

Abaixo, imagem atual do prédio, hoje bastante descaracterizado dos seus traços originais

OS ESCOMBROS DO MODERNISMO

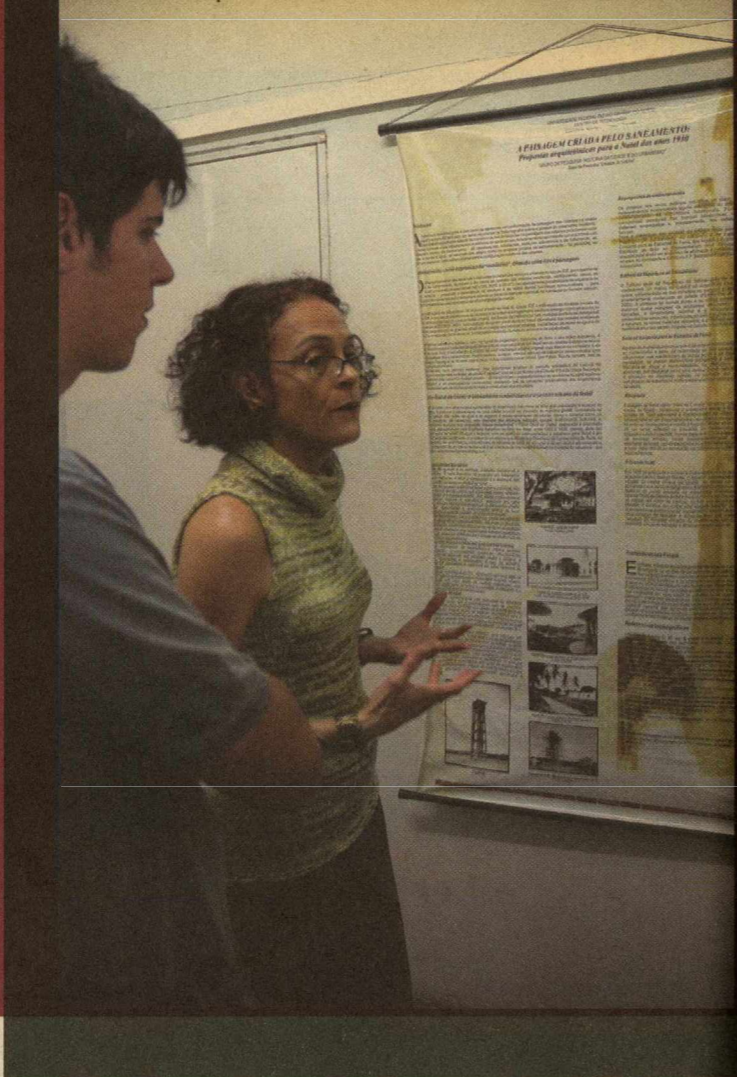
Edifício da CAERN, localizado no bairro da Ribeira, é o primeiro prédio modernista da arquitetura natalense

Nos pés distraídos do mundo, Natal reserva dentro de si histórias mal contadas, prosas sem fim e um esquecimento que reflete na alma das pessoas, nos olhares da cultura e na simbologia do tempo. A cidade tem a característica de ser despreendida dessas referências, seja na literatura ou nas páginas da realidade. Caminhando um pouco pelas ruas da cidade, nem percebemos o quando existe de história nos casarões, no chão, nos olhares ...lugares que carregam a humanidade, em pedaços de vida que, aos poucos, vão sendo apagados.

Texto
Michelle Ferret

Fotos
Argemiro Lima





Ao lado, a professora Ângela Lúcia Ferreira, Departamento de Arquitetura da UFRN, com o aluno Gabriel Leopoldino, integrantes do Grupo de Pesquisa sobre a História da Cidade e do Urbanismo (HCURB)

Na página ao lado, deputados visitam o prédio da Repartição de Saneamento, em 1937, ano de sua inauguração



Quem desce a avenida Rio Branco em direção ao bairro da Ribeira quase não nota a existência de um prédio de cor clara, com vãos largos, muitas janelas e colunas que abrigam em si parte de uma história pouco contada. Aqueles concretos escondem em suas paredes o marco inicial da arquitetura modernista no Estado: o Edifício Sede da Repartição de Saneamento de Natal, atualmente conhecido como uma das repartições da Caern. A obra foi inaugurada no ano de 1937, como parte do Plano Geral de Obras elaborado pelo Escritório Saturnino de Brito, contratado pelo governador Rafael Fernandes, e é celebrada pela ruptura com o classicismo, tendo características funcionalistas que quebravam com estruturas que eram mantidas há anos pelos arquitetos e, conseqüentemente, com a tradição.

A influência do arquiteto francês Le Corbusier um dos mais importantes do século XX - na construção do prédio é fortemente visível. Suas bases podem ser vistas em seu livro *Vers une architecture* (Por uma arquitetura), que trata sobre o movimento moderno de características funcionalistas, desenvolvendo uma nova maneira de enxergar as formas, tendo como foco a funcionalidade e as necessidades humanas, conseguindo, assim, revolucionar a cultura arquitetônica do mundo inteiro. Suas obras abriram espaço para o modernismo e negavam as características histórico-nacionalistas.

Em Natal, a construção do prédio da repartição de saneamento foi um baque para a sociedade, sendo considerado uma grande ousadia e conseqüentemente uma nova maneira de ver a cida-

de, pois rompia com a arquitetura gótica e com a clássica, e dava espaço para uma tecnologia avançada, que trabalhava com o concreto, trazendo grandes vãos livres, sem paredes intermediárias.

Essa época foi marcada por muitas rupturas, não só na arquitetura, como em todas as linguagens artísticas, e também na política. O Brasil vivia um momento muito intensas mudanças desde o início da década. Era o momento de romper com tudo o que estava acomodado, trazendo transformações, visíveis ou não.

Com o tempo e as modificações de governo e conceitos, a obra foi ficando esquecida nos escombros do modernismo e da acomodação, sendo mutilada aos poucos em prol de adaptações da empresa. Somente no ano de 2003 o desejo de recuperar o prédio, recuperando suas características iniciais, ressurgiu através do então presidente da Caern, Lúcio Dantas, que contrata o arquiteto João Maurício de Miranda, numa ação

que contribuiria para a memória cultural da cidade. Chegando a fazer uma análise contextual do edifício, elaborando o material gráfico e o estudo das plantas para ser fiel à construção original, o arquiteto viu seu trabalho interrompido quando houve a mudança da presidência da CAERN, ainda no ano de 2003, e até hoje nada foi concretizado.

As pessoas esquecem que o prédio foi contemporâneo das primeiras manifestações modernistas no Brasil, caracterizava-se por algo mais racional, não é voltado de adornos, não seguia simetria, ele quebrava com isso, era despojado. Várias características podem ser notadas no edifício, os painéis de vidros, o terraço-jardim, o revestimento externo, o jogo de volumes e de claro-escuro. A questão da forma e função era um dos princípios da arquitetura modernista, além disso, tinha a estrutura independente, as paredes, que antigamente eram muito grossas, são como as dos edifícios atuais. É uma obra que marcou nossa época, nossa história

de vida, mas ninguém parece perceber mais, conta o arquiteto.

Foi justamente esse descaso que fez voltar à poeira todo o sonho de João Maurício de rever a história bem contada. Em seu plano de restauração, a prioridade seria manter toda a arquitetura modernista feita pelo Escritório Saturnino de Brito, conservando os planos abertos e fechados, permitindo claro-escuro, volumes, saliências e, principalmente, a funcionalidade. Originalmente, tinha uma escada do lado oeste, que dava em cima do terraço, e hoje essa escada está destruída, fizeram um sanitário no meio dela. Tudo está desfigurado, a obra foi mutilada, permaneceram poucas características. Como a escada saiu, o terraço também não existe mais. Inclusive a escada, quando se chegava ao último pavimento, dava acesso a uma janela que era um óculo, para dar ventilação. Isso era muito funcional. As esquadrias da escada principal também estão alteradas, hoje está tudo perdido, conta o

arquiteto com indisfarçável olhar triste.

Depois de um tempo refletindo, João Maurício revela sua angústia com o processo de crescimento da cidade, através do qual muita coisa é mutilada sem nenhuma cerimônia e não existe a preocupação com as origens das obras. A arquitetura é uma das artes que deixa uma marca muito clara do que foi a geração anterior; nem sempre você pode destruir. Com isso, perdemos as referências e ficamos só com o momento, com o superficial de tudo. E nesse momento de agora, a gente observa muita coisa que não tem qualidade arquitetônica. Hoje tem muita imitação, sem sentido. Talvez por ter perdido a referência, completa.

O MODERNISMO E A HISTÓRIA DO SANEAMENTO NA CIDADE

Nessa mesma linha de pensamento, e preocupada com o que existe por trás do concreto e seus escombros, a doutora e pesquisadora do Departamento de

Arquitetura da UFRN, Ângela Lúcia Ferreira orienta o grupo de pesquisa sobre a História da Cidade e do Urbanismo (HCURB). Para ela, o prédio é considerado como um símbolo maior, porque representa um momento no Brasil de inovação da arquitetura, em que a intenção era chocar e marcar época. Mas também considera que a construção vai além de ser o primeiro prédio modernista de Natal, por ser o reflexo de um momento contextual em que foram elaborados vários planos visando o saneamento e o planejamento urbano da cidade em expansão. Tais idéias, no entanto, só seriam concretizadas a partir de 1935, com a contratação do Escritório Saturnino de Brito para elaborar o Plano Geral de Obras.

Além do prédio da Repartição de Saneamento e dos projetos de abastecimento de água (captações, reservatórios, distribuição) e de esgotamento sanitário da cidade, outras obras foram geradas pelo planejamento do Escritório



Ao lado, estação elevatória do Distrito 5, na Ribeira, e ao fundo, o Grande Hotel, projetos estabelecidos pelo Plano Geral de Obras de Natal, na década de 30

Abaixo, projeto de abastecimento de água de Natal, idealizado pelo Escritório Saturnino de Brito

Saturnino de Brito, como o Grande Hotel, também na Ribeira. Ainda foram projetadas várias obras que não chegaram a ser executadas, como um palácio de governo, secretarias e assembléia, além de uma estação ferroviária e um aeroporto, que seria situado hoje na área militar da praia do Forte.

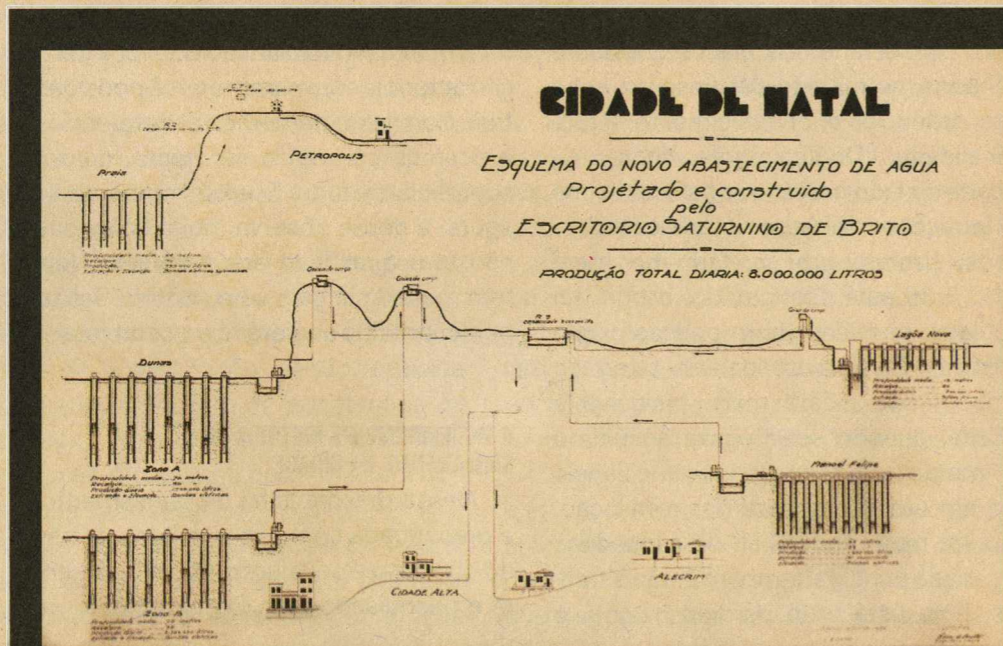
A intenção era exatamente essa, o Plano previa criar equipamentos que gerassem novos marcos para a cidade, que fossem impactantes, que representassem a autoridade do poder público, conta Gabriel Leopoldino, aluno de Arquitetura e Urbanismo que integra o HCURB e que atualmente estuda a história e a influência do prédio da Repartição de Saneamento na arquitetura local.

Para entender esse plano é importante ressaltar que naquele período a higiene das cidades estava em primeiro plano até mesmo em função da existência de epidemias recorrentes - e era pensada em conjunto com o meio ambiente, o urbanismo, a coleta de lixo e o saneamento. O prédio da Repartição de Saneamento se inclui dentro de um momento em que o saneamento representava muito para a cidade, se tornando o ícone de um período que não pode ser esquecido. É estranho pensar que em 1937 a cidade

teve um dos melhores planejamentos do país relacionado à higienização, através do projeto do governador Rafael Fernandes.

Sebastião Saturnino de Brito foi considerado o pioneiro da Engenharia Sanitária e Ambiental no Brasil e realizou os mais importantes estudos, nessa área, em diversas cidades. Sobre esse assunto, a professora Ângela Lúcia Ferreira pesquisa há vários anos e é inclusive a organizadora do livro *Uma cidade bela e*

sã: a trajetória do saneamento de Natal, 1850-1969. O livro guarda em suas páginas todo o processo da evolução histórica da cidade através das lentes do sanitário. A obra está pronta desde 2001, mas nunca recebeu apoio total para a publicação. A importância dessa publicação para a cidade é incalculável e é impressionante como ninguém se interessa em publicar a história. Natal conhece muito pouco da história que tem, conta a pesquisadora.



Arquivo CAERN

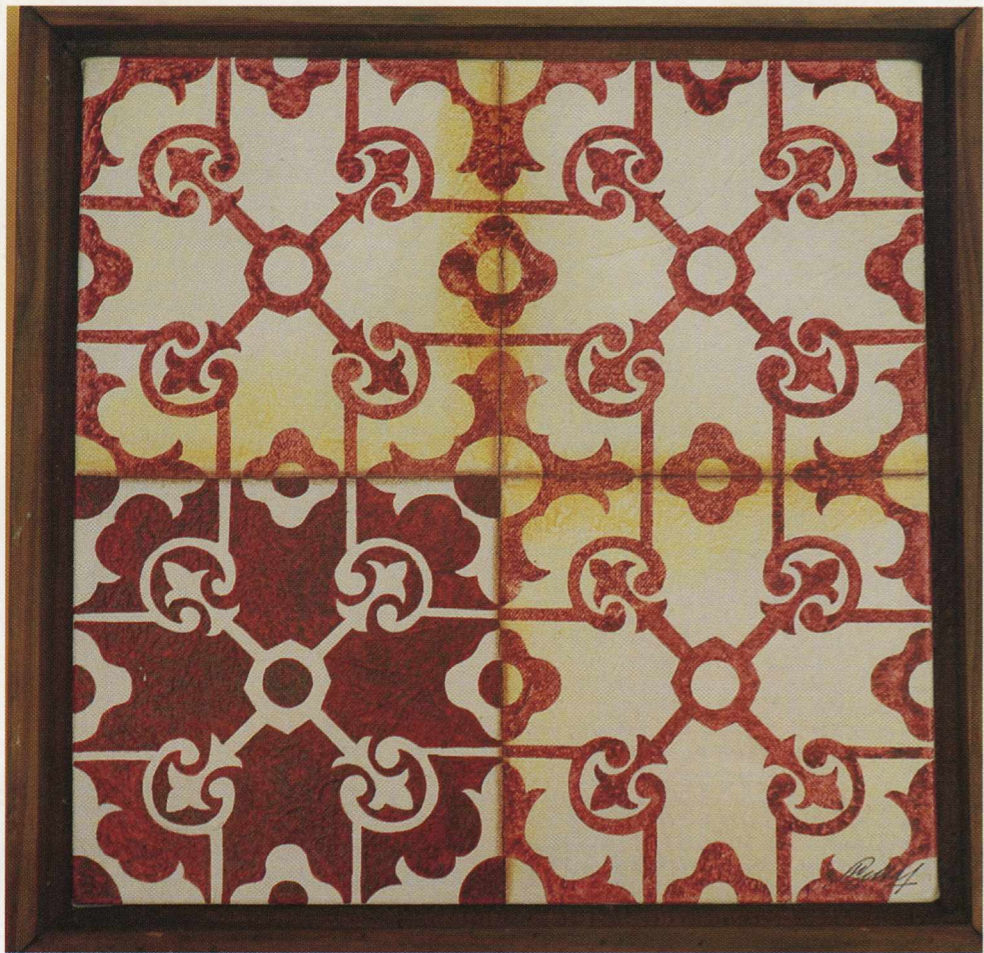


TEATRO ALBERTO MARANHÃO 40 x 40cm

célia albuquerque

COMO ANTIGAMENTE

Fotos Argemiro Lima



RUA FELIPE CAMARÃO
40 x 40cm



TEATRO ALBERTO MARANHÃO
40 x 40cm



AVENIDA TAVARES DE LIRA
20 x 20cm



PRAÇA AUGUSTO SEVERO, 101
20 x 20cm



AVENIDA TAVARES DE LIRA
antigo Café Cova da Onça
20 x 20cm



PRAÇA AUGUSTO SEVERO, 101
20 x 20cm



RUA DR. BARATA, 217/219
40 x 40cm



Nascida em Itabaiana (PB), Célia Albuquerque vive em Natal desde 1972. É artista plástica desde os 17 anos e sua obra contempla duas temáticas principais: o meio ambiente e o patrimônio histórico. É assim que paisagens natalenses e fachadas de edificações históricas da cidade aparecem frequentemente em seus quadros. As obras retratadas neste ensaio, feitas em acrílica sobre tela, são fruto de uma pesquisa da artista para revelar os "ladrilhos hidráulicos" de Natal, revestimentos de piso com desenhos geométricos que eram comuns até a década de 1950, mas que estão praticamente em extinção atualmente. Os trabalhos foram primeiramente apresentados ao público na exposição "Como antigamente", realizada em 2005.



APENAS MALUCO!
APENAS POETA!

FRIEDRICH NIETZSCHE

MÁRCIO BORGES

APENAS MALUCO! APENAS POETA!

Ao decantado ar,
Quando já o consolo do orvalho
mana sobre a terra,
invisível, também não ouvido
pois traz calçado frágil
o consolador orvalho, como todas as consolodoçuras!
te lembras disso te lembras, caloroso coração,
do quanto outrora tinhas sede
de celestes lágrimas e gotejar de orvalho,
chamuscado e cansado tinhas sede,
enquanto na amarela relva
maliciosos raios vespertinos do sol
através de negras árvores te perseguiram
ofuscantes fogolhares de sol, daninhos.

Amante da Verdade tu? assim eles zombaram
não! apenas um poeta! Um bicho, um ardiloso, predador, sorrateiro,
que precisa mentir, que cientemente e conscientemente precisa mentir,
atrás da presa, cobiçoso, colorido mascarado,
de si mesmo a máscara,
de si mesmo a presa.

Isto o Amante da Verdade?
Apenas maluco! Apenas poeta!
Apenas falador colorido,
sob a máscara de maluco falando colorido a esmo,
revoando sobre mentirosas pontes-palavras,
sobre arco-íris de mentira,
entre céus falsos,
a esmo divagando, a esmo se esgueirando
apenas maluco! Apenas poeta! ...

Isto o Amante da Verdade?

Nem quieto, rijo, liso, frio,
em ícone transformado,

em pilar de deus,
nem colocado à frente dos templos,
guardião da porta de um deus :
não! avesso a tais monumentos de virtude,
em qualquer selva mais à vontade do que nos templos,
cheio de propósitos felinos,
saltando por qualquer janela,
ups! por qualquer acaso,
qualquer mata virgem farejando,
tanto que tu nas matas virgens
entre coloridas felpudas feras
pecaminoso sadio e belo e colorido corrias,
com beijos lascivos,
divino-zombeteiro, divino-infernal, divino-sanguinário,
rapineiro, sorrateiro, mentiroso corrias ...

Ou semelhante à águia, que longamente
longamente fixa o olhar nos abismos,
em seus abismos ...
ah, como elas para baixo,
mais baixo, mais fundo,
sempre entregues às funduras voluteiam!

Então,
de súbito,
certeiro vôo
sacado em prumo
investir sobre as ovelhas
para baixo, brusca, voraz,
ávida de ovelhas,
hostil a todas almas-ovelhas
ferozmente hostil a tudo que parece
virtuoso, mediocrevelhidade, lâ encarapinhada,
néscio, com bem-querer de cordeirinho ...

Assim,
aquilinos, felinopanterais,
são os anseios do poeta,
são teus anseios sob mil máscaras,

ó maluco! ó poeta!

Que tu no homem viste
tanto Deus quanto ovelha ,
a Deus dilacerar em homem
como em homem a ovelha
e dilacerando rir

Isto, isto é a tua bem-aventurança,
de pantera e de águia, a bem-aventurança,
de poeta e de maluco, a bem-aventurança! ...

Ao decantado ar
quando já a foice da lua,
verde entre púrpura-rubros,
e invejosa desliza,
inimiga do dia, ceifando a cada passo furtivo
as redes de rosas,
até que elas tombam,
noite abaixo pálidas desabam :

assim eu próprio tombei outrora,
de minhas verdades-delírios,
de minhas saudades do dia,
cansado do dia, enfermo de luzes,
tombei abaixo, rumo à tarde, rumo às sombras,
de uma Verdade
queimado e sedento

Ainda te lembras, te lembras, caloroso coração
de como tinhas sede?
que eu banido seja
de toda verdade!
Apenas maluco! Apenas poeta! ...

Compositor mineiro, Márcio Borges é considerado um dos letristas mais importantes do Clube da Esquina, ao lado de Ronaldo Bastos, Fernando Brant e Milton Nascimento.

Esta é uma transcrição de minha autoria (mais do que uma tradução) de um poema do alemão Friedrich Nietzsche, no original "Nur Narr, nur Dichter". O poema faz parte de um projeto ora em estudo na Geração Editorial, para publicação completa de minha transcrição de *Os ditirambos de Dioniso*", do mesmo Nietzsche. Este *Apenas Maluco, Apenas Poeta* é um dos ditirambos.

Márcio Borges

um encontro com as várias literaturas do brasil



Texto
Jóis Alberto

Natal em poucas ocasiões recebeu, na mesma data e local, tantos literatos e artistas famosos. Por esse aspecto, pela relevância dos assuntos em pauta no evento, ou pelo inegável talento dos nomes convidados, que vão do jovem estreado em literatura ao intelectual consagrado, o 1º Encontro Natalense de Escritores (ENE) que se realiza de 23 a 25 de novembro, no Largo da rua Chile, Ribeira, tem tudo para marcar época na cultura local. Discutir os rumos atuais da literatura brasileira, centralizando os debates em torno de questões inerentes à criação e divulgação da produção literária, é a missão dos escritores, artistas e intelectuais de vários Estados do Brasil, durante o encontro, promovido pela Prefeitura de Natal, através da Fundação Cultural Capitania das Artes. São profissionais consagrados como Affonso Romano de Sant'Anna, Zuenir Ventura, Villas-Bôas Corrêa, José Carlos Capinan, Jomard Muniz de Britto, Ignácio de Loyola Brandão, acadêmicos como Murilo Melo Filho, Arnaldo Niskier, Evanildo Bechara, Nilson Patriota, novos literatos como André Laurentino, Antônio Prata, dentre outros, e escritores locais como Humberto Hermenegildo, Constância Duarte, Moacy Cirne, jornalistas como Carlos Peixoto e Osair Vasconcelos.

Luís da Câmara Cascudo, que recebe uma merecida homenagem no evento, tem seu inesgotável legado cultural abordado por professores universitários e outras personalidades durante o encontro. Nada mais justo, já que, embora Luís da Câmara Cascudo tenha sido politicamente conservador, foi paradoxalmente o mais moderno, o mais inovador e o mais erudito intelectual norte-riograndense no século passado. Uma eru-

dição despojada de qualquer arrogância do saber, como mostra, por exemplo, a humildade e o bom humor com que ele se auto-proclamava "um provinciano incurável". O trabalho de Cascudo, que ainda em vida teve livros publicados em editoras de prestígio como a José Olympio e a Civilização Brasileira, tem ganhado uma nova projeção nacional, a partir do relançamento de suas obras pela Editora Global. Foi Câmara Cascudo quem melhor compreendeu o início da modernidade de Natal, já nos anos 20, como mostra o livro *Crônicas de origem* (EDUFRN, 2005), uma antologia de crônicas do mestre Cascudo, reunidas pelo professor universitário Raimundo Arrais, do Departamento de História da UFRN.

MODERNIDADE

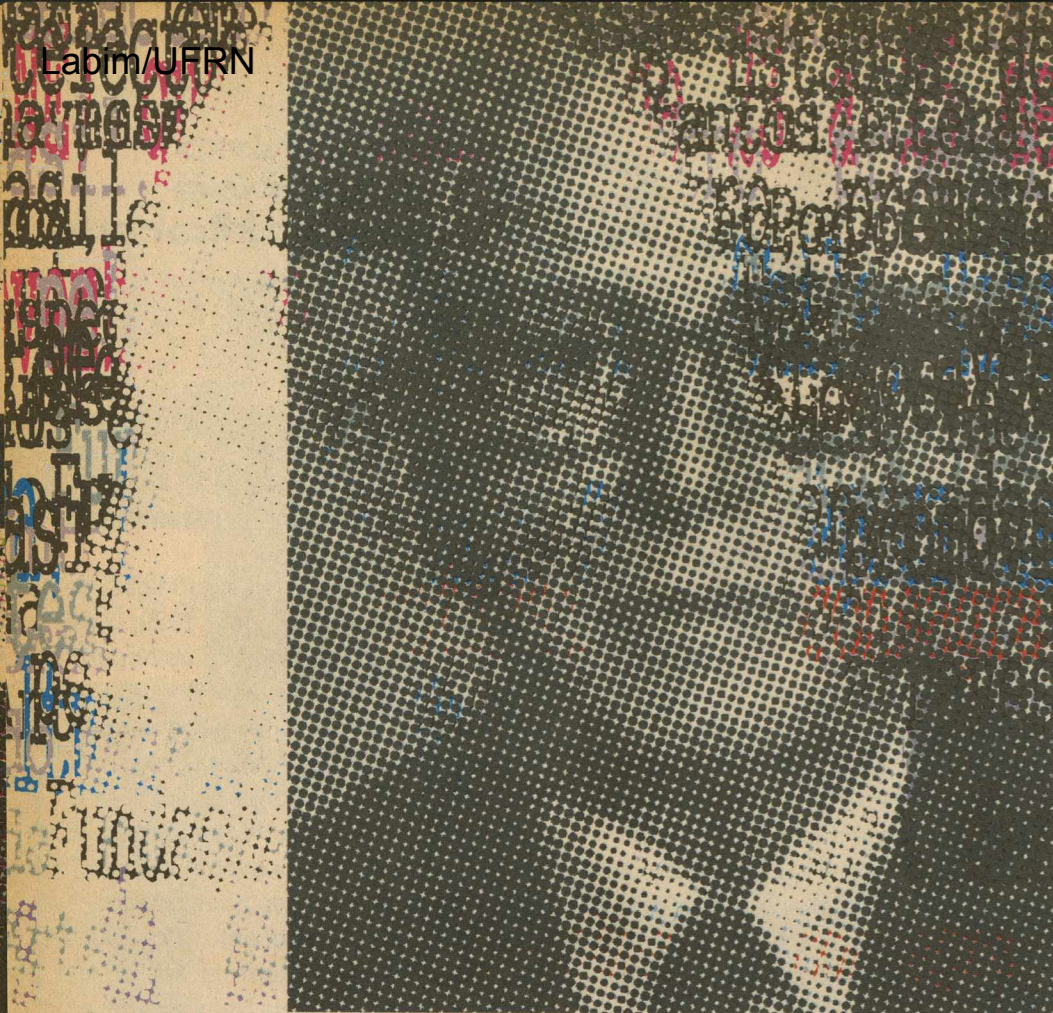
Nesse sentido, vale registrar que discutir a literatura natalense das primeiras décadas do século 20 e suas relações com a idéia de modernidade em Natal, com base nesse livro, foi um dos principais objetivos do mini-curso "A modernização da cidade do Natal nos anos 1920 sob o enfoque da história e da literatura", ministrado por Raimundo Arrais, e pelo professor Humberto Hermenegildo, do Departamento de Letras daquela universidade. O mini-curso foi realizado em outubro, durante a 14ª Semana de Humanidades da UFRN. No curso, Raimundo Arrais enfatizou a relevância da Literatura como fonte de História. Destacou também as variações dos conceitos de moderno, modernização e modernismo na história e na literatura. Humberto Hermenegildo, por sua vez, explicou algumas noções da teoria da estética da recepção, que tem como um dos idealizadores o crítico Hans Robert Jauss,

para se compreender essas relações entre literatura e história.

Foram analisadas três crônicas de Cascudo, publicadas em 1929, que fazem parte do livro *Crônicas de origem*. A primeira delas, "A taça florida", foi publicada em sete de fevereiro daquele ano, em A República. As outras duas, intituladas "O novo plano da cidade", também publicadas em A República, em 30 de outubro e sete de novembro. Na primeira, Cascudo trata da questão urbana num tom lírico, enquanto nas duas seguintes, ele se detém na análise da decisão da Prefeitura de Natal, gestão de Omar O'Grady, em implantar um plano arquitetônico para mudar a Ribeira, à época o principal centro comercial e residencial da cidade. A partir desse tema, Cascudo, antenado com as mudanças urbanas ocorridas à época em grandes cidades do Brasil e do mundo, com o alargamento das avenidas e outros melhoramentos, vislumbrava o início da modernização de uma Natal que até então permanecera parada no tempo.

Os dois docentes fizeram ainda comentários, do ponto de vista da história e da literatura, acerca dos poemas de Jorge Fernandes, que junto com Cascudo foi um dos principais introdutores do modernismo literário em Natal e da discussão sobre a modernização de Natal nas primeiras décadas do séc. 20. Por fim, os professores realizaram com o público presente um debate sobre estética e modernização, a partir da projeção em tela de desenhos de Erasmo Xavier, textos e fotos da época, publicados na revista *Cigarra*, um dos títulos precursoros do jornalismo cultural natalense.

A escritura epistolar da Câmara Cascudo, é o tema da comunicação no últi-



mo dia do ENE, com Humberto Herme- negildo, Marcos Moraes, Constância Duarte, Emerson Tin e convidada especial, Ana Maria Cascudo. A história da literatura potiguar é assunto da comunicação que reúne os críticos literários Manoel Onofre Jr, Diva Cunha, e o editor de livros locais, Abimael Silva.

MODERNIDADE E PÓS MODERNIDADE

Hoje, cerca de 80 anos depois da juventude de Cascudo, testemunha ocular das mudanças urbanas, culturais e econômicas que Natal passava à época, e 20 anos após a morte dele, ocorrida em 1986, a compreensão da modernidade e da pós modernidade figura entre as principais questões teóricas discutidas na atualidade por escritores, artistas e intelectuais. O poeta francês Charles Baudelaire foi um dos primeiros a refletir sobre o papel do artista na modernidade. No livro *A crise do passado* (Experimento, 2001), Philadelpho Menezes afirma que é “na confluência da estetização da mercadoria com a fugacidade de sua beleza onde pode-se encontrar a origem da palavra

modernidade no momento da criação de suas acepções contemporâneas, em especial as formuladas por Baudelaire”. De acordo com esse crítico literário, é na visão da moda como componente fundamental da manifestação real de uma beleza ideal que se forma a noção baudelaireana de modernidade, que estaria intimamente vinculada a um tempo e a um espaço, ao conjunto de gostos de uma dada época e de um dado lugar, variável segundo a mudança dessas coordenadas.

Em *O narrador*, Walter Benjamin, um dos principais ensaístas da modernidade, teoriza acerca da crise da narrativa na era do mundo industrial. É um dos autores mais estudados na atualidade para a compreensão das mudanças na estrutura das narrativas, do romance e outros gêneros literários, como a novela e o conto. Como ele viveu nas primeiras décadas do século 20 e morreu durante a Segunda Guerra Mundial, as reflexões filosóficas, estéticas e culturais posteriores, não só sobre o contexto pós guerras mundiais, mas principalmente da era pós industrial, foram feitas principalmente por existencialistas

como Sartre e Camus, pela analítica existencial de Heidegger, a fenomenologia de Husserl, a hermenêutica de Gadamer, o pós marxismo de Adorno e Habermas, a difusão do estruturalismo de F. Saussure e Claude Lévi-Strauss, a semiótica de Peirce, o pós estruturalismo de Deleuze, Derrida e Foucault, e pelos filósofos pós modernos, como Baudrillard e Lyotard. Dessa forma, se a visão de pós-modernidade se caracteriza pela fragmentação, os objetos de estudo também se diversificaram. O filósofo Gilles Lipovetsky, autor de *O império do efêmero* (Companhia das Letras, 1989), formula novos conceitos, como o de hipermodernidade, um desdobramento da pós-modernidade. Segundo ele, símbolos da hipermodernidade são as atitudes de pessoas identificadas com o sucesso do mundo capitalista, corporativo. Às suas imagens se associam os produtos da moda, que não está mais vinculada apenas ao vestuário. Está presente também em celulares, computadores, carros novos e outros produtos estimulados à compra, por uma sociedade caracterizada pelo consumismo hedonista e alienante.

Esse é um dos cenários de algumas narrativas contemporâneas, como são exemplos em Natal os textos de novos escritores do grupo “Jovens Escribas”, não à toa alguns deles profissionais da área de publicidade. “Jovens escribas: uma nova literatura”, é um dos temas do ENE. Dentre eles Carlos Fialho, Patrício Jr, Thiago de Góes, e, sem fazer parte do grupo, mas com alguns recursos literários em comum, Pablo Capistrano. Fazem uma literatura pós-moderna? Ao que tudo indica sim, já que reúnem características da geração de escritores brasileiros surgidos dos anos 90 para cá, muito influenciada por todas essas questões culturais. A produção desses novos nomes da literatura brasileira está presente em duas antologias de textos em prosa: Geração 90, manus-

critos de computador e Geração 90, os transgressores, ambas organizadas pelo escritor Nelson de Oliveira e publicadas pelo editora Boitempo (2001 e 2003). Na primeira antologia, figuram escritores como Marçal Aquino, Fernando Bonassi, Marcelino Freire, um dos convidados do Encontro Natalense de Escritores, Marcelo Mirisola, Luiz Ruffato, dentre outros. Na segunda antologia, aparecem entre outros, Edyr Augusto, Arnaldo Bloch, Simone Campos, Fausto Fawcet. Já a antologia de poesias *Esses poetas*, (Aeroplano Editora, 2001), organizada por Heloísa Buarque de Holanda, reúne a produção dos poetas dos anos 90. Trata-se de um livro que merece elogios pela qualidade dos poemas reunidos, mas que é alvo de críticas por ficar limitada à produção dos poetas dos grandes Estados, principalmente do centro sul do Brasil. Nessa antologia, estão poetas como Arnaldo Antunes, Augusto Massi, Cláudia Roquette-Pinto, Ítalo Moriconi, Ricardo Aleixo, Moacir Amâncio e Antônio Cícero, este último, um dos convidados do ENE.

Um trabalho de mapeamento mais interessante, do ponto de vista de descentralização cultural, é o que foi feito pelo crítico Assis Brasil, com antologias de poetas de vários Estados, inclusive a antologia *A poesia norte-rio-grandense no século 20*. Uma das saídas para furar o bloqueio dos centralismos geográficos e editoriais, é o uso da Internet, em especial dos recursos técnicos do blog, tema de uma das comunicações do Encontro de Escritores. Nesses tempos de novas mídias, em que muitos consumidores de arte e cultura, viram escritores e artistas, qual o papel do sindicato, ou órgão similar, como a UBE – União Brasileira de Escritores, na profissionalização da atividade do escritor no Brasil? É uma questão, sempre atual, que volta à pauta da literatura feita em Natal. Em nível local, depois de muito tempo desativada, há um movimento, liderado pelo poeta Lívio Oliveira, para a revitalização da representação local da UBE. Outra discussão contemporânea, “Redefinindo o Centro e a Periferia”, em pauta no encontro, debate acerca do que é local, regional, nacional e internacional, dentro do atual processo

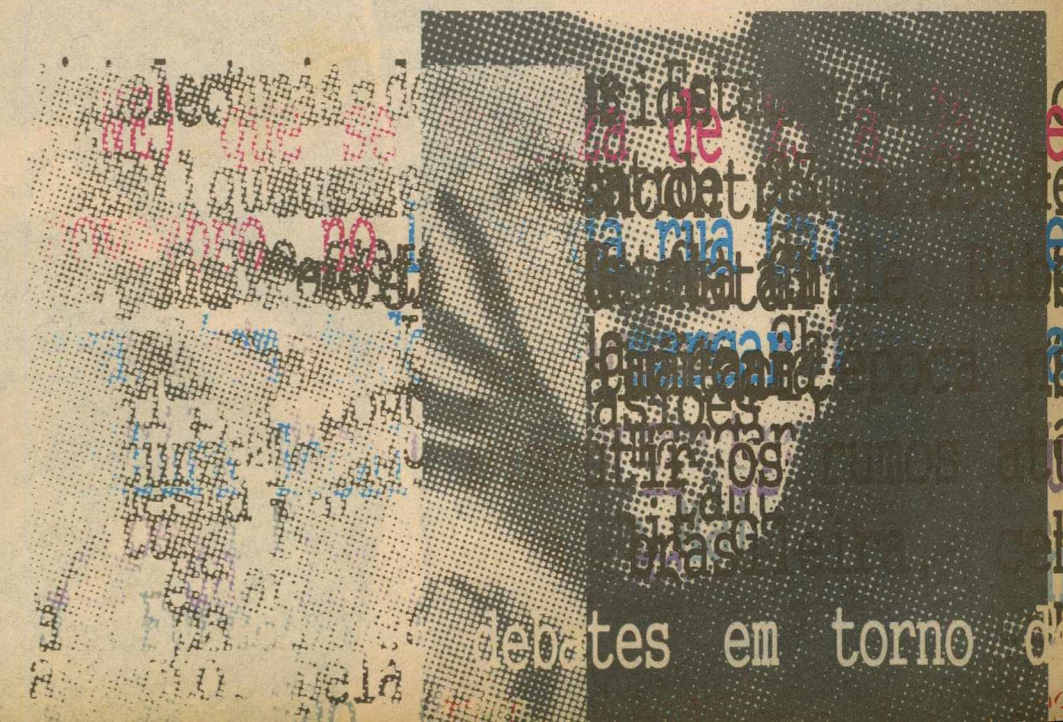
de globalização econômica. De modo geral, os intelectuais, escritores, e pensadores têm uma série de restrições à globalização neoliberal hegemônica, por ser um processo que, ao priorizar a maximização do lucro, concentra renda e gera desemprego em massa, uma situação que atinge todos os países, mas é dramática e explosiva nos países pobres.

CRIAÇÃO LITERÁRIA

O jornalismo cultural tem dado grandes contribuições à discussão sobre a criação e difusão dos gêneros e obras literárias. O *new journalism*, por exemplo, surgiu nos EUA nos anos 50, com Truman Capote, projetou o texto jornalístico como uma narrativa que mistura o estilo literário às técnicas de redação. Nessa vertente, a biografia aparece como um gênero literário em que as fronteiras entre o que é ficção e não-ficção ficam mais tênues. No Brasil, um dos escritores mais famosos, autor de biografias, é Ruy Castro, outro convidado do Encontro de Escritores, que falará sobre o assunto com a escritora Heloisa Seixas. Além de debates e lançamentos literários, o evento realiza shows musicais com alguns dos grandes da MPB, como Paulinho da Viola, na noite de abertura do encontro, e novos nomes como André Mehmar, Ná Ozzetti e Roberta Sá. As teorizações acerca das novas formas de criação literária prosseguem com a comunicação “Qual o texto novo?”, que reúne o escritor paraibano Antônio Mariano, as poetisas natalenses Marize Castro

e Carmem Vasconcelos, e a cronista Ana Cristina Tinoco.

Na poesia, o texto novo, no sentido de literatura contemporânea, surge com o simbolismo e ganha novo impulso com as vanguardas literárias do século 20, como o dadaísmo e o surrealismo. Na prosa, é muito citada a influência de Franz Kafka e James Joyce para o surgimento de novas formas de texto literário. No Brasil, depois da Semana de 22, com Mário de Andrade e Oswald de Andrade, seguindo-se de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, para mencionar os poetas mais estudados pela crítica acadêmica, ocorreu uma renovação literária com os concretistas, como os irmãos Campos, da poesia e prosa *beat* e existencialista de um Jorge Mautner, por exemplo, até poetas menos citados, como os surrealistas brasileiros. Dentre estes, destaca-se Jorge de Lima, com o hermético *Invenção de Orfeu*, uma releitura grandiosa, e de forte influência do surrealismo, do mito de Orfeu, considerado o primeiro poeta a fazer um elo de ligação entre poesia e música. Este último, um tema permanente na literatura ocidental, e que também está em debate no evento, com Antônio Cícero e Nelson Motta. Na prosa, são muito estudadas, nas universidades e na imprensa especializada, as contribuições inovadoras das obras literárias de Clarice Lispector, João Guimarães Rosa, Dalton Trevisan, Rubem Fonseca, João Gilberto Noll, Milton Hatoum.



CÉLIO TURINO / Entrevista

“Há muita cultura que precisa ser desescondida”

O Ponto de Cultura é um braço do projeto Cultura Viva, idealizado pelo Ministério da Cultura. Como foi a concepção dele?

Bom, logo quando assumiu o governo, presidente Lula decidiu unir o programa de cultura e cidadania ao de cultura e educação, ambos realizados pelo governo anterior ao dele. Dessa fusão, nasceu o projeto Cultura Viva, que trabalha com a idéia da ampliação do acesso à cultura. A mudança ocorreu, principalmente, porque antes se priorizou a construção de centros pré-moldados na periferia, e não o fluxo, a programação cultural que havia nessas casas. Então, no lugar de olhar para a estrutura, olhamos para aquilo que já existe, para o fluxo. E o Ponto de Cultura vem potencializar as ações culturais da comunidade que funcionavam sem recursos do governo, como nos casos do maracatu, do boi de reis, do reisado, até um grupo experimental de teatro. Pensamos: imagine se esses projetos, que já sobrevivem sem dinheiro, tivessem investimentos? O ponto de cultura é o investimento no que já existe. E isso tem um efeito multiplicador. Deixamos de fazer “para”, e passamos a fazer “com”.

O que sustenta o Ponto de Cultura?

Veja que o Ponto de cultura é um organizador da cultura em nível local, articulado em rede. Está alicerçado em autonomia, no protagonismo e no ordenamento social, um conceito que se dá através de transferência de recursos. Até então o governo dizia o que tinha que ser feito. Bom, cada ponto recebe R\$ 185 mil divididos em cinco parcelas semestrais. Seria fácil a gente inaugurar um ponto, as autoridades iam lá descerrar as placas e ficava nisso. A nossa preocupação é com a continuidade. Quando iniciamos, achei que a idéia deveria ter um nome. E lendo o discurso de posse do ministro Gilberto Gil, quando ele falou no DO-IN Antropológico, achei a idéia genial. A imprensa mais preconceituosa, principalmente a paulista, fez chacota da história. Mas se entendemos a cultura

como um organismo vivo, nada melhor que ir direto ao ponto. E o DO-IN é isso: ir direto ao ponto com massagens. O ponto de Cultura é o energizador da cultura brasileira.

Quantos pontos de cultura são financiados, hoje, pelo Governo Federal?

Temos 480 pontos de cultura em 262 municípios. Estão localizados em periferias das grandes cidades, nas comunidades quilombolas, em assentamentos rurais. São grupos que trabalham com a cultura tradicional, linguagem artística consagrada ou até com o experimentalismo estético. A variação de linguagem, a ligação da universidade com a comunidade, o audiovisual...

Precisa ser “carente” para estar no Ponto de Cultura?

Absolutamente. Nem renda mínima para participar. Existe ponto nas universidades, por exemplo. Usamos o Índice de Desenvolvimento Humano das regiões apenas para ver o investimento que será feito nos estados. Assim identificamos as áreas que não têm acesso. Para você ter uma idéia, a região Nordeste, proporcionalmente, é a que terá mais projetos. O presidente Lula quer a descentralização da cultura. Por coincidência, a quantidade de pontos no Nordeste é a mesma do Sudeste: 197. Em proporção, o Nordeste leva vantagem porque deve ter a metade da população do Sudeste. Além do que aqui é um caldeirão cultural. Entre os estados nordestinos, Pernambuco e Bahia estão na frente, entre 30 e 40 projetos, cada.

Qual é o critério do MinC?

Edital público. Até 2002 prevalecia a escolha individualizada, o que gerava uma concentração grande. Pelo menos 87% da cultura ficavam no eixo Rio/SP. Depois do Lula, se decidiu que não poderia continuar assim. Iniciamos, então, um processo de descentralização para todas as unidades. É uma forma de equilibrar. A gente enxerga que esse critério poderia ser aplicado

O secretário de Programas e Projetos Culturais do MinC, Célio Turino esteve em Natal visitando os pontos de cultura potiguares

não só em relação aos pontos de cultura, mas em outras políticas públicas também. Aqui no RN, são 12 pontos de cultura e um Pontão, que é a Fundação Hélio Galvão, que tem a função de articulação. Definimos os critérios e recebemos os projetos. Os recursos podem ser aplicados numa obra, em equipamentos ou nas oficinas ministradas.

Durante quanto tempo o governo investe num ponto?

No início, estipulamos em dois anos e meio os convênios. Mas avaliamos melhor e achamos que deveria haver mais investimento. E decidimos fazer a renovação automática dos convênios que forem bem sucedidos

Quando há transferência de recursos públicos sempre existe o medo de desvio da verba. Quem faz a fiscalização?

É verdade. Como são 262 municípios, o acompanhamento é feito via regionais do MinC e do Instituto Paulo Freire, que contratamos para capacitar o pessoal que trabalha nos pontos. A metodologia de Paulo Freire se aproxima muito da filosofia da construção do projeto Cultura Viva. Em alguns casos, a aplicação dos recursos não é bem sucedida. Mas é raro acontecer. Os resultados positivos são maiores. O impulso social e cultural que vem ocorrendo é magnífico. No RN, por

exemplo, só temos bons exemplos, como o Conexão Felipe Camarão, a Associação da Vila de Ponta Negra, a Galeria Zoom, o Hip Hop do Guarapes. Estamos fechando convênios com municípios também. Acho que em dois anos demos passos efetivos

Qual a diferença entre um Ponto de Cultura e uma Ong?

A Ong é a personalidade jurídica que administra o ponto. O ponto é o elo da relação entre Estado e sociedade, o organizador da cultura. Mas não procuramos apenas as Ongs. Não dá para caracterizar o movimento como Maracatu ou Estrela de Aliança, da Zona da Mata pernambucana, como uma Ong. Mas não deixa de ser uma organização não governamental. Tem a personalidade jurídica dele, mas um vínculo com a cultura tradicional. Num certo período as Ongs se desenvolveram com a ideologia de que o Estado não é preciso, que a sociedade resolve seus problemas sozinhos. E isso não é verdade. Procuramos ainda os municípios e governos estaduais, porque a idéia é fazer do ponto uma política de Estado e não momentânea. Há ainda entidades do movimento social, estudantes, trabalhadores rurais...

Convênios com entidades e movimentos sociais coordenados por partidos

políticos não podem “aparelhar” os pontos?

Pelo contrário. A União Nacional dos Estudantes (UNE) criou os centros de cultura e arte em vários lugares. É importante essa aproximação até pelo papel histórico da construção da democracia e da cultura brasileira. Toda a renovação estética da dramaturgia veio dos CPCs, o programa “A Grande Família” e as novelas são resultados do CPC (Centros Populares de Cultura, coordenados pela UNE na década de 60). Aproximar a população da vida cultural é importante. Mas isso não vinha ocorrendo. A cultura era tratada como se fosse um balcão. O administrador ia lá financiar um fardamento, uma apresentação... noto nas minhas andanças que os movimentos estão no alcance do olhar, mas não são percebidos. É um processo de clientelismo, uma forma totalmente desmerecedora, que não estabelece uma condição de respeito.

Como estão os contatos com municípios e o governo no RN?

Fizemos um convênio com Macaíba. A relação com a prefeitura de Natal é muito boa. Vamos ter o pontão Hélio Galvão, que vai ajudar na articulação. Com o governo do Estado ainda não conversamos, mas pretendemos. A idéia é abrir um edital público interno por estado, como fizemos no Piauí. O governo de lá

entrou com 50 centavos para cada um real que o Ministério da Cultura investiu. Isso permitiu abrir mais pontos. Hoje o Piauí conta com 17 pontos de cultura

Como firmar convênios em municípios e Estado que sejam governados por partidos de oposição ao governo?

Por certa conveniência ou sorte, lançamos o programa em 2004, período de eleições, e não pudemos fazer convênio com o governo, ou seja, só trabalhamos com entidades da sociedade. Foi bom porque foi a primeira fase do projeto. Aí, em 2005, lançamos dois editais separados: um para governo e outro para município. Não olhamos coloração partidária, mas é lógico que o projeto só entra se não faz manipulação. Tem que funcionar em cima do conceito original do projeto. Quer um exemplo de como vem dando certo? Lançamos o prêmio Cultura Viva e o primeiro lugar foi para o governo do Ceará, do PSDB. O segundo colocado era do Espírito Santo, do PMDB, e o terceiro do Amapá, que é do PDT. O que a gente planeja é transformar os pontos numa política pública, e não em política de governo. Quem sabe daqui a alguns anos a gente tenha um ponto enquanto um valor a ser defendido por toda a sociedade. Quando esse dia chegar, aí sim vamos entrar no estágio da política pública.

No Brasil, a política pública é a primeira solução para tudo. Mas não sai do papel. Você acha que o ponto de cultura é, finalmente, a prática disso?

É uma política pública que tem dado certo. Em três anos, chegamos a 262 municípios. Às vezes, a política pública é só fala e o conceito não tem consistência. A prática vem a partir da construção das idéias, da gestão e da coletividade.

Da forma como você falou no início, a concepção dos Pontos de Cultura nasceu de sua frustração com as Casas de Cultura. No RN, as Casas também não vêm funcionando. Por que esse projeto não dá certo?

Olhe, não quero entrar no mérito das Casas de Cultura do RN, mas o que posso te dizer é que tenho trabalhado no caminho dos pontos. Fui secretário de cultura

Fotos: Alberto Leandro

em Campinas de 1990 a 1992. Na época, abrimos 13 Casas de Cultura com vínculo comunitário. Eram estruturas simples, em bairros distantes, que recebiam uma pequena biblioteca comunitária, um agente contratado da própria comunidade. Quando acabou a gestão, a avaliação que fiz foi de que as casas estariam consolidadas. Mas errei. Quando entrou o outro governo, de outra orientação política, o projeto parou. Aquilo me deixou muito triste num primeiro momento, mas depois fui tentar entender por que não havia um enraizamento. Cheguei à conclusão de que havia pouca conexão em rede. As Casas tinham a autonomia restrita, dependente. Com esse plano pluri-anual que fizemos agora, com a transferência direta de recursos, estamos conseguindo consolidar o projeto.

O dinheiro é fundamental para movimentar a cultura?

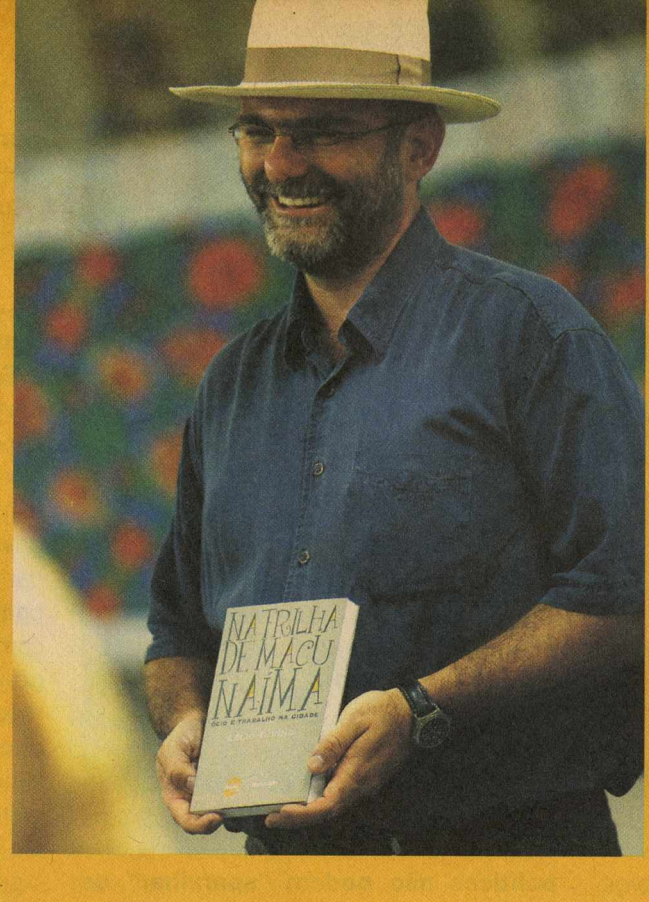
É necessário, mas nem tanto. A zero, não tem condição. Veja que o valor do convênio é de R\$ 185 mil em 30 meses, ou seja, dá uma média de R\$ 6 mil por mês. Não é tanto, mas é muita coisa para uma comunidade que já desenvolve uma ação. Potencializa em termos de aquisição de equipamentos, como o estúdio multimídia para um grupo que vai poder gravar seu trabalho e colocá-lo na rede para o mundo ver.

O projeto prevê parcerias com a iniciativa privada?

É o conceito do projeto. A capacidade de articular parceria, com o poder público e a coletividade é um dos critérios. Estamos pensando em criar prêmios para estimular a parceira entre os pontos. Se o Hip Hop e o cordel se integram, vão notar que o rap é parecido com o repente, por exemplo.

A concepção das leis de cultura, hoje, não é garantia de financiamento. O Ponto de Cultura é uma alternativa à isso?

Isso (as leis) graçou no Brasil a partir dos anos 90, dentro da ideologia neoliberal de



transferir tudo para o mercado. O slogan do governo anterior era: "cultura é um bom negócio". É claro que existe a dimensão do negócio, mas reduzir a cultura a isso é a mesma coisa que jogar a alma do povo ao mercado. Com a renúncia fiscal, transferimos o poder de decisão sobre o que deve funcionar ao gerente de marketing da empresa, o que é equívoco. Nem tudo cabe no mercado, e quando a empresa busca um produto, vai olhar do ponto de vista do marketing. A partir de 2003, o MinC não quis eliminar essa forma de incentivo, até porque houve um aumento na lei federal de incentivo à cultura Rouanet de R\$ 200 milhões, no início, para R\$ 685 milhões, agora. O que fizemos foi abrir uma nova possibilidade mais democrática, que é o edital público. Como um grupo cultural de Janduí ia buscar um parceiro privado para desenvolver a ação? A descentralização dos investimentos era uma necessidade.

O ponto aceita projetos pontuais, como produção de filmes ou publicação de livros?

Não. Para isso existem outras secretarias, como a de audiovisual. O ponto é a continuidade, o vínculo público. Mas a partir de um ponto são feitos vários filmes...

O MinC se surpreendeu com algum grupo que já vinha desenvolvendo ações culturais no país?

Muito. Para você ter uma idéia, estamos conveniando o Instituto de Cegos aqui de Natal, que tem um projeto de fotografia para cegos. Em Campinas, existe outro trabalho de cinema para cegos. Isso pode virar paradigma para o Brasil todo! No Acre, um grupo trabalha num filme em Cachinauá (dialeto indígena) que também está no ponto. A forma deforma a forma. Quando abrimos os projetos, recebemos as mais inusitadas criações.

Quando será lançado o próximo edital?

Em função das eleições, achamos mais prudente trabalhar com o edital de 2005. Temos que esperar para ver como vai ficar o governo.

Da forma como está hoje, o Ponto é o projeto ideal para a cultura do país?

Tudo o que parece satisfeito, acaba feneendo. Temos que trabalhar no sentido do questionamento, instigar, fazer o DO-IN antropológico, ir direto ao ponto. Se alguém diz que o modelo é melhor, chega outro e vê uma possibilidade nova, diz que faltou olhar para a cultura da rezadeira, para os contadores de história. Quando você se aproxima da tradição vai ter uma fonte mais vital. Se a gente se contentar com o que faz, vai começar a dar errado. Por isso, a cultura tem que ser vibrante, não pode burocratizar. Quem mais fez isso no Brasil foi Câmara Cascudo, seguido por Mário de Andrade, Paulo Freire, Milton Santos, nosso geógrafo que percebeu que a solução dos nossos problemas virá da escassez e dos debaixo. As fontes econômicas e políticas preferem esconder, mas nós vamos lá e mostramos o talento de uma Dona Militana, que ganhou ano passado a Comenda da Ordem do Mérito Cultural Brasileiro, que é a principal honraria da cultura no país. Há muita cultura sendo feita pelo povo e muita cultura que precisa ser desescendida.

O ÓCIO

Nome: **Projeto Arte Viva**
 Origem: **Santa Cruz**
 Concepção: **Circo Escola**
 Idade: **17 anos**

Diferente da maioria dos programas culturais populistas, a trupe da Companhia Teatral Arte Viva, no município de Santa Cruz, não vê o circo como instrumento para a ilusão do povo. Incluída no Ponto de Cultura desde 2004, finalmente o projeto Circo Escola, em processo de erupção há 12 anos, pôde ser concretizado.

A estratégia mambembe – espécie de central de oficinas culturais itinerantes – aparece como remédio de tarja preta contra o mal que aflige a maioria das cidades de interior do país: o ócio. Neste caso, a "falta do que fazer", com se diz no popular, é o alvo do Arte Viva. Por isso, não se restringe a um bairro. "O Ponto de Cultura deu a oportunidade de trabalharmos contra o ócio que existe nas cidades do interior do Estado. A gente sente, em Santa Cruz ou quando rodamos as cidades com o circo, a energia que esse projeto leva para algumas daquelas pessoas que não tinham sequer perspectiva de vida", conta o fundador da companhia, Ricardo Barbosa, 32 anos, que divide a função de oficinairo do projeto com o trabalho de eletricista.

Embora o grupo tenha sido criado em 1989, a idéia começou a ganhar corpo a partir de 1994, quando a turma decidiu transformar a pequena sede no bairro Paraíso – que concentra quase a metade da população do município com 12 mil habitantes – no Grand Mambembe Circo. "No início, éramos apenas um grupo de teatro que se apresentava na rua. Aí passamos a desenvolver um trabalho mais específico nas escolas. Até que fomos convidados pelo Governo do Estado para trabalhar na campanha de vacinação contra a cólera, em 1995, e ganhamos o prêmio ITAU/Unicef, que nos rendeu R\$ 30 mil. Foi quando nossa estrutura melhorou um pouco. Em seguida, criamos o Centro de Produção Cultural Mes-



Projeto Arte Viva, em Santa Cruz: desafio de integrar adolescentes na arte utilizando a estética circense

Foto: Arquivo Projeto Arte Viva

tre Antônio da Ladeira (referência ao mestre de boi Calemba da região, hoje com 82 anos) e fomos selecionados para o projeto Brasil Criança Cidadã, (também no governo FHC) e recebemos mais R\$ 30 mil", lembra.

Diante do desafio de tocar o centro de produção cultural debaixo de uma lona, o grupo aumentou sua lista de atividades. Além do teatro, o Arte Viva passou a trabalhar com circo, percussão, reutilização de lixo, mapeamento cultural do município e inclusão digital, que por sinal ganhou um novo gás com a chegada do kit multimídia pelo Ponto de Cultura. "Conseguimos agora três computadores com internet via rádio, uma máquina digital, uma filmadora digital e um equipamento de som. Vamos poder mostrar para o resto do país e do mundo o que estamos fazendo em Santa Cruz. Essa inclusão digital é um dos pontos mais importantes do projeto. Estamos usando o dinheiro do projeto para comprar material das oficinas e pagar os oficinairos", afirma.

A sede do grupo está fixada num galpão localizado num terreno de 32 por 96 metros do bairro Paraíso. Com o projeto Circo Escola consolidado, a turma prevê agora, para um futuro próximo, a cons-

trução de um teatro de arena e a arborização do espaço, que serviria como centro de lazer para a comunidade. Hoje, 100 pessoas trabalham como oficinairos remunerados do projeto que atende crianças, adolescentes, adultos e idosos entre 9 e 65 anos de idade. A oficina de construção de instrumentos de percussão, em madeira, corda e carvão, é uma das mais concorridas.

A origem dos operários da cultura que trabalham de segunda a sexta-feira por menos de um salário mínimo também chama a atenção. Como prevê a concepção do Circo Escola, a maioria cresceu com a comunidade e, num período nem tão distante assim, participou das oficinas como aprendiz. É o caso do atual presidente do Centro de Produção Cultural Mestre Antônio da Ladeira, Fábio Souza, 23 anos. "Eu cresci dentro do projeto. Comecei há oito anos e trabalho hoje no grupo como fotógrafo, palhaço e oficinairo de criação de figurino. Temos eleições de dois em dois anos. Acho que aproveitei minha chance e outras pessoas do projeto estão indo pelo mesmo caminho. E o Circo Escola é isso mesmo: a gente aprende nas oficinas para depois ensinar à próxima geração", afirma.

A EXPLORAÇÃO

Nome: **Arte Transformando Vidas**

Origem: **Casa Renascer**

Concepção: **Ressocialização de meninas vítimas da violência familiar**

Idade: **15 anos**

A Casa Renascer entendeu a cultura como uma ferramenta que vai muito além da formação ou capacitação de artistas. Fundada há 15 anos, no bairro de Petrópolis, a instituição apostou na arte para recuperar jovens meninas entre 7 e 18 anos que sofrem algum tipo de exploração familiar. Através de oficinas de teatro, dança, artes plásticas e capoeira, a Casa Renascer vem rerepresentando todos os anos à sociedade uma vítima em processo de recuperação.

A coordenadora da Casa Renascer, Késia Araújo, conta que o projeto já existia antes da chegada do Ponto de Cultura, mas ressalta a importância do Governo Federal na manutenção da idéia. "A gente sabia que ia ser difícil porque existiam grupos prioritários, que trabalhavam a cultura nessa perspectiva de transformar o artista. Nós trabalhamos de uma maneira diferente. A partir da dança, do teatro do oprimido criado pelo Augusto Boal, das artes plásticas, a gente busca a ressocialização das meninas que chegam à Casa. Neste ano introduzimos a capoeira, que é uma atividade bem interessante na questão da cultura popular", explica.

Desde 2004 como Ponto, a Casa Renascer atende hoje 60 crianças e adolescentes. A maioria delas, segundo Késia, vítimas de abuso sexual. "A maioria nos chega através de conselhos tutelares, delegacias ou do S.O.S Criança. Todas estudam num turno e freqüentam a Casa no outro período, antes de voltar para casa. Mas se a gente vir que a menina não tem condição de viver com a família por conta dos maus-tratos, encaminhamos para o S.O.S Criança e de lá ela vai para um abrigo. Nesses casos, o trabalho da nossa equipe de psicoterapia é essencial até porque a maioria das meninas que chega não conseguem falar", conta.



Integrantes do grupo Posse Lelo Melodia, no bairro do Guarapes

Foto: Argemiro Lima

Mas, na prática, num projeto de recuperação social como esse, onde entraria o Ponto de Cultura? "Ajudou muito porque mantivemos a atividade e pudemos agregar novos trabalhos. Compramos figurino para encenar as peças, passamos a pagar os profissionais que ministravam as oficinas e, principalmente, nos preocupamos mais. No cronograma da Casa, tem atividade de segunda à sexta-feira, mas cada dia é uma arte diferente. Sem o ponto, o projeto funcionava quase sem apoio e agora conseguimos interagir com outros grupos, promovendo um encontro de arte e cultura da Casa Renascer. Para o próximo ano, a idéia é desenvolver a mesma proposta junto às comunidades mais carentes, como já conseguimos fazer em Mãe Luíza e na Vila de Ponta Negra", revela.

As conseqüências desse novo método de utilização da cultura podem ser notadas no comportamento das próprias freqüentadoras da Casa. Késia conta, orgulhosa, que acompanha duas meninas que conseguiram entrar na faculdade e uma outra que gostou tanto do Teatro do Oprimido de Augusto Boal que deve seguir carreira. "A Priscila Udenira se engajou no teatro e hoje participa de um grupo da cidade. Deixou a casa, chegou até a ser nossa monitora, mas seguiu seu caminho. Fazemos esse tra-

balho há 15 anos. E embora não seja esse o objeto principal do projeto, às vezes esse contato com a arte acaba despertando o talento dos jovens", analisa.

A VIOLÊNCIA

Nome: **Posse de Hip Hop Lelo Melodia**

Origem: **Guarapes**

Concepção: **Resistência comunitária**

Idade: **1 ano**

Quando a revista BROUHAHA lançou o primeiro número, em julho do ano passado, os 35 soldados da Posse de Hip Hop Lelo Melodia – entidade que representa a jovem resistência do bairro Guarapes baseada no tripé rap, break e grafite – anunciaram que o grupo viraria um Ponto de Cultura em breve. Animados com a possibilidade de contar com recursos do Governo Federal, eles lembravam com humildade durante a entrevista, na sede da Posse, que o objetivo do projeto era a aquisição de uma biblioteca para uso da comunidade.

Na época, um dos líderes do Movimento, o MC Edcélio, contou que não esperava a infra-estrutura prometida pelo Ministério da Cultura. "A gente se filiou ao Movimento Hip Hop Organizado

Brasileiro (MHOB), que se dispõe a organizar grupos que queiram discutir políticas públicas em rede. A partir daí tentamos o Ponto de Cultura para conseguir uma biblioteca, mas também vai vir um estúdio multimídia, câmera digital, computadores...", disse orgulhoso.

Uma pausa, por favor. Se é interessante localizar o grupo no tempo, é fundamental fazer o mesmo em relação ao espaço. Acostumado à pecha da violência, os meninos não se incomodam de dizer que a criação da posse veio da necessidade de mudar a sorte da maioria dos integrantes. Alguns assumiram roubos, assaltos e brigas. E estiveram perto de matar.

Mas o sucesso do projeto foi mais intenso que o cotidiano de antigamente e, hoje, os 35 soldados já somam 70. A chegada do Ponto de Cultura, inclusive, conseguiu reunir outros grupos em torno do espaço. A coordenadora da Posse, Cirlene Santos, 21 anos, conta que além do Hip Hop a entidade gere várias atividades nas áreas de teatro, capoeira e, quem diria, até mesmo oficinas de Axé Music. Segundo ela, que também é MC do grupo de rap feminino Dandaras, a chegada de novos parceiros é fundamental para a democratização da gestão. "Acho que é muito importante para a

construção do movimento democrático. A Posse gere essas atividades. A partir dessas parcerias temos promovido debates com os grupos e fortalecendo a posse", analisa.

Os garotos mexem hoje com computadores, câmeras digitais, filmadoras, ilha de edição de imagem e áudio, mesa de som, entre outras peças da parafernália multimídia que veio do projeto. Cirlene explica que a chegada dos equipamentos e dos recursos potencializou o que já vinha sendo feito desde o ano passado, quando o Movimento se mudou para a sede da entidade. Dificuldade? Só para se adaptar ao universo da informática. "A gente está fazendo cursos para aprender a usar os equipamentos. O Ponto de Cultura potencializa algumas atividades antigas que não tinham apoio. São coisas que já vinham acontecendo, ou seja, não é uma coisa imposta. Eles propõem e os grupos vão executando. Mas mesmo com os parceiros ainda somos um espaço para a divulgação da cultura hip hop. A gente encontra algumas dificuldades com a mídia, que não entende a cultura da forma como ela deve ser entendida, ainda fala com preconceito. Mas já conquistamos muita coisa. A polícia, por exemplo, quando vê que é da posse, não pára mais na rua como fazia antes", conta.

Foto: Arquivo Zoon Fotografia



Alunos participam da oficina Identidade e Fotografia promovida pela Zoon Fotografia

E como a posse trabalha a realidade do bairro, Cirlene não esconde que o ponto não é um remédio para tudo. Alguns dos jovens que participam das atividades do Movimento têm problemas com a Justiça. "Tem gente que ainda está em conflito com a lei", resume.

O PRECONCEITO

Nome: **Identidade e fotografia**

Origem: **Ong Zoon Fotografia**

Concepção: **Registro da identidade humana**

Idade: **5 anos**

O fotógrafo Henrique José também não ficou esperando a ajuda do governo para tocar seu projeto. Há cinco anos ele vem reunindo jovens entre 13 e 25 anos na oficina "Identidade e Fotografia" para registrar as comunidades pelas lentes delas mesmas. A brincadeira começou na Zona Oeste de Natal. Através da Ong Zoon Fotografia, Henrique formou uma turma de jovens interessados em fotografia no bairro de Bom Pastor, ensinou como usar uma máquina fotográfica e soltou o equipamento na mão da molecada. Um dia depois ele começou a entender que o preconceito não vinha apenas da rua. "Existem algumas histórias daquele início. Algumas mães me procuravam no dia seguinte para devolver as máquinas porque não acreditavam no que os filhos contavam sobre o local onde tinham pegado o equipamento. É um momento importante porque tem o lado da responsabilidade", lembra.

Uma conversa daqui, outra dali e o problema estava resolvido. Isso porque a idéia do projeto era justamente registrar a vida que os alunos levavam em casa ou no bairro onde moravam. No início, e pela falta de recursos, a proposta vingava, em média, com apenas 20 pessoas. Nesse caso, o Ponto de Cultura contribuiu para aumentar o foco de visão do projeto e, a partir de 2004, quando o "Identidade e Fotografia" foi aprovado pelo MinC, Henrique pôde levar a idéia para o

interior do Estado. "Desde que viramos ponto, fizemos em Macaíba, Angicos, São Gonçalo do Amarante, Natal e estou finalizando agora em Mossoró. A diferença é tão grande que, se antes tínhamos 20 alunos por ano, agora estamos com 180", conta.

No final de cada curso, as melhores fotografias viram cartões postais e seguem em exposição itinerante pelas comunidades dos municípios por onde a oficina passou. Segundo ele, alguns alunos já conseguiram entrar no mercado de trabalho por conta da experiência. "Dos que fizeram o curso e ainda tenho contato, pelo menos oito já estão se inserindo no mercado de trabalho. Alguns foram incorporados às prefeituras ainda como estagiários. É muito interessante essa coisa da exposição. Essa oficina proporciona que o aluno faça uma reflexão da sua história de vida, se identifique com a riqueza do município. E quando a comunidade se vê a partir do trabalho de uma pessoa da própria comunidade, o impacto que isso tem é muito forte", analisa.

A atividade pioneira no Estado deixou o projeto Identidade e Fotografia entre os 10 melhores pontos de cultura do Brasil este ano na categoria "tecnologia sócio-cultural". O prêmio, embora tenha sido apenas um diploma de reconhecimento, é comemorado pela equipe da Zoon. Indagado sobre a metodologia do programa, Henrique José afirma que a burocracia ainda é um entrave para o perfeito funcionamento do Ponto de cultura, mas ressalta seu caráter revolucionário. "Para mim, comparando a forma como o Ministério da Cultura lidava com os projetos do país, o jeito como se faz hoje é uma revolução. Pela primeira vez na história temos a descentralização da cultura. Antes era apenas a lei Rouanet, não existia apoio aos grupos. Ainda têm falhas, mas os frutos positivos até que compensam. Saiu daquela trinca Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. O Ponto de Cultura apóia o boi de reis, o teatro afro descendente... ainda facilitou para que a gente buscasse a contrapartida com as prefeituras locais", defende.



Manoel Marinheiro, já falecido, é a grande inspiração do Projeto Conexão Felipe Camarão

Foto: Adrovando Claro

A FRONTEIRA

Nome: **Conexão Felipe Camarão**

Origem: **Felipe Camarão**

Concepção: **Difusão da Cultura Popular**

Idade: **5 anos**

Ao lado do Guarapes, o bairro de Felipe Camarão é visto com preconceito pela sociedade. O triste dessa história é que a violência, noticiada na maioria das vezes em primeiro plano pela mídia, acaba escondendo do povo projetos como o Conexão Felipe Camarão, que reúne mais de 400 crianças e jovens entre 3 e 24 anos de idade ao redor da cultura popular.

Mais curioso ainda é observar como os garotos ignoram o que falam deles pelas costas, rompendo a fronteira entre a pobreza e a cultura. Atualmente, o grupo é dividido em várias oficinas, que vão desde a fabricação de rabecas até o Boi de Reis do Mestre Manoel Marinheiro, e em três pontos distintos do bairro: o Largo da Cruz da Cabocla, as Escola Estadual Clara Camarão e a sede do projeto, adquirida pelo Ponto, localizada na rua Maristela Alves.

Idealizada pela ONG TerraMar desde 2001, a comunidade deu de cara com o Ponto de Cultura há dois meses, embora o projeto tenha sido aprovado em edital no ano passado. Dos 400 integrantes, 50 foram selecionados nessa primeira eta-

pa para participar nas quartas, quintas e sextas-feiras nas atividades do programa. Nesse primeiro momento, os jovens selecionados estão realizando o mapeamento cultural do bairro Felipe Camarão em parceria com o Unicef. O resultado da pesquisa deverá ser utilizado já no próximo como roteiro para a produção de documentários.

Na solenidade de inauguração do Ponto, que contou com a participação de um representante do Ministério da Cultura e expoentes da cultura brasileira como Jorge Mautner e Lia de Itamaracá, por exemplo, que também mantêm Pontos de Cultura em seus respectivos estados, demonstra a força dessa ação descentralizadora.

De acordo com a coordenadora do Conexão Felipe Camarão, Vera Santana, o Ponto de Cultura vai funcionar como uma grande oficina dentro do projeto que já vem sendo desenvolvido dentro da comunidade. A idéia, segundo ela, é difundir a produção local através dos meios multimídia que vieram do Governo Federal. "O objetivo do Ponto no bairro não é fazer com que os meninos aprendam tecnologia, mas contribuir para que aqueles jovens entendam o mundo digital como um difusor das ações realizadas na comunidade. Com isso, eles podem chegar na França, na Alemanha e até nos países da África de língua portuguesa, que também já contam com projetos parecidos", conta.

De fato, os recursos e o kit multimídia serão usados na criação de vídeos-documentários e registros em áudio da cultura popular de Felipe Camarão. Vera explica que, apesar de funcionar em outra oficina, o Boi de Reis do Mestre Manoel Marinheiro, por exemplo, deve entrar nos vídeos que serão produzidos a partir de agora no Ponto de Cultura. "É importante dizer que para a gente o Ponto de Cultura é uma oficina dentro de um projeto. O boi de reis, a luteria de rabeca, a capoeira, o mamulengo, a flauta, a percussão, enfim, todas as atividades que a gente desenvolve com as crianças no Conexão, continuam da mesma forma. A história delas, através de imagens e do áudio, é que será captada pelos meninos do Ponto", afirma.

A coordenadora ressalta a importância do Ponto para o projeto de vida dos moradores do bairro, mas afirma que a chance no mercado de trabalho é um passo adiante no programa. "Eu sou bem clara a esse respeito: não posso garantir emprego para ninguém, até porque essa é uma etapa mais na frente, que depende da articulação deles mesmos. Na verdade, esses meninos têm quer pensar se querem aprender a usar a tecnologia ape-

nas como tecnologia de trabalho ou algo maior. A partir dessa difusão, queremos abrir ao máximo essa possibilidade, vamos arregaçar esse canal de comunicação", empolga-se.

AS DROGAS

Nome: **Sons da Vila**

Origem: **Vila de Ponta Negra**

Concepção: **Arte Educação**

Idade: **5 anos**

O natalense se acostumou com o barulho do mercado das drogas vindo lá das bandas da Vila de Ponta Negra. O curioso é que as manchetes dos jornais que noticiam sempre o ruído opaco dos homicídios provocados pelas disputas das "bocas" são imperceptíveis para um outro tipo de som que vem do mesmo lugar e tem muito mais sentido para a população local.

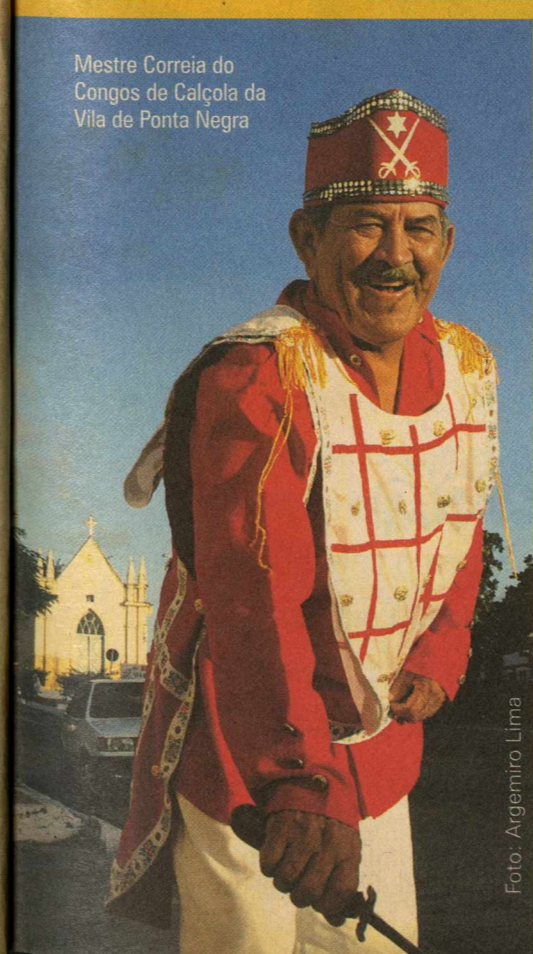
Legalizado desde 2001, num dos bairros da Zona Sul vítima de mais preconceito, o Centro de Cultura da Vila de Ponta Negra trabalha a auto-estima da população através do projeto "Sons da Vila" – no qual crianças e adolescentes são orientados seguindo os preceitos da arte-educação em oficinas de flauta, pífano, violão e construção de instrumentos.

O trabalho idealizado pelo casal Graça e Antônio Leal – que já desenvolvera projeto parecido no Rio de Janeiro e em Minas Gerais – atende mais de 50 crianças que não dispõem hoje de uma única escola de ensino médio nos limites do bairro. As oficinas são realizadas todas as terças, quartas e sábados, nos turnos da manhã e à tarde, na sede do centro de cultura – uma casa alugada por um empresário norueguês que, por enquanto, não pretende comercializar o imóvel. "A gente trabalha no limite entre a educação e a tradição local. As pessoas que não conhecem a Vila não sabem da cultura enraizada que existe na área. O primeiro erro vem logo na origem do bairro. Ao contrário do que pensa a maioria, a Vila não era um bairro de pescadores, mas de camponeses", conta Graça Leal.

O projeto abraça também as famílias da Vila. Um grupo de mulheres – a maioria mães dos alunos – se integrou ao centro e desenvolve atividades artesanais a partir de material reciclado. A idéia, segundo Antônio, é devolver aos moradores a motivação perdida na escola normal. O exemplo vem do próprio bairro. "Há grupos de cultura popular importantes aqui. Os griôs – velhos que passam conhecimento às gerações visando a reconstrução da memória da tribo – é prova dessa resistência. A gente queria se tornar uma alternativa para as escolas, trabalhar a cultura dentro das escolas e mexer até com outras linguagens, como o teatro e as artes plásticas. Mas é difícil, porque falta apoio", conta.

Para o próximo ano, além de manter o Sons da Vila, o casal pretende iniciar o "Ação Griô" – projeto em que cinco dos 40 sábios da Vila deverão receber uma ajuda de custo do Governo Federal para rodar escolas e bairros de Natal contando histórias do passado ligadas à cultura popular de tradições como o congo e o boi de reis. "Eles vão contar a tradição nas comunidades. Como foram evoluindo. Os griôs conhecem muito bem essa reconstrução social por terem experiência como velhos mestres espirituais ligados à umbanda e práticas de cura, o que tem muito na Vila. Estamos batalhando esse apoio oficial, onde cada mestre vai receber R\$ 350,00 para fazer esse trabalho. Ao todo, o Ministério da Cultura vai beneficiar 500 mestres em todo o Brasil. Em cada projeto, de três a seis griôs devem ser cadastrados. Em Natal, temos mais de 30", explica.

As dificuldades a que Leal se refere, dentro do projeto Ponto de Cultura, também ocorrem pela falta de clareza do funcionamento burocrático na liberação de recursos. "Estamos há três meses sem receber um centavo porque não sabíamos como ia funcionar e acabamos pedindo muito material de uma vez só. Mas isso só ocorreu por conta dos nossos próprios erros. Em compensação, não fomos informados do procedimento também. Imagino como os projetos do interior do Estado, que não tem o esclarecimento mínimo, estão passando", disse.



Mestre Correia do Congos de Calçola da Vila de Ponta Negra

Foto: Argemiro Lima

SELOS MOSTRAM A FACE DO ROCK POTIGUAR

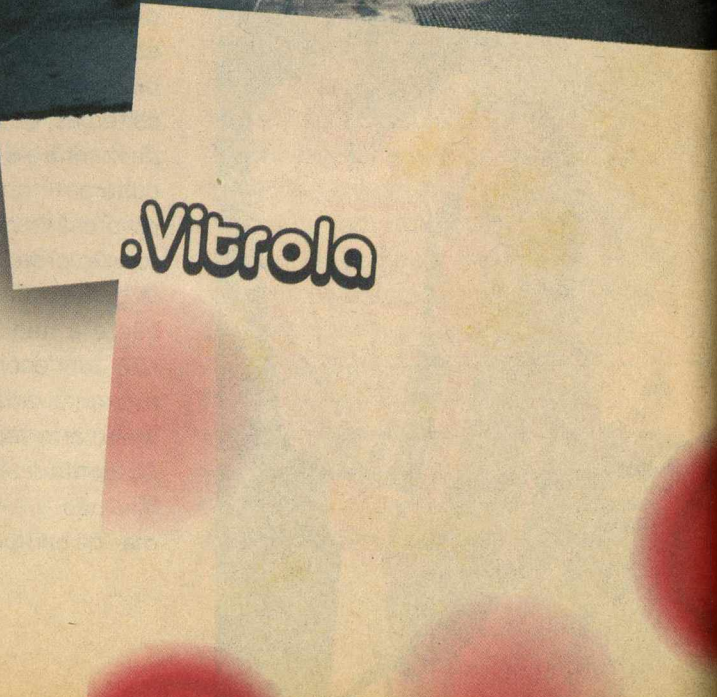
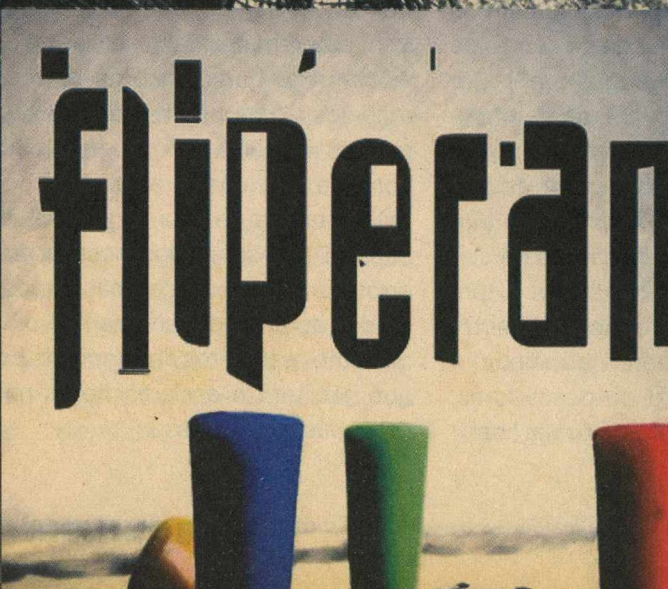
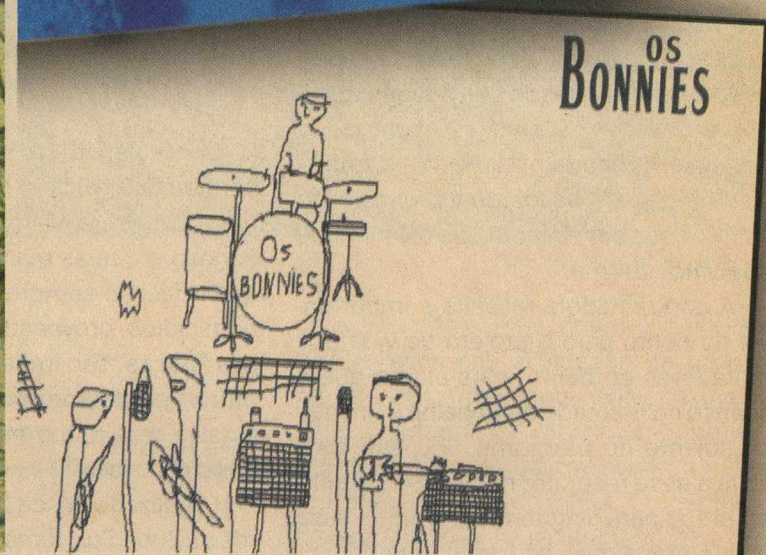
Texto
Renato Lisboa

Fotos
Argemiro Lima
e arquivo dos selos

A rigor, a palavra "cena" não deve ser usada quando nos referimos à sonoridade pop rock no nosso estado. Ainda não foi gestado o "potiguar beat", "o pop jerimum", "o rock das dunas" ou qualquer denominação que identifique um novo ritmo no nosso terreiro cascudiano e chame a atenção dos ouvidos plugados de outras localidades do nosso país. Porém, na estruturação do rock como estilo, há um elemento importante que já provoca mudanças no modo de encarar a produção artística no segmento. O surgimento dos selos locais é uma verdadeira mão na roda para quem se amarra em tocar, tem pretensões de lançar um disco, deseja fazer a maior quantidade de shows possíveis, mas esbarra em limitações organizacionais que fatalmente vão frustrar qualquer tentativa de progresso do grupo. Na atualidade, Solaris, Do Sol, Mudernage e Xubba Records são os protagonistas dessa transformação e os resultados são bem visíveis.

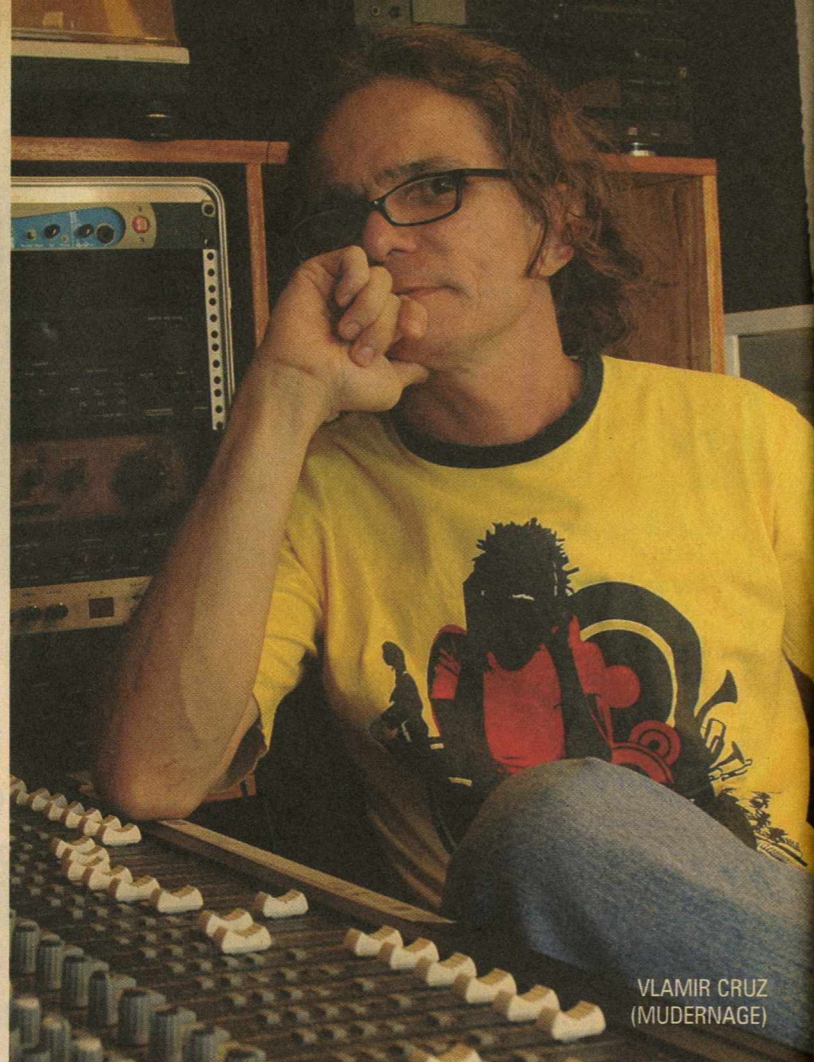
Os selos ou gravadoras independentes têm mais liberdade no que diz respeito aos processos produtivos e criativos, à contratação e promoção das bandas. São também considerados mais flexíveis e inovadores quanto ao catálogo de artistas. Contudo, eles não estabelecem necessariamente uma relação de antagonismo com as grandes gravadoras e algumas delas, inclusive, são proprietárias de selos para trabalhos mais específicos. Embora responsáveis pelo maior número de lançamentos de discos anuais, estima-se que eles tenham uma participação de apenas 5% do faturamento do setor.

Bandas como Bugs, The Automatics, Bonnies, Allface e Jane Fonda são emblemáticas no benefício que, digamos assim, a nova arquitetura fonográfica local propicia. Fazem parte de uma história que tem suas sementes lançadas pelo selo Whiplash, em 1990. Gravando essencialmente heavy metal, o Wiplash durou cinco anos. Conheça um pouco como surgiu e como atuam cada um dos independentes potiguares:





ALEXANDRE ALVES
(SOLARIS DISCOS)



VLAMIR CRUZ
(MUDERNAGE)



Arquivo/Do Sol

ANDERSON FOCA
(DO SOL RECORDS)



ARTUR ARAÚJO
E RAFAEL CUNHA
(XUBBA MUSIC)

///

SOLARIS

Dos atuais selos no nosso estado, o mais antigo é o Solaris Discos, com dez anos de existência. A Solaris foi idealizada pelo produtor, compositor, professor e mestre em literatura Alexandre Alves, 31. Sua percepção de que “as bandas não enviavam sequer uma carta para um selo ou revista” foi o mote para Alves decidir estabelecer uma gravadora independente, além da vontade de lançar bandas em que ele se identificasse com o som delas. Identidade, no caso de Alexandre, é que o grupo tenha uma sonoridade com guitarras altas e vocais baixos, exatamente a contramão do que as rádios têm como “fórmula” de sucesso comercial.

Parte dessa ousadia conceitual da Solaris está expressa em trabalhos como o disco *More senseless*, da banda The Automatics. Trata-se do primeiro CD triplo de uma banda independente do Brasil, ganhando inclusive uma citação do crítico musical da Folha de São Paulo, Lúcio Ribeiro, como “(...) a formação brasileira mais ousada da cena underground”. São 170 minutos em 33 músicas num só pacote. Ou ainda, o *Solaris surfing*, uma coletânea de surf music com treze bandas brasileiras mandando ver no ritmo que foi a cara do início dos anos sessenta e ganhou um revival depois da trilha sonora de *Pulp Fiction* ter estourado com o sucesso *Misirlou*, de Dick Dale.

Uma síntese do que é a Solaris Discos está na coletânea *Solaris 20: 1996-2006*, uma compilação comemorativa aos dez anos de atividade do selo, com 20 faixas de várias bandas que marcaram a história da gravadora, como Chronic Missing, Zaratustra, Florbela Espanca, GRM Blues Band, entre outros.

Entre os próximos lançamentos está

10 Planets, uma compilação internacional com dez banda como Pia Fraus (Estônia), Modern Giant (Austrália), Vervein (EUA) e Continental Combo (Brasil)

Na organização do Solaris, Alexandre também atua como designer gráfico de todas as bandas e Robson Braz é o responsável pela parte de Internet e contatos com a gráfica.

Apesar da consolidação das gravadoras independentes locais, Alexandre atenta que “sem selos, tocávamos muito mais no rádio e muito mais ao vivo. Lembro-me de uma execução na Rádio Cidade onde nossas músicas tinham várias inserções por dia. Em um show no Hiper Center, o shopping nos cedeu 30% do estacionamento e tínhamos duas antenas parabólicas sorteadas onde os cupons eram entregues na Benneton, ou seja, havia uma motivação promocional muito maior por partes de outros atores que são fundamentais para o rock”.

Perguntado sobre como via o surgimento das novas bandas, Alves disse que “as bandas atuais são muito modistas, estão seguindo a febre do emocore e do new metal, assim como há pouco tempo muita gente daqui quis seguir a onda do manguebeat”.

MUDERNAGE

Uma figura que lida com rock há 26 anos resolveu instituir um selo em 2002. Com 45 anos, Vlamiir Cruz teve a primeira interação com música no Festival do Forte de Reis Magos, em 1982. Ele era guitarra e vocal do Cabeças Errantes, grupo célebre que marcou o rock potiguar nos anos 80. Desde o início, ainda músico, Vlamiir cuidava da organização. Era o capitão do time, fazia a autoprodução da banda, cuidava da organização do show, do repertório, da direção musical, formava a equipe ao redor do grupo e fazia a divulgação.

Cruz relata que lutou nos anos 80 para conseguir um bom equipamento de som. Quando conquistou, passou a locar e depois se associou com um amigo para fundar a Castelo Casado Iluminações. Em 1994, ele decidiu registrar as suas músicas e das bandas e aproveitou alguns equipamentos para fazer um *home studio*. A primeira gravação foi uma *demo tape* da banda de hardcore Discarga Violenta, que virou uma referência para o segmento rock'n'roll. O Ícone Estúdio foi criado em 1997. Em um sistema de parceria, a Mudernage começou a digitalizar o material da Solaris (fita cassete e rolos de gravação) em 2000. Alexandre Alves foi abrir uma loja no Centro e o chamou para ser um dos sócios. “Depois senti a necessidade de caracterizar a parceria como uma ação e não como um apoio. Eu queria mais dedicação às bandas, CD's prensados na fábrica, além de mais divulgação”, relata Vlamiir.

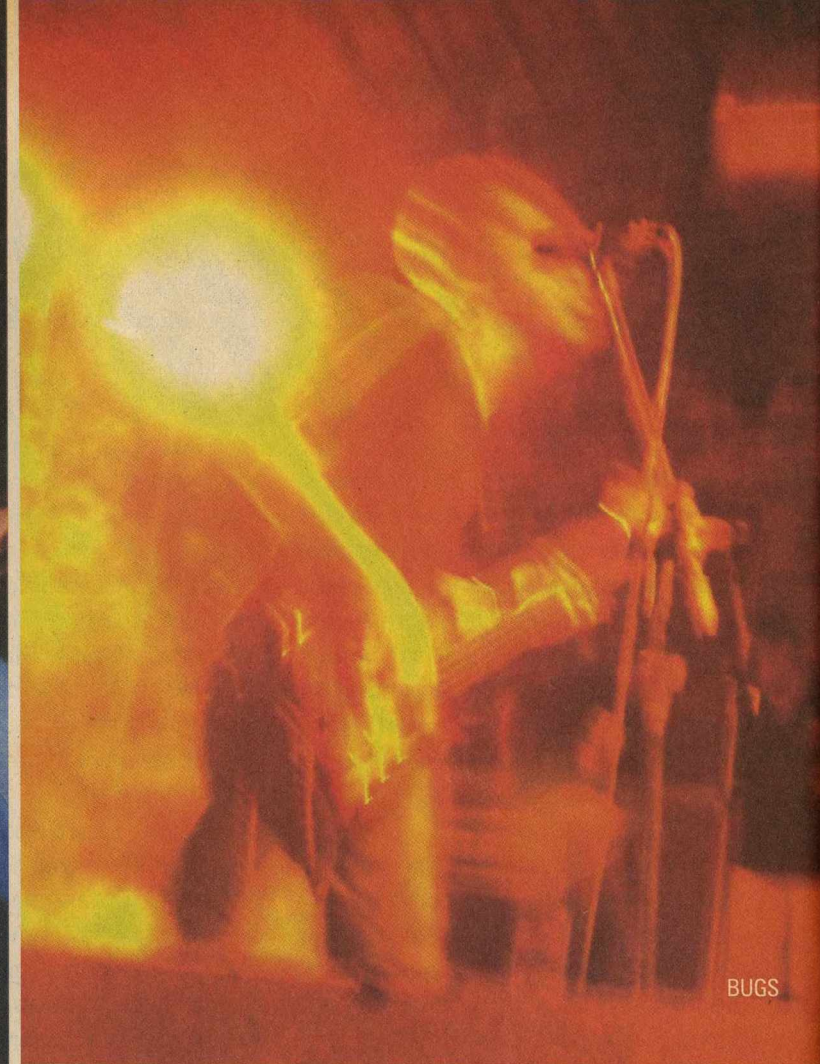
Vlamiir aponta a banda Bugs como em exemplo ilustrativo do benefício que as novas bandas têm com a instituição dos selos. “O Bugs foi um divisor de águas, inaugurando nossa abordagem de trabalho com banda. Prensamos mil cópias para todos os veículos segmentados e passamos 6 meses para sermos conhecidos no meio independente nacional”, disse. Com o primeiro disco, o Bugs recebeu indicações nos prêmios Dinamite, Mid Summer Madness, Indie Destaque e Melhor CD no London Burn de 2004. Bonnies, Seu Zé, Bugs e Edu Gomez foram indicados a vários prêmios nacionais. “Ainda temos muito dever de casa para fazer. Estamos trabalhando nos álbuns de Raul e a alcatéia (Jazz) e Alexandre Atmarama (violão instrumental)”, conclui.

XUBBA

Filhote assumida da Mudernage, a



FLORBELA ESPANCA



BUGS



USKARAVELHO



DISTRO

/// /////////////

Xubba foi lançada em julho deste ano num show gratuito com casa lotada no Galpão 29, Ribeira. "Quem foi não esquece mais o que é Xubba", garante Rafael Cunha, músico e integrante do selo, que resolveu se valer da gratuidade para acelerar a divulgação das bandas Vitrola, Cinema Mudo e Distro, componentes do selo. "Funcionamos em sistema de cooperativa e cada um de nós dá uma parcela de sua habilidade profissional, sem retorno financeiro, para viabilizar o empreendimento. A autopromoção é a nossa linha. Produzimos, lançamos e distribuimos as nossas bandas", expõe Cunha. Também compõem o Xubba Artur Araújo, 22 anos, cinco como músico; Beloni, 20 anos e músico desde 2004 e Rafael Prado, 21 anos, músico há cinco.

Os caras apostaram forte no merchandising para sanear as finanças. "Já não estamos tirando dinheiro do nosso bolso para a fabricação dos CD's. Através da venda de camisetas e dos discos, já estamos conseguindo bancar tudo. Somos amigos reunidos para o bem comum do selo, que posteriormente se transformará numa produtora de eventos".

Artur Araújo fez questão de ressaltar a importância de Vlamir Cruz para a consolidação do Xubba. "Vlamir tem uma visão de vanguarda, tem o interesse em difundir o conhecimento, não fica com o know-how só para si. Já temos frutos dessa parceria e estamos suprindo uma parte da produção. Há uma inter-relação entre o Xubba e a Mudernage, uma empatia muito grande entre os dois selos", revelou Araújo. E ainda opinou sobre a uma das causas da derrocada das grandes gravadoras. "A internet é uma grande responsável pelo declínio das majors, uma vez que as gravadoras

independentes possuem uma maior flexibilidade, se adequando melhor às mudanças do mercado", concluiu.

No momento, apenas três bandas fazem parte do cast do Xubba: Cinema Mudo (experimentalismo dos anos 60, com influências de punk rock), Distro (power pop dos anos 90 com pitadas de hardcore) e Vitrola (rock oitentista, new wave).

DO SOL

Capitaneada por uma das pessoas mais atuantes na cultura pop local, o músico e produtor Anderson Foca, o Do Sol Records surgiu em 2002, após o sucesso do disco do grupo Oficina, *Som da rua, som da praia*. As fronteiras de seu empreendedorismo vão além da gravadora independente, pois possui o Do Sol Rock Bar e desde 2005 instituiu o Festival Do Sol, onde, além das apresentações das bandas, promoveu palestras sobre a atualidade do mercado fonográfico, a promoção de shows internacionais no Brasil, o papel da Internet na divulgação das bandas, entre outros assuntos.

Foca afirma que "o que era gravadora, agora está querendo ser selo e elas não têm mais como gastar o que se gastava antigamente. Por causa da pirataria, não podem sustentar o jabá (prática que as grandes gravadoras têm de pagar para executar as músicas de suas bandas). Os selos trabalham com outras ações que as gravadoras não contemplam".

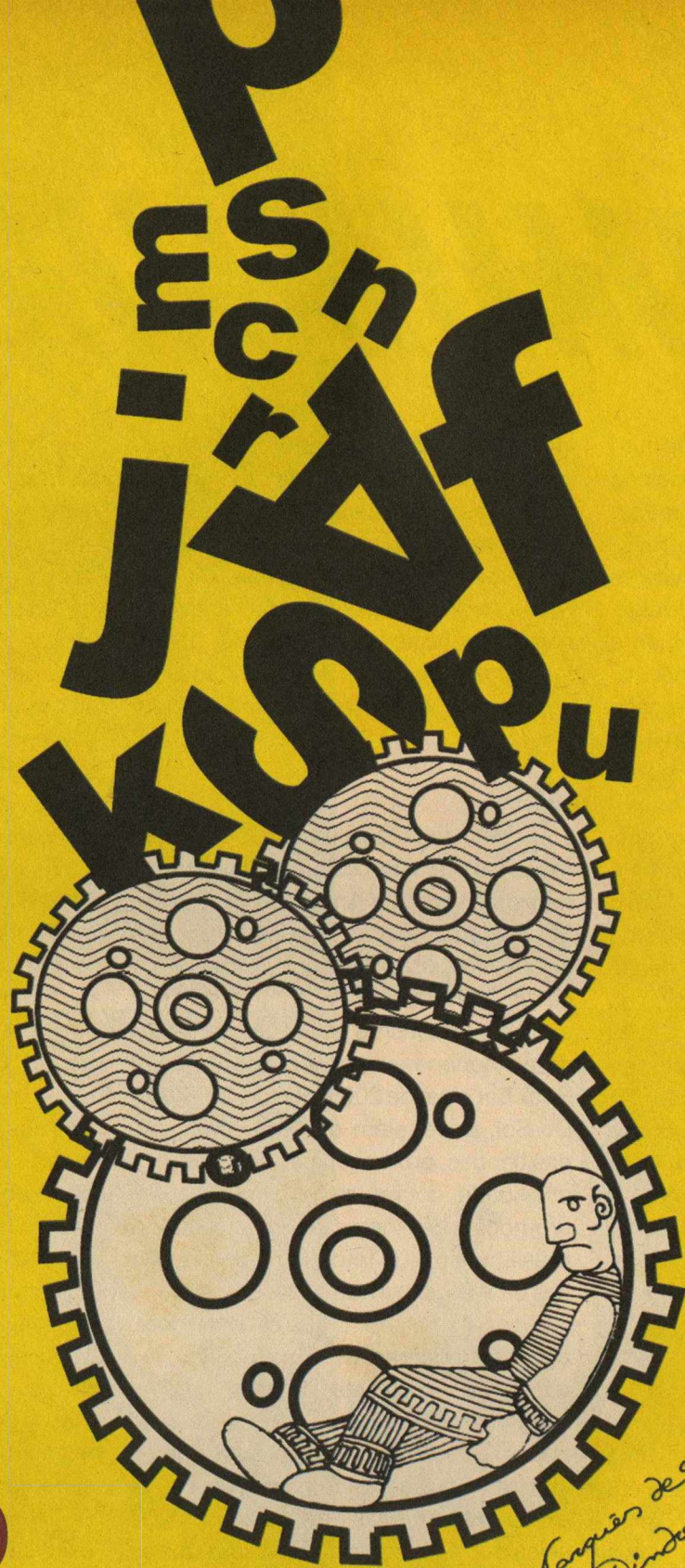
O produtor explicou os passos para uma interessada em fazer parte do cast: "para fazer parte do Do Sol, primeiro temos de ter uma empatia com o som da banda que tem um certo potencial artístico. Depois fazemos uma pré-produção grande do artista. Na última fase, fazemos com que o artista toque no maior

número de lugares possíveis e ainda tentar uma boa distribuição nas lojas". Atualmente compõem esse cast bandas como Allface, Calibre, Experiência Ápyus, Karpus, Revolver, Mad Dogs, Uskaravelho, entre outros, totalizando, 26 bandas. Foca destacou como discos importantes para a história do selo "um álbum histórico do General Junkie onde comemoravam 10 anos de carreira; 'Pira-solombra', uma compilação de várias gravações do Peixe Côco; além, é claro, o disco de estréia do Oficina".

RUÍDO MODERNO

Confirmando o papel central que a internet tem na atuação dos selos, Vlamir contou sobre o surgimento de um site para popularizar o cenário independente. "O site Ruído Moderno foi concebido para ser uma revista eletrônica que trabalha música e cultura, com foco prioritário no Rio Grande do Norte e no Nordeste do Brasil. Surgiu no fim do ano passado numa conversa com amigos sobre a necessidade de termos um veículo para nos comunicarmos de uma maneira mais fiel, mais adequada com o nosso público. Há uma lista chamada RN Rock, de onde surgiram os colaboradores Yuno Silva e Alexandre Honório. Meu papel é ficar cobrando os conteúdos e colocar o sistema no ar".

O nome Ruído Moderno surgiu do conceito da Teoria da Comunicação que trata do distúrbio comprometedor da fidelidade no processo comunicacional. Escrevemos por pura espontaneidade, não há imposição, nem deadline. Dentro desse formato colaborativo e descentralizado, além de termos uma funcionalidade na divulgação, protagonizamos um jornalismo mais democrático e comunitário", diz Vlamir.



joão batista de morais neto

Ilustração
Marquês de Pindorama

essa prosa que me nutre

Adulto ranzinza, insuportável.
Mesmo assim lhe persegue o astuto
Fantasma da adolescência.
Assim se delinea o seu fardo,
Feridas de um paraíso improvável.

Linhas que rasura num claustro asséptico,
Em que o contato com o mundo só por via eletrônica.

A rasura das linhas, o rascunho dos dias.
Em sua memória escorregadia, somem os vestígios mais genuínos
De uma beleza audaz. Agarra-se a essa memória
A figura fugaz de Harry Haller.

Como soa o uivo desse lobo?
Em que interstícios íngremes ecoa essa submersa voz?

nada por acaso

O pedantismo ingênuo
dos joguinhos de palavras
e dos trocadilhos sem graça
nada significam
no branco da página.

Oh! Cobiçado branco da página,
para onde se volta todo o desejo do poeta.

Nesse afã de brincar,
quem sabe ele busca
algun nilismo da escrita

ou simplesmente
tal qual um menino buchudo
se diverte
dando banana a Mallarmé.

Palavras por elas próprias
e o fait-divers da poesia
se dissemina farto.

raça

O padre Caldas
orangotango da Corte
entre a Arcádia e a rua
com a sua Viola de Lereno
faz irromper sua fúria branda

Cruz e Sousa
fascina-se pelas imagens brancas
e pela assepsia das formas
mas em seu emparedamento
afirma sua negra dor.

O mulato Lima
vivendo na fronteira
em que álcool, loucura e miséria
formaram um molotov de adversidades
detonou o mundo medíocre de sua época
sendo "pobre, mulato e livre".

Gil
de refazenda e realce
da refavela ao poder
afirma seu brilho
de canto e discurso
a cintilação de palavra e gesto
em cores vivas.

Machado
Ah! O bruxo!
Esse sublimou.

Nascido em 1961 em Natal, João Batista de Moraes Neto é professor de língua portuguesa e literatura brasileira no CEFET-RN. Publicou a prosa breve de Temporada de ingênios em 1986. Os poemas que aqui se mostram são do livro inédito Cader nos de rascunhos.

ALEXANDRE MAIA

BEM PERTO DOS ARTISTAS

Texto
Sérgio Vilar

Foto
Argemiro Lima

A história do empresário Alexandre Maia, 44, se confunde com a evolução da música potiguar a partir da década de 80 e do início dos mega espetáculos em Natal. A cidade ainda estava fora da rota dos grandes shows nacionais quando sua choperia Pressão Alta recebia músicos potiguares na inóspita Avenida Deodoro da Fonseca, na Cidade Alta. O estilo predominante era a MPB, com Pedrinho Mendes, Cleudo Freire, Odaires, Sueldo Soares e outros. Havia ainda as madrugadas no lara Bar, em Areia Preta, o Boca da Noite, o Tirraguzo, que recebia em suas noites o percussionista Mingo e o guitarrista Joca. Lugares isolados que compunham um cenário de uma cidade ainda mais provinciana. Nada foi premeditado. Mas, poucos anos depois de Alexandre Maia abrir sua agência de propaganda, Natal vira palco de shows memoráveis, como a última apresentação ao vivo da Legião Urbana, em 1992.

O empresário pega um arquivo de fotos para lembrar as apresentações em Natal que achou mais significativas nos últimos 20 anos. Os nomes são muitos. Foram mais de dois mil shows. Ele conta a história de alguns deles. Nada detalhado.

Parece não gostar de expor a intimidade de artistas nacionais que conhece tão bem. E nada daquelas histórias de astros que exigem "trocentas" mil toalhas brancas e outras tantas vermelhas com bolinhas amarelas: excentricidades costumeiras no meio artístico. Aqui e acolá escapa algum fato curioso. Nada que denigra a imagem de ninguém, como a noite de autógrafos com o enigmático Jorge Mautner, em um momento inesperado de poesia e música. Das vindas de Roberto Carlos, também saem algumas histórias. Maia foi quem promoveu os últimos sete shows do "Rei" na capital potiguar. O primeiro deles quebrou um intervalo de 21 anos da última apresentação. É um dos orgulhos que guarda.

Alexandre Maia é potiguar. Pra ser hoje amigo íntimo de Toquinho, Geraldo Azevedo, Nana Caymmi e Guilherme Arantes, foi a Campina Grande estudar engenharia mecânica, na universidade federal da cidade, em 1980. Lá, envolveu-se com o movimento estudantil. A idéia dos estudantes era promover shows com artistas locais para arrecadar dinheiro e fomentar as atividades do diretório acadêmico. Foram os primeiros contatos com nomes como Elba Ramalho, Chico César, Zé Ramalho. Ao voltar a Natal, montou a choperia Pressão Alta, depois chamada Bye Bar Brazil, verdadeira vitrine para artistas locais mostrarem sua música. No ano seguinte, em 1985, investe numa agência publicitária. A idéia era promover shows para tornar sua choperia mais conhecida. "O tiro saiu pela culatra". O mercado publicitário mirou a promoção de eventos e passou a contratar Alexandre Maia e sua Agenda Propaganda para promover shows na cidade.

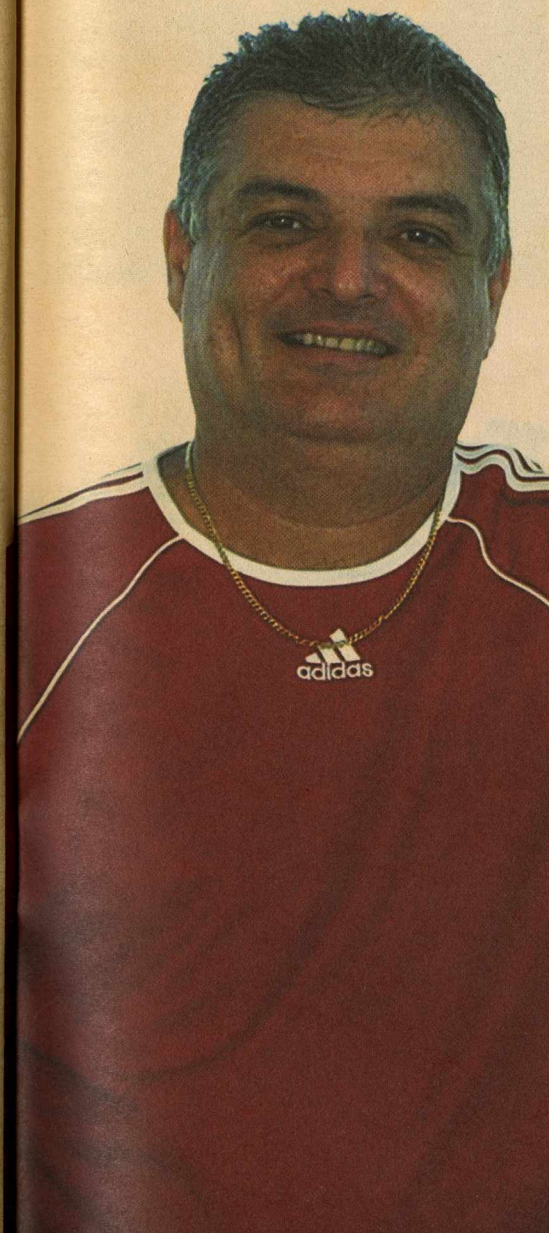
A agência deslançou. Alexandre Maia passou a promover shows pelo Brasil. Montava turnês de grandes artistas nacionais. Viajava de Porto Alegre a Rondônia. Com o passar dos anos, a rotina pesada das viagens o fez concentrar seu trabalho em turnês pelo Nordeste. "Agora trabalho mais em Natal. O início foi a fase de consolidar a empresa no mercado". Alexandre Maia conta que, mesmo com a responsa-

bilidade da promoção de mega eventos, a estrutura dos artistas na época era simples. Há uns cinco anos, segundo o empresário, é que os contratos e toda a logística de show mudaram. A nova tecnologia de luzes e aparelhagens de som é exigida pelos "astros top de linha". As tarifas dos hotéis também subiram. Os cachês praticamente triplicaram em quatro anos. Alexandre Maia acredita que a subida exorbitante foi decorrente do acidente sofrido por Herbert Vianna. "Quando ele voltou, muito requisitado, cobrou 60 mil reais por show. Talvez por coincidência todos os outros cachês como Kid Abelha, Rita Lee, também subiram. A única coisa que permaneceu foi o preço dos ingressos".

COM MAUTNER E PESSOA

São 21 anos de convivência íntima e bate-papo com artistas. Com essa propriedade, Alexandre Maia opina ser o tropicalista e atual ministro da Cultura Gilberto Gil o mais completo artista brasileiro da atualidade. Orgulha-se do show Kaya n' Gandaya, produzido quando Gil já era ministro. "Estavam todos os dinossauros no palco!", lembra. Num reveillon na praia de Graçandu, momentos e "troca de idéias" com Toquinho. Quando do primeiro show de Roberto Carlos em Natal, produzido pela sua Agência, a lembrança embaraçada de uma "senhora produção" no camarim do Rei. Foram cascatas de camarão e crustáceos, as melhores bebidas, vinhos de primeira, etc. Mas Roberto Carlos chegou pedindo um vinho "meiaboca" e algumas torradas com requeijão para acompanhar.

Mas a história que gosta de contar completa e em detalhes é com... "aquele cara do maracatu atômico, Jorge Mautner, um dos caras mais cultos que conheci". Após o show do poeta do kaos no antigo Bar do Buraco, o compositor esqueceu de levar os discos que venderia ao público. O show lotou. Ele hospedara-se na chamada Casa do Hóspede, em Ponta Negra. "Ele perguntou se eu poderia acompanhá-lo ao hotel para pegar os discos. Tinham lá



uns 15 álbuns. Quando chegamos, ele decidiu logo autografar pra adiantar. Enquanto eu tirava os plásticos dos discos, ele perguntou se eu me incomodaria de ele recitar poemas de Fernando Pessoa. Abriu um livro e pegou um violino. Enquanto recitava, tocava, naquele jeito performático dele. Eu me arrepiava todo. Ele dizia que eu era um ótimo ouvinte. O fato é que quando voltamos ao Bar do Buraco não havia mais ninguém".

CHICO BUARQUE EM NATAL?

Mesmo com dois mil shows produzidos no currículo, Alexandre Maia guarda frustrações e esperanças. Algumas permanecerão intocáveis em seu íntimo. Elis Regina e Tom Jobim partiram sem que o empresário pudesse presentear o público potiguar com estas presenças. A esperança do momento é a vinda de Chico Buarque. As tentativas se sucedem há pelo menos 15 anos. Até por intermédio de Toquinho, amigo íntimo do compositor e também do empresário.

Maia disse que viu matéria de Chico Buarque no Programa Fantástico, da Rede Globo, onde ele comentava sobre sua mais nova turnê no eixo Rio-São Paulo e que iria completá-la no Nordeste, percorrendo Recife, Salvador e Fortaleza. "Liguei imediatamente pra Vinícius, empresário de Chico e deixei recado na secretária eletrônica. Ele retornou a ligação, para minha surpresa. E pediu para que eu passasse um e-mail candidatando Natal a entrar no roteiro, e que no momento oportuno veria a possibilidade. Isso tem uns dois meses. Liguei ontem (27/10) pra ele. Eles estão em Portugal. Ainda estou aguardando".

DE ESPAÇOS E ARTISTAS LOCAIS

Embora enalteça projetos culturais produzidos em Natal, Alexandre Maia ainda lamenta a escassez de espaços apropriados para grandes shows e um teatro de maior porte no estado. Esse é um dos motivos apontados pelo empresário para a pouca projeção dos artistas potiguares fora do Nordeste. "E Natal

também recebe muita influência de fora, até mesmo pela sua localização geográfica. É uma herança dos tempos da 2ª Guerra Mundial e da chegada dos americanos na cidade".

Colaborador do Projeto Seis e Meia, Alexandre Maia lamenta que o Teatro Alberto Maranhão abrigue pouco mais de 600 lugares e se limite a pequenas apresentações. O empresário também reclama da pouca disponibilidade do TAM para shows. Ainda assim é o espaço tido por ele como único designado para shows musicais. "A única pessoa que pensou em espaço para show em Natal foi Alberto Maranhão. Isso há mais de 100 anos. De lá pra cá, nada".

As lamentações do empresário param na pouca infra-estrutura de espaços. Aos artistas da terra e as iniciativas culturais produzidas em Natal, sobram elogios. Um deles se dirige ao projeto SeaWay Cultural, iniciativa do produtor cultural José Dias. Segundo Maia, esse projeto deu dignidade ao artista local. "Além do cachê reduzido dos bares, o artista toca e o cara está bebendo, de costas. Não tem aquela atenção que merece. Esse projeto deu visibilidade e dignidade ao artista local. Embora seja num shopping, Zé Dias deu uma roupagem de show, que fugiu daquela coisa de bar".

O projeto Nação Potiguar e o até agora extinto Domingo na Praça também foram citados pelo empresário como "projetos fantásticos, com artistas de excelente qualidade". E afora nomes locais como Roberto Taufic, Manoca, Paulo Sarkis, Beethoven, Mingo, Joca e outros que Maia preferiu parar para não esquecer, o empresário ressaltou os trabalhos de Roberta Sá e Marina Elali, que tem recebido elogios no eixo Rio-São Paulo. Da cantora Valéria Oliveira, Alexandre Maia guarda a recordação de uma apresentação no restaurante Veleiros: "Pela primeira vez vi uma artista apresentar apenas o repertório autoral. Isso pra mim foi muito marcante". E completa: "Nossos artistas não deixam nada a desejar a ninguém. Pode acreditar".

bailarinos



O talento de seis jovens dançarinos do Balé da Cidade do Natal vai além das fronteiras do estado

Texto
Patrícia Cordeiro

Fotos
Argemiro Lima

Ressoam os últimos acordes de uma música regional. O CD toca no aparelho de som encostado à parede, ao lado da porta, um pouco mais alto do que a professora consegue alcançar. Algumas lâmpadas, compridas, iluminam o tablado, que parece duplicar de tamanho a cada palmo do espelho de parede inteira ao fundo da sala quase quadrada. Nos passos, sensualidade, paixão e suor. Muito suor. Se mexem com o que parece ser forró, adaptado para a dança contemporânea numa coreografia de passadas fortes. São doze corpos exalando cansaço e satisfação. Seis casais. Vinte e quatro pernas se entrelaçando em ritmos quase iguais, quase em transe, até o momento do descanso. Curvas com a coluna, com os braços e muitos olhares. É o pedaço final de um dos ensaios do grupo do Balé da Cidade do Natal, na Fundação Cultural Capitania das Artes, na Ribeira.

Anízia Marques, a pequena gigante professora e coreógrafa do balé de Natal,

se dá por satisfeita, e manda parar – mas não antes de ajustar alguns detalhes que não lhe agradaram até ali. As moças, esguias, deixam a sala. Me sobram seis belos bailarinos, sentados em círculo, a quem fui entrevistar algumas vezes, e sempre fui muito bem recebida.

Quem é das artes e vê a cena do ensaio, pensa logo na magnitude de se ter gente tão boa na cidade. Quem não é, de imediato tira do bolso a idéia segregacionista de que homem que dança não é homem.

Mas para os donos daqueles seis corpos muito bem delineados e detentores de uma postura invejável, as futilidades do preconceito ainda tão latentes em pleno século XXI, e que muitos chegaram a sofrer dentro de casa, se anulam. Eles são os principais bailarinos homens no quadro do Balé da Cidade, e ainda este ano foram prestigiados no Festival Internacional de Dança de Joinville – o maior da América Latina –, abraçando prêmios e elogios.

PONTA, CALCANHAR

De outra feita, em entrevista para esta mesma BROUHAHA (edição nº 3), Anízia contava o quanto era difícil ser bailarina nos tempos de antigamente. Que era preciso recheiar as sapatilhas com panos, meias ou qualquer coisa que pudesse ajudar à dançarina a fazer a ponta. Além disso, quem fizesse parte de alguma companhia de balé, e tomasse isso como profissão, era, de certa forma, marginalizada pela sociedade em geral, por praticar uma arte, uma dança. Passa o tempo, e já não são mais necessárias as lutas – seja com a indumentária, seja com a família e amigos. Isso, se você for mulher.

Para os bailarinos, ainda é urgente aquele velho “chega pra lá” no preconceito. É a regra do “só serve se for famoso”, “santo de casa não faz milagre”. Muita gente enaltece os famosos bailarinos russos, estrangeiros, mas dá de ombros ao saber que, aqui em Natal, no centro histórico e cultural da Ribeira, berço da cidade, nascem e se formam grandes dançarinos.

E isso ainda existe? Segundo os meninos, existe sim. “Foi muito difícil no começo. Imagine aí: eu trabalhava na Polícia Militar. Convivia com pessoas de todos os tipos, mas grande parte não entendia como eu poderia dançar balé. Como se isso fosse uma coisa de outro mundo.

Mas eu nunca liguei!”, conta Álvaro, quase ao mesmo tempo em que narra o preconceito que presenciou ao entrar na PM sendo dono de piercings e tatuagens.

Quatro destes nossos seis bailarinos tiveram que enfrentar essa dificuldade dentro de casa. A família como obstáculo primário (mas, ainda bem, não definitivamente) aos desejos de dançar profissionalmente. “Acho que se meu pai, um dia, me visse ensaiando ou chegando em casa com as sapatilhas, ele iria enlouquecer!”, arremata Leo. “Deve ser porque eu sou o único homem dos filhos, e ele tinha esperança de que eu fizesse algo mais comum, ou pelo menos que desse mais dinheiro”, brinca.

FESTIVAL E PRÊMIOS

Era o mês de julho. Alberth, Alexandre, Álvaro, Franklin, Gean e Leo formam o grupo Bangüê de balé a partem, junto com Anízia, rumo a Joinville para participar do Festival Internacional de Dança de Joinville – um dos mais importantes do mundo. Na bagagem, um solo (*Prece*), um trio (*No caminho de casa*) e um sexteto (*Tabaréu*), todos coreografados e dirigidos pela professora do municipal.

A resposta do público quanto às coreografias que o grupo levou, foram as melhores possíveis. “Foi uma surpresa a receptividade que essa história teve. As pessoas pensavam que, só porque

somos nordestinos, tínhamos que levar histórias sertanejas em tudo o que fazemos. Não é bem assim. A arte não tem rótulos”, comenta Alexandre sobre a história de *No caminho de casa*. A coreografia fala sobre um triângulo amoroso entre três personagens masculinos, e impressionou o público pela sensibilidade. “Fizemos sucesso, muito mais do que eu poderia imaginar. As pessoas nos paravam para comentar sobre as apresentações, elogiavam. Foi impressionante”, completa o dançarino.

Uma característica interessante do festival é a possibilidade de apresentar espetáculos em palcos abertos, alheios ao julgamento oficial. Supermercados, praças, shoppings. Quase todos os pontos da cidade tinham um lugar exibindo bailarinos de todos os lugares do país. “E isso era muito divertido. As pessoas paravam de fazer compras para nos ver dançar. E o detalhe é que elas ficavam durante a apresentação inteira, não saíam na metade”, Franklin desenha a cena com as mãos, enquanto narra a experiência.

De Joinville o grupo trouxe a premiação de primeiro lugar para *Prece* e o segundo lugar para *No caminho de casa*, além da indicação de coreógrafa revelação para Anízia. Mas foi um prêmio individual que deu aos meninos orgulho e certeza de competência: Alberth Lincoln foi selecionado para estudar na escola brasi-



Gean Carlo, Franklin Gadelha, Álvaro Paraguai, Alexandre Lima, Alberth Lincoln e Leonardo Filho

leira do Bolshói – a maior escola de balé do mundo, sediada na Rússia.

Depois de ter se atrapalhado na inscrição, e ter jurado que não passaria na audição. Lincoln soube do resultado pelo telefone, através de um amigo que viu o seu nome na lista dos aprovados. “Eu quase não acreditei, saí correndo para ir conferir. Foi a maior felicidade da minha vida”, diz o novo aluno, com um sorriso ainda incrédulo nos olhos.

Para o grupo, a emoção foi coletiva. “O fato de Lincoln ter conseguido isso, estudar na melhor escola de balé do mundo, é resultado de esforço e talento. A mesma felicidade que ele sente, sentimos também”, garante Álvaro.

O problema agora é dinheiro. Na verdade, dinheiro será a solução do problema de Alberth. É que estudar no Bolshói significa: pagar mensalidade, ter aonde morar, bancar um apartamento, supermercado...despesas que ele ainda não sabe como vai pagar. “Estou tentando alguns patrocínios, conversando com algumas pessoas. Mas ainda não sei exatamente como vou fazer”.

Mas, apesar da incerteza, ele não se deixa abater. “É muito difícil. Vai ser muito difícil. Só que tenho que correr atrás, e não desanimar. Afinal, essa é uma oportunidade única para mim, e para o balé do estado. Conto com a boa vontade de alguma alma amiga”, torce.

PAS-DE-SIX

Foi-se o tempo em que Leo precisava esconder as sapatilhas do preconceito do pai para fazer o que gosta. Nascido **Leonardo Filho**, no Seridó do Rio Grande do Norte, negro e único homem – exatamente no meio – de mais seis irmãs, largou o atletismo, esporte em que chegou a fazer carreira, para praticar balé. Há oito anos, o calçado de ponta é o que usa com maior propriedade e prazer.

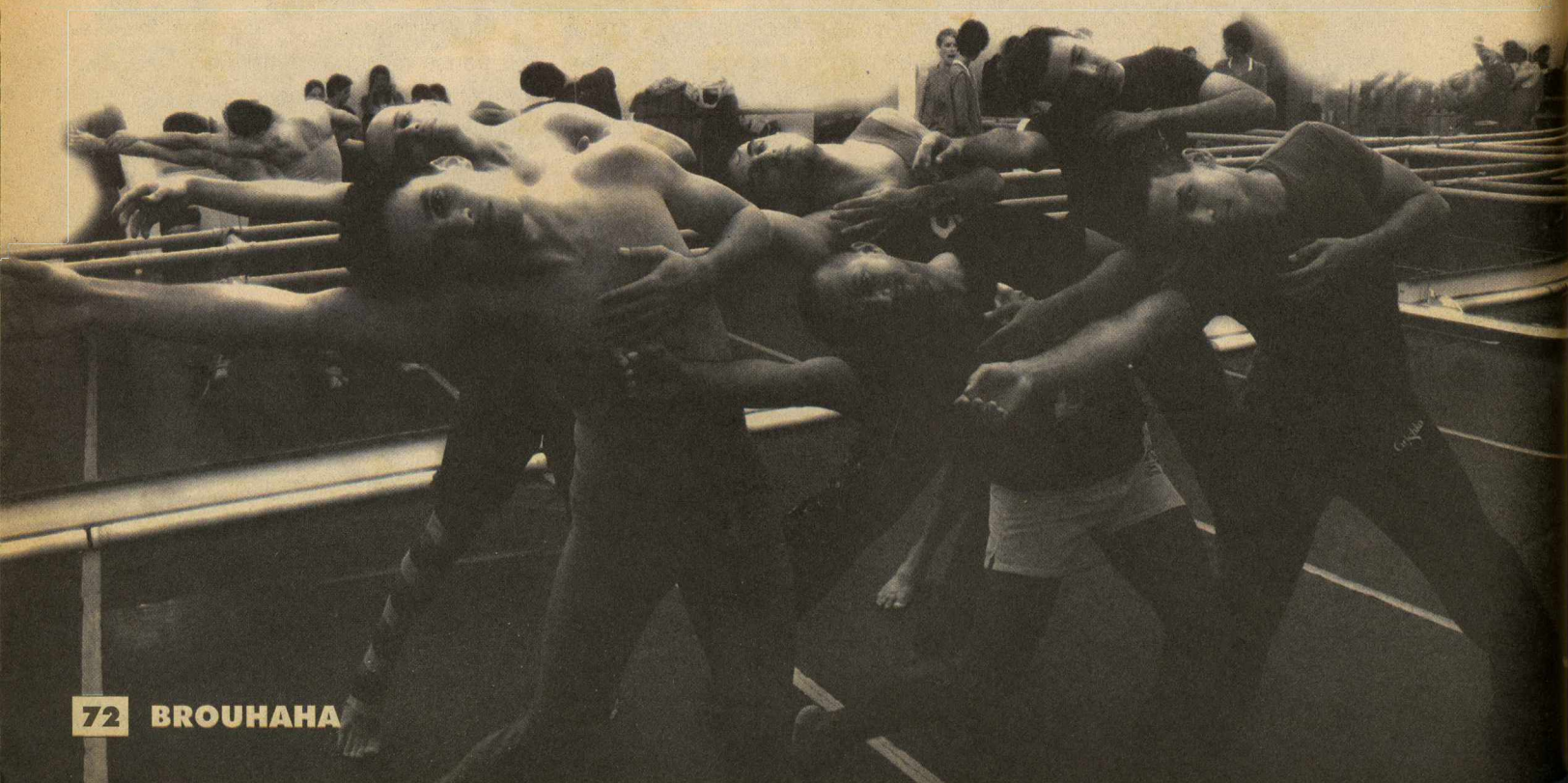
Nascido em Mato Grosso do Sul. Por isso o sotaque diferente. **Alberth Lincoln**: Porque seus pais resolveram homenagear duas personalidades num nome só, ele não soube explicar. Mas garante que não se incomoda com o registro de nascimento. Apesar de parecer tímido à primeira vista, os colegas garantem: é só um jeito “mineirinho” de ser.

Entrou no curso de matemática na UFRN em 2001. E foi na universidade que **Franklin Gadelha** se interessou pela dança, quando conheceu amigos que faziam parte das rodas de artes. Também não ostentava as sapatilhas para os pais, que só descobriram o balé depois de alguns anos. Já fez parte do grupo Gaia. Conta que a mãe só o viu dançar uma única vez, e que vai tentar outro curso na universidade em breve, já que não terminou o primeiro.

Apesar de ser potiguar, e ter sido criado no Rio de Janeiro, **Gean Carlo** conheceu o balé em meio às luzes e aos encantos da Europa, aonde estudou por alguns anos. De volta ao Brasil, caiu nas graças dos festivais de dança de São Paulo e de outros estados do eixo Sudeste. Tem uma maneira peculiar de contar suas histórias: a modéstia impera. A humildade, também.

Balé clássico para **Alexandre Lima** era o fim. Sempre gostou de dançar, mas balé nunca fez parte do seu repertório. Fez aulas, então. Aluno de Radialismo na UFRN, deixou o curso para dançar. Em 2006, passou no vestibular para Artes Cênicas. Entrou em várias companhias, mudou o estilo de dançar. Hoje, a opinião é outra: “balés de repertório são verdadeiras obras de arte. Mas o contemporâneo é muito mais intenso”.

Álvaro Paraguai tem um piercing na língua, outro na sobrancelha, mais alguns nas orelhas, além dos brincos usuais. Tatuagens pelo corpo, rosto quadrado e policial militar desde 2001. Descontraído, fala muito, e, aperreado, não tem paciência de esperar o interlocutor terminar a frase – especialmente se não entende ou não concorda com a mensagem. A palavra que mais gosta de falar? Bizarro!



Texto
Jóis Alberto

Fotos
Arquivos de Carlos Tourinho



Mercado Audiovisual

PÓLO DE CINEMA E VÍDEO EXIBE UMA NOVA PRODUÇÃO LOCAL EM CRESCIMENTO

Existe um pólo de cinema e vídeo em Natal? Se o critério de análise usado for a produção em escala industrial de filmes, a resposta evidentemente é não. Mas iniciativas como a produção crescente de documentários, a realização de cursos teóricos e práticos da sétima arte, além da promoção do FestNatal, apontam para uma resposta afirmativa à questão. Natal tem grandes possibilidades de se tornar um pólo produtor da indústria do audiovisual (cinema e televisão). Alguns outros fatos recentes também contribuem para confirmar essa possibilidade. Um deles é a produção de *As Pelejas de Ojuara*, longa-metragem baseado em romance homônimo do escritor potiguar Nei Leandro de Castro, numa produção de Luis Carlos Barreto e direção de Moacir de Góis. O filme, que conta com apoio da Prefeitura de Natal, além de outros órgãos públicos e empresas privadas, com Marcos Palmeira no papel título, teve recentes locações em Natal e interior.

O FestNatal (Festival de Cinema e Vídeo de Natal), por sua vez, tem cumprido alguns objetivos relevantes para a divulgação do cinema brasileiro e também para a difusão das produções local e regional de filmes. A programação do 16º FestNatal foi realizada com uma série de eventos entre agosto e novembro. Porém, a promoção do cinema nacional não se limita apenas a aumentar e consolidar espaço no mercado exibidor. É preciso também formar novos profissionais para o setor.

Em Natal, esse papel tem sido cumprido atualmente pelo veterano documentarista Carlos Tourinho e pelo jornalista e produtor cultural Henrique José, da Zoon, ong cultural que, em parcerias com instituições públicas e empresas privadas, têm realizado com êxito cursos teóricos e práticos de cinema. O próprio FestNatal também desenvolveu, este ano, iniciativas nesse sentido, promovendo oficinas sobre movimentação do ator em teatro e cinema; maquiagem e efeitos especiais.

Cenas de documentários produzidos no estado em 2006: *Beco da Lama e Rua Chile*, ambos dirigidos por Carlos Tourinho

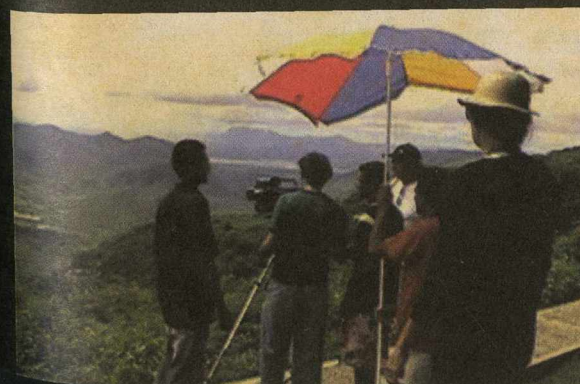
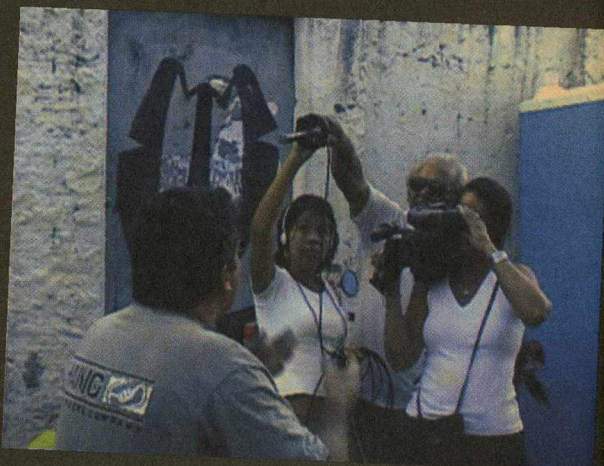
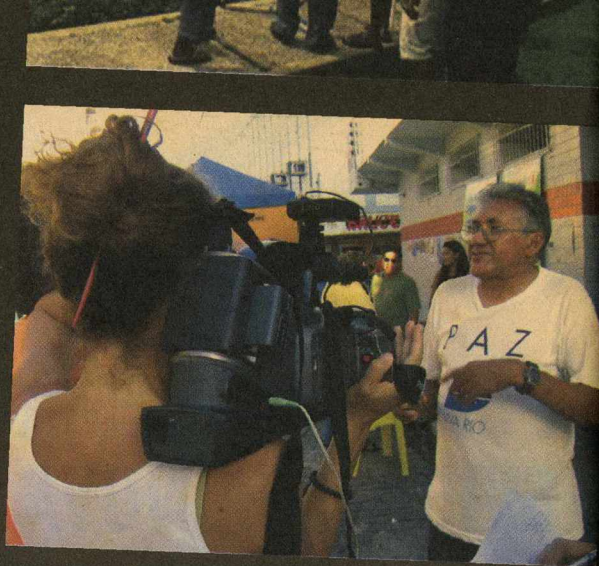
Outro sinal positivo é o desenvolvimento do mercado exibidor comercial local, que volta aos bons tempos, agora incorporando as mais recentes novidades no setor. Depois de um extenso período em que contou com um número reduzido de salas de cinema - em média de três a cinco, o que se deu principalmente entre as décadas de 70 até alguns anos atrás, em decorrência de vários fatores, como a massificação da TV, vídeo cassete, e novíssimas tecnologias como o DVD-, Natal conta hoje com 14 salas de cinema, no conceito multiplex e instaladas em shoppings centers. A previsão é que esse número de salas aumente para 21 em 2008, quando deverá ser inaugurado um novo shopping center, o primeiro grande shopping da Zona Norte natalense. Merece registro ainda a retomada, desde 2005, do movimento de cineclubismo, com o trabalho de divulgação de clássicos da sétima arte, feito pelo Cine Clube Natal, no cine-teatro do TCP, no Tirol.

Também tem contribuído para esse boom do audiovisual natalense o uso, cada vez mais acessível, de filmadoras digitais (miniDV e DVD), graças ao desenvolvimento científico e tecnológico nessa área. Na sociedade contemporânea, as relações entre arte e a ciência - no significado usual dos dois termos - ocorrem na medida em que as tecnologias usadas para a criação e a difusão artística, notadamente as do audiovisual - fotografia, cinema, vídeo, computador - são entendidas como conseqüências práticas do desenvolvimento científico. Ou seja, a técnica como o conjunto de procedimentos e recursos de que se serve uma ciência ou uma arte. Outra maneira de se entender essa relação entre arte e ciência, é nos reportando à pesquisa científica em arte enquanto tal, área de estudos que cresce nas universidades brasileiras.

FORMAÇÃO EM CINEMA E VÍDEO

O desenvolvimento sócio-econômico registrado em Natal nos últimos anos, impulsionado principalmente pela indústria do turismo, tema recorrente na pauta da imprensa local e nacional, na agenda do poder público e nos currículos das universidades, possibilitou igualmente o progresso cultural na cidade. Essa relação entre progresso da infra-estrutura e da superestrutura, aqui colocada não como um determinismo, mas como uma possibilidade realizada, torna-se mais compreensível quando se analisa o desenvolvimento do cinema. Ou da indústria do audiovisual, este último um conceito contemporâneo afinado com a tendência de convergência tecnológica dos meios de comunicação de massa. Desde as primeiras décadas do século passado, quando a indústria cinematográfica se difundiu pelo mundo, que Natal tem acompanhado não só a evolução do mercado exibidor, com a construção de salas de cinema, mas também registrado algumas experiências locais de produção cinematográfica.

Levando-se em consideração o atual número de produções cinematográficas, a maioria documentários em curta-metragem de



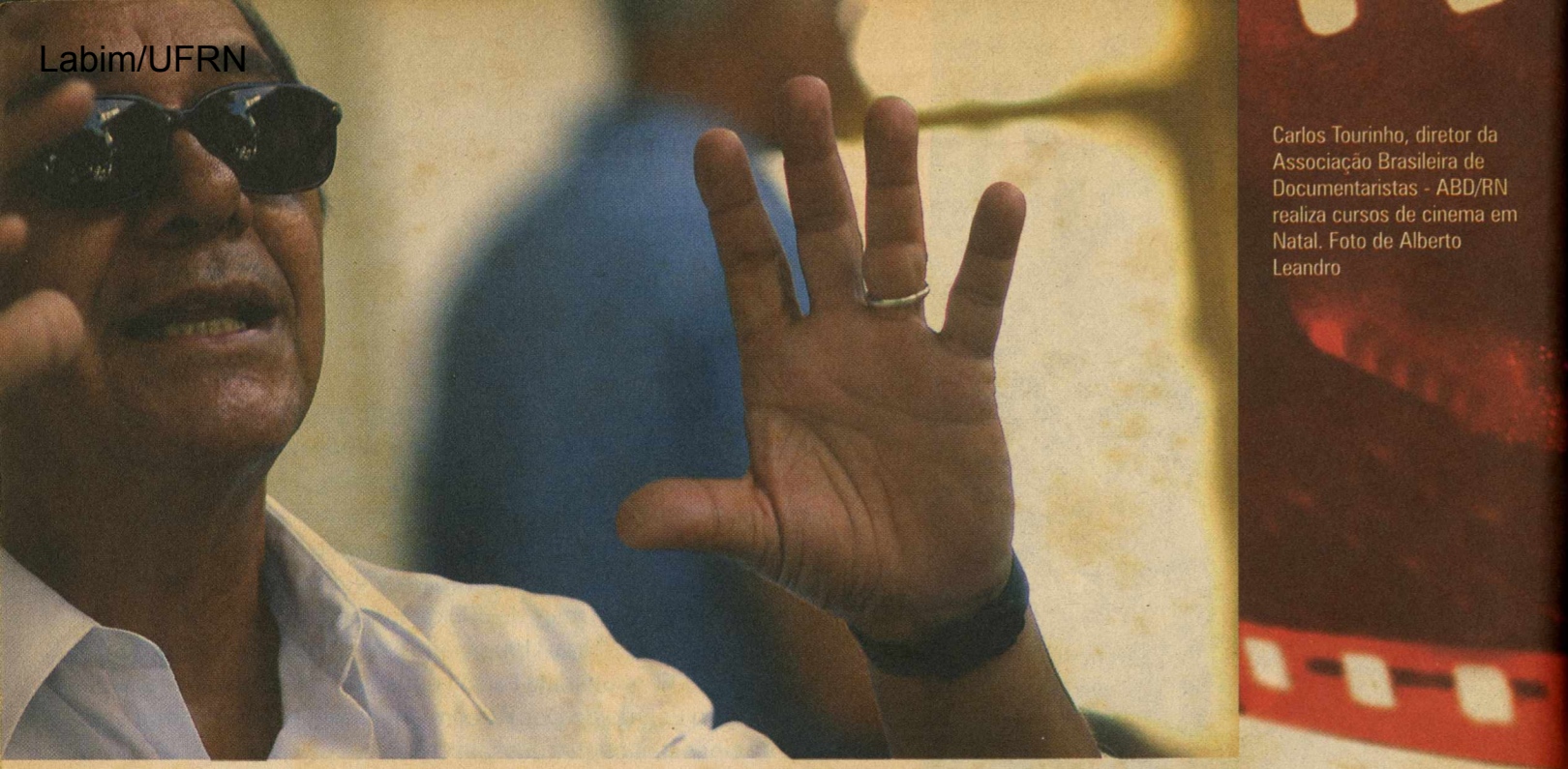
Cenas do *making of* do documentário *Martins*, rodado este ano, que revela aspectos históricos e sociais do município

pequena duração, se não se pode falar em pólo cinematográfico, no sentido industrial do termo, isso não impede o surgimento de um circuito alternativo de produção e divulgação. O Ministério da Cultura, através do projeto Doc.TV, tem selecionado e apoiado algumas iniciativas do cinema documental potiguar, como o documentário *Fabião das Queimadas, poeta da liberdade*, de Buca Dantas. O filme foi selecionado entre mais de 900 de todo o país e exibido em 2004 na mostra "DocTV - Brasil Imaginário", do Minc e TV Cultura de São Paulo. Em 2006, o roteirista Paulo Laguardia foi o vencedor da terceira edição no Estado do DocTV, com documentário que retrata a história da cineasta potiguar Jussara Queiroz.

O documentarista Carlos Tourinho, que entre 2000 e 2004 foi diretor da ABD/RN (Associação Brasileira de Documentaristas), seção do Rio Grande do Norte, realizou neste ano cursos de cinema em Natal, um dos quais com filmagens no Beco da Lama, tradicional reduto de boêmios, artistas e intelectuais natalenses, no centro da cidade. Tourinho, que começou como repórter cinematográfico nos anos 60, tendo trabalhado à época na TV Tupi e na Globo, além de ter sido diretor de fotografia no longa metragem potiguar *Jesuíno Brilhante*, de William Cobbett, tem um vasto currículo em cinema e televisão, com a direção de cerca de 30 curta-metragens, e desde 2000 passou a residir em Natal. Para ele, não se pode falar ainda que Natal já seja um pólo cinematográfico, porque não se realizou, pelos potiguares, nenhum filme voltado para o cinema, exceto o mencionado *Jesuíno Brilhante* e *Boi de Prata*, de Augusto Ribeiro Jr, ambos ainda dos anos 70. Todavia, ele admite, que é crescente na cidade o número de documentários realizados em vídeo.

Segundo Tourinho, antes os cineastas em vídeo, ou melhor videomakers natalenses, usavam as tecnologias em vídeo analógicas em VHS, U-matic e Betacam. "Destas, somente a Betacam está sobrevivendo ao advento do vídeo digital, já que existe no mercado a beta digital", explica ele. Comenta que os primeiros lançamentos de câmera de vídeo digital chegaram ao Brasil na segunda metade dos anos 90. Nessa época, o equipamento era muito caro. "Somente nos últimos dois anos, a câmera de vídeo digital se popularizou, com preços na faixa de R\$ 2 mil", diz ele, que acredita na tendência de queda do preço. Na realidade, conforme ele assinala, filmadoras para cineastas amadores existem desde as primeiras décadas do século passado, em 8 mm, 9 mm e 16 mm. Nos anos 70, popularizou-se o uso da câmera super 8, "que é o tamanho 8 mm com uma área maior de impressão e exibição da imagem".

Já o repórter fotográfico Henrique José, um dos sócios da ZooN Fotografia, uma atuante ong cultural, explica que, buscando focar a atuação da Zoon para os limites além da arte fotográfica, iniciou recentemente ações de intercâmbio e parcerias para a difusão do audiovisual, seja através de oficinas em comunidades, seja com o Projeto Natal



Carlos Tourinho, diretor da Associação Brasileira de Documentaristas - ABD/RN realiza cursos de cinema em Natal. Foto de Alberto Leandro

de Formação em Cinema e Vídeo, abrangendo palestras, mostra de filmes, capacitações, intercâmbios e produção. De acordo com ele, para o cineasta amador ou semi-profissional que tem dinheiro, a opção é o cinema em película. Para quem não tem, é o cinema digital, que é feito de produções com cópias em fitas ou HD (disco rígido), para serem exibidas tanto em tela grande como em aparelho doméstico de TV. No cinema em película, a produção, após filmagens, passa por várias etapas em laboratório, encarecendo o produto, enquanto no cinema digital, a imagem é convertida imediatamente em sinal eletrônico, dispensando dessa forma filme virgem, já que os custos com a compra de HD são fixos; o material gravado sai da câmara e segue direto para a edição, tem cores, contraste e densidade que se aproxima da qualidade da película, mas não risca e nem perde qualidade na edição, dentre outras vantagens.

Quanto ao Projeto Natal de Formação em Cinema e Vídeo, Henrique comenta: "para consolidar um projeto deste porte, atendendo a uma demanda de formação e disseminação da cultura cinematográfica no estado, articulamos parcerias com a Universidade Potiguar (UNP), sendo este um projeto de Extensão Universitária, a ABD-RN, Associação Brasileira de Documentaristas, a Agência Cultural do

SEBRAE/RN, a Fundação José Augusto/TCP (Teatro de Cultura Popular) e a Fundação Cultural Capitania das Artes, para citar alguns dos principais parceiros que já estão apoiando este projeto". Dentre os objetivos específicos do projeto, figuram: realização de intercâmbios com técnicos e especialistas das áreas de cinema e vídeo de todo o Brasil; organizar sete oficinas presenciais ao longo de 2006/2007, envolvendo os conteúdos – História do Cinema, Roteiro, Assistente de Direção, Direção de Fotografia, Produção, Som e Montagem, animação, maquiagem; organizar sete palestras com exibição de filmes, promovendo o relato de experiências e o diálogo em torno de obras cinematográficas; estímulo à produção local, através da seleção de dois roteiros entre os participantes do projeto e incentivo à sua produção. O público alvo é formado por profissionais das áreas de comunicação e propaganda, artistas, fotógrafos, videomakers e público em geral. Turmas de 20 alunos por oficina.

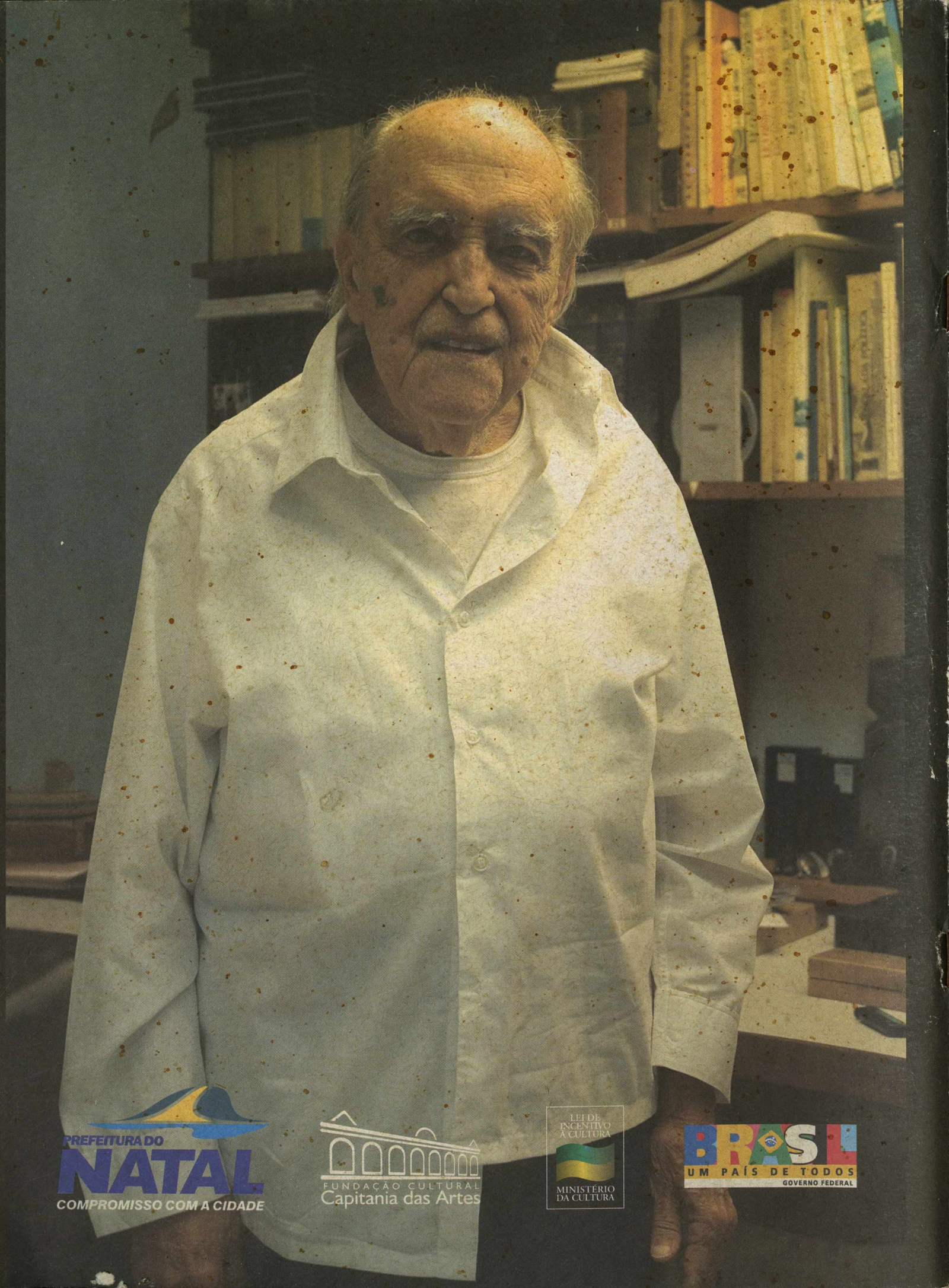
A Cena 1 do projeto foi a oficina Leitura e Expressão Audiovisual, que aconteceu no final de setembro. Em 20 horas de aula, a linguagem do cinema foi trabalhada desde a representação e reprodução de imagens, passando pela projeção de imagens em movimento, o surgimento de uma nova linguagem, as metáforas e símbolos

utilizados pelos diretores até chegar na concepção do produto final. Hermano Figueiredo, documentarista e articulador de projetos audiovisuais, foi o responsável em ministrar as aulas. Ele atua na Ideário Comunicação e Cultura, ong alagoana cujo objetivo é a democratização do acesso aos bens culturais. Em sua bagagem, ele traz a experiência de ter dirigido diversos filmes e documentários. Entre eles, estão *São Luis Caleidoscópio*, documentário premiado por melhor montagem e melhor fotografia, no V Festival de Cinema do Recife e *Choveu e daí?*, que recebeu o prêmio Josué de Castro de Melhor documentário social, no Cine PE. O cineasta foi um dos diretores do Cineclubes Tirol, de Natal, nos anos 80.

Dando continuidade ao projeto, a ZooN realizou na primeira semana de outubro a Cena 2 - oficina de Roteiro. Também em 20 horas de aula, a linguagem de elaboração do roteiro para cinema e vídeo ofereceu as ferramentas para o domínio da técnica narrativa na construção de uma peça audiovisual, e proporcionou o conhecimento dos elementos que compõem uma narrativa e os elementos básicos da linguagem do cinema e do vídeo necessários para a feitura de um roteiro. As aulas foram teóricas e práticas, tendo sido trabalhada a adaptação de um texto literário de autor potiguar.



Edifício do antigo Hotel Duca. Foto Argemiro Lima



PREFEITURA DO
NATAL
COMPROMISSO COM A CIDADE


FUNDAÇÃO CULTURAL
Capitania das Artes

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL